MILAGRES NO CORAÇÃO



Sermões em redor do Evangelho de Marcos

TIAGO CAVACO

VIDA NOVA

MILAGRES NO CORAÇÃO



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Angélica Ilacqua CRB-8/7057

Cavaco, Tiago
Milagres no coração: sermões em redor do evangelho de Marcos / Tiago Cavaco. -- São Paulo: Vida Nova, 2019.
224 p.

ISBN 978-85-275-0940-4

1. Sermões 2. Bíblia. N.T. Marcos I. Título

19-0614 CDD 252

Índices para catálogo sistemático

1. Sermões

MILAGRES NO CORAÇÃO

Sermões
em redor do
Evangelho
de Marcos

TIAGO
CAVACO

VIDA NOVA

©2019, de Edições Vida Nova
Publicado originalmente sob o mesmo título por
QUETZAL EDITORES (Lisboa, Portugal).

Todos os direitos da publicação no Brasil, em língua portuguesa, reservados por
SOCIEDADE RELIGIOSA EDIÇÕES VIDA NOVA
Rua Antônio Carlos Tacconi, 63, São Paulo, SP, 04810-020
vidanova.com.br | vidanova@vidanova.com.br

1.ª edição: 2019

Proibida a reprodução por quaisquer meios, salvo em citações breves, com indicação da fonte.

Por decisão do Autor, este livro mantém a grafia de Portugal anterior ao Acordo Ortográfico de 1990.

Todas as citações bíblicas sem indicação da versão foram extraídas da Almeida Revista e Actualizada.

DIREÇÃO EXECUTIVA
Kenneth Lee Davis

GERÊNCIA EDITORIAL
Fabiano Silveira Medeiros

EDIÇÃO
Franciso José Viegas

PREPARAÇÃO DE TEXTO
Diogo Morais Barbosa

REVISÃO DE PROVAS
Paula Caetano
Rosa Ferreira

GERÊNCIA DE PRODUÇÃO
Sérgio Siqueira Moura

DIAGRAMAÇÃO
Sandra Reis Oliveira

CAPA

Souto Crescimento de Marca

Um dos maiores obstáculos a que aceitemos a ideia de um Deus que existe e que resolveu revelar-se através de um livro como a Bíblia vem do muito que não queremos saber. Creio que existe um receio inconfessado de que a possibilidade de Deus se ter revelado mesmo na Bíblia tenha mais pés para andar do que gostaríamos e, naturalmente, coloque em causa a nossa falta de fé.

Tiago Cavaco

À minha mãe, Eunice, e ao meu pai, Henrique,
que me educaram junto à palavra
— a matéria dos milagres.
À Filomena e ao João Parreira,
frutos da árvore destes sermões.

SUMÁRIO



Agradecimentos
Prefácio
Prelúdio

SERMÕES

1. Jesus a tomar conta da cena
2. O Diabo no deserto e o emprego no mar
3. Demónios estridentes ensinando cristãos adormecidos
4. Começa no coração e acaba nas pernas
5. Seguir é o melhor remédio
6. Inimigos e discípulos mais dedicados
7. A família de Jesus é filha de Deus Pai
8. A inteligência nas orelhas
9. Fruta do céu
10. Três parábolas
11. A soma dos medos
12. A presença de Jesus
13. A cura e a ressurreição
14. Casa de carpinteiro
15. Fantasmas maiores do que homens
16. Dieta milagrosa

17. Quando o coração não sente, a cabeça não pensa
18. O legalista é um ator
19. O mal vê-se por dentro
20. Cães e pães
21. Jesus muda o mudo e muda a multidão
22. Fermento no provisório
23. Arreda, Satanás!
24. Autonegação e cruz

Poslúdio

AGRADECIMENTOS



ESTE LIVRO TEM UM AUTOR, mas, de certo modo, é resultado de muitos mais. Um sermão deve ser entendido numa lógica de diálogo. É certo que, quando se prega a Escritura, há só um a fazê-lo e muitos a ouvir. Mas a pregação pressupõe que Deus fala e que os homens respondem ouvindo (na Bíblia, ouvir nunca é apenas ouvir). Isso quer dizer que pregar um sermão e ouvi-lo são atividades que se influenciam mutuamente. Nesse sentido, este conjunto de sermões existe também graças às pessoas que os ouviram entre 2011 e 2012, na estreitinha sala da Igreja Baptista de São Domingos de Benfica e mais tarde no ligeiramente maior salão da Igreja Baptista de Benfica. Agradeço a Deus por essas três, quatro dezenas de queridos irmãos. Agradeço à Igreja da Lapa (Segunda Igreja Evangélica Baptista de Lisboa) por ser a minha comunidade cristã local e pelo encorajamento na publicação dos meus livros.

Agradeço ao Francisco José Viegas e à Quetzal por acreditarem em publicar sermões e me acolherem.

Agradeço ao Ricardo Araújo Pereira pela generosidade do prefácio e pela inteireza da sua divergência quando, com posições opostas, discutimos os assuntos da existência de Deus.

Agradeço à minha mulher e aos meus filhos. A Ana Rute, a Maria, a Marta, o Joaquim e o Caleb acompanharam estes sermões com graus diferentes de consciência (o Caleb tinha um ano e pouco quando eles começaram a ser pregados). Sem a minha família, este

livro não existiria. Que estes sermões, também como retribuição do que me dão, possam ser úteis para que permaneçam caminhando ao lado de Cristo. É isso que desejo para todos os que amo.

PREFÁCIO



EM CERTO PONTO DE *LE ROYAUME*, Emmanuel Carrère conta a história de um amigo que ouvira dizer que um seu colega de infância tinha sido de tal forma tocado pela graça que se tornara padre. Temendo que lhe acontecesse o mesmo, ele rezava todas as noites, pedindo a Deus a graça de não ser tocado pela graça. Tiago Cavaco é uma espécie de avesso do amigo de Carrère. O outro pede: "Livrai-me do que é difícil"; ele exige: "Apresentai-me a dificuldade. Aguardo-a. Estou ansioso por confrontar-me com ela". Faz especial sentido, por isso, que este pregador se dedique (ou se dedique em primeiro lugar) ao Evangelho de Marcos. É um texto que resiste a ser compreendido — como acontece, aliás, com o seu protagonista. A dificuldade de compreender Jesus é, precisamente, um dos temas de Marcos. Cristo exprime-se através de parábolas, o que não ajuda. Faz afirmações estranhas, como quando diz que os mais humildes são os mais poderosos ou que os últimos são os primeiros. Come com os pecadores — e parece ter simpatia pelo que é impuro. Os seus próprios discípulos não o reconhecem; os demónios, pelo contrário, sabem imediatamente quem ele é. Apesar de ser o glorioso Messias, acaba escarnecido e executado. É a razão pela qual os crentes se batizam, mas o Evangelho começa com o seu baptismo. Além disso, como diz Paula Frederiksen, o Cristo de Marcos é um homem que tem pressa. É mais áspero do

que sedutor, mais enigmático do que amável. Em linguagem moderna, diríamos que não tem sensibilidade para o marketing.

Sucede que Tiago Cavaco é um crente à medida do seu Deus. Não é um pregador de gala; é um pregador de combate. Confessa (ou provoca): “Este é um livro de um crente que quer mesmo impingir a sua crença a quem ainda não a tem”. No entanto, o nosso modelo de pregador é outro, e também por isso a comparação é inevitável. Vieira pregou o Sermão da Sexagésima na Capela Real; o Tiago pregou os seus numa cave em São Domingos de Benfica. Onde Vieira é cativante, o Tiago é duro; onde Vieira é complicado, o Tiago é simples e claro; onde Vieira cita o texto latino da Vulgata, o Tiago cita Nick Cave. Como leitor, quero esclarecer que não estou a tomar partido: estou apenas a registar uma diferença — que torna diferente a leitura.

Porque é disso que se trata: ler. Há duas maneiras de uma pessoa se relacionar com um objeto sagrado. Uma é não lhe tocar; outra é engoli-lo. Na Bíblia encontramos várias indicações de que Deus não deseja ser tocado. Há ordens importantes que parecem apontar nesse sentido: “Não olhes para o meu rosto, não desenhes o meu retrato, não digas o meu nome em vão”. Mas, claro, há um argumento decisivo a favor da segunda opção: “Tomai, todos, e comei: isto é o meu corpo”. A proposta do Tiago é comer a Palavra. Interiorizar o texto, torná-lo parte de si, batalhar com o seu significado como quem se debate com uma refeição que caiu mal. Às vezes o texto é indigesto, mas o pregador recusa açucará-lo. Pelo contrário, quer concentrar-se na indigestão, na razão pela qual a Palavra resiste a ser assimilada. A proposta do protagonista de Marcos não é exatamente um convite para a glória, é antes de mais nada um convite para o sofrimento. É nesse convite, e não noutro, que este pregador está interessado. Que mérito há em aceitar um convite para a glória? E é natural que seja difícil aceitar um convite para sofrer. O próprio Cristo, na cruz, pergunta: “Deus meu, porque me desamparaste?”. Deus feito homem parece não compreender o

seu próprio sofrimento. Talvez seja isso que ser homem significa: ser incapaz de compreender o seu próprio sofrimento. O que o autor destes sermões pretende é, então, preparar-se a si e aos outros para a tarefa difícil de compreender um convite para uma tarefa ainda mais difícil. Sem transigir nem ceder à ideia de que ambas as tarefas podem ser mais fáceis do que parecem. O Evangelho de Marcos é um terreno inóspito. Talvez seja apropriado, e até mais seguro, experimentar conhecê-lo com a ajuda de um guia inflexível.

Ricardo Araújo Pereira

PRELÚDIO



ESTA SÉRIE DE SERMÕES FOI PREGADA há quase sete anos. Na altura, a congregação que a ouviu rondava as trinta pessoas. Durante quase dois anos, a nossa comunidade de então, a Igreja Baptista de São Domingos de Benfica, reunida numa cave estreita em frente ao Hospital da Cruz Vermelha, leu o Evangelho de Marcos de fio a pavio. Não posso falar por todos, mas posso falar pelo pregador. Ainda hoje, o Evangelho de Marcos é a estrutura do meu conhecimento acerca de Jesus. Já li a Bíblia várias vezes e leio-a totalmente todos os anos (é o mínimo que se pode pedir a um pastor). No que diz respeito aos Evangelhos, fico espantado diante da profundidade de João, surpreendo-me com a elegância de Lucas e admiro a resolução de Mateus. Mas é o esqueleto dos dezesseis capítulos de Marcos que continuo a recitar frequentemente como a minha âncora evangélica. Não voltei o mesmo da leitura destas páginas.

O Evangelho de Marcos ficou para mim como aquele texto que imediatamente recomendo a alguém que quer começar a ler a Bíblia. E geralmente, junto com essa recomendação, sugiro um desafio: “Toma nota daquilo que te surpreende em Jesus, sobretudo daquilo que nele te ofende”. Acarinhar os aparentes maus-tratos que Jesus nos inflige é um dos meus credos. Isto porque a leitura dos Evangelhos, e a do O Evangelho de Marcos em particular, dificilmente sossega alguém. Aliás, apetece perguntar: de onde veio

a ideia ridícula de que a fé serve para trazer tranquilidade à nossa vida?

Paradoxalmente, o absurdo de pensar que a religião serve para nos pacificar tem um efeito muito positivo: a palavra “sermão” hoje soa a palavrão. E ainda bem. Com sorte, pregar sermões, ouvi-los, difundi-los ou lê-los pode em breve tornar-se uma atividade ilegal. Já tenho sentido o desejo de muitos de criminalizarem a crença na existência de Deus, criminalizarem a crença de que ele se revelou e criminalizarem a crença de que a pregação é um acesso a essa revelação. Saibam onde me encontrar, se esse dia chegar — provavelmente atrás de um púlpito, com a Bíblia aberta em Marcos.

Ler estes sermões não é a mesma coisa que, integrando a congregação, ouvi-los na comunidade que a Igreja é. Para a magia ser magia é preciso estar no lugar em carne e osso, seguindo a mesma lógica que Jesus seguiu ao tornar-se a palavra encarnada. Mas, na ausência dessa possibilidade, é, ainda assim, um contato com a palavra. E, como o cristianismo nos ensina, assim que a palavra entra em ação, universos passam a existir. É isso que nos ensina o primeiro capítulo da Bíblia, no livro de Génesis, e é isso que se repete quando uma pessoa continua a lê-la hoje.

Há pressupostos que este livro assume e não problematiza. Um deles é o de acreditar que a Bíblia é mesmo a revelação de Deus. Se esta é uma noção repugnante para alguém, provavelmente vai expor-se a uma experiência complicada se decidir continuar a avançar por estas páginas. Aviso-o já para o poupar a que murmure parágrafo sim, parágrafo não, à custa de problemas que para mim não o são.

No entanto, gostaria de fazer um comentário acerca deste assunto. Creio que hoje um dos maiores obstáculos a que aceitemos a ideia de um Deus que existe e que resolveu revelar-se através de um livro como a Bíblia não vem tanto do muito que sabemos e que, consequentemente, torna difícil assim acreditar.

Não. Acho mesmo que é mais o contrário. Até porque alguém que queira seguir os debates sobre estas questões, de defesa da inspiração divina da Bíblia, vai ficar certamente surpreendido com o rigor intelectual e académico de muitos que a defendem.

Um dos maiores obstáculos a que aceitemos a ideia de um Deus que existe e que resolveu revelar-se através de um livro como a Bíblia vem do muito que não queremos saber. Creio que existe um receio inconfessado de que a possibilidade de Deus se ter revelado mesmo na Bíblia tenha mais pés para andar do que gostaríamos e, naturalmente, coloque em causa a nossa falta de fé. E há uma razão empírica que me leva a estar convicto desta ideia. A maior parte dos autodenominados cépticos que conheço nunca gastou muito tempo a pensar seriamente sobre este assunto. Fizeram do pouco que pensaram um pretexto para dizerem que acreditar que a Bíblia é a palavra de Deus é uma coisa mal pensada.

Por fim, e apesar de ter dito que não ia discutir este pressuposto, não resisto a citar dois parágrafos de Dallas Willard, que tomo como a minha própria posição.

“Suponho que a Bíblia foi produzida e preservada por seres humanos competentes que eram, no mínimo, tão inteligentes e devotos como nós somos hoje. Pressuponho que eles tiveram plena capacidade de interpretar com precisão e com a sua própria experiência, e de apresentar com objetividade aquilo que ouviam e vivenciaram na língua da sua comunidade histórica, [de um modo] que hoje conseguimos compreender, feito o esforço devido. No lado divino [da questão], suponho que Deus teve a disposição e a competência para fazer com que a Bíblia, inclusive os relatos sobre Jesus, fosse escrita e preservada de modo a assegurar que as Escrituras cumpram entre os homens de todo o mundo os propósitos que o Senhor concebeu para elas. Aqueles que realmente creem em Deus não veem nenhum problema nisto. Suponho que ele não legou, nem legaria, a sua mensagem à Humanidade numa forma que só possa ser compreendida por um

punhado de estudiosos profissionais do final do século XX, que não conseguem concordar sequer entre si acerca das teorias que supõem determinar qual é a mensagem.

A Bíblia é, afinal, a dádiva de Deus para o mundo por intermédio da sua Igreja, não dos seus eruditos. A Bíblia chega-nos por intermédio da vida do povo de Deus, e nutre essa vida. O seu propósito é prático, não académico. O que se faz necessário para nos encaminhar à vida no reino de Deus é uma leitura inteligente, cuidadosa, exaustiva, mas direta — ou seja, uma leitura que não seja regida por teorias obscuras nem ditada por modas ou por uma ortodoxia irracional. Qualquer outra abordagem da Bíblia, creio eu, entra em conflito com o retrato de Deus que, todos concordam, nasce de Jesus e da sua tradição. Deixo ao leitor de mentalidade mais filosófica a tarefa de ponderar até que ponto esta minha crença é ou não prejudicialmente circular."

Este é um livro de sermões de um pregador de profissão. Repito, por isso, algumas cautelas que no passado já registei (no meu último livro, sobre Lutero, *Cuidado com o Alemão*).

Como protestante que sou, o ritmo é pouco lusitano (à la Vieira, para dar o exemplo mais acessível). O texto está cheio de repetições, estabelecem-se muitas oposições (e umas quantas duplas negativas), fazem-se perguntas retóricas, sugerem-se várias generalizações e procura-se uma oratória em alguns casos intencionalmente inflamada. Todas estas práticas literárias não são propriamente populares. No entanto, não são escolhidas para dificultar a vida ao leitor. Pelo contrário, são escolhas feitas em função de um compromisso com a simplicidade. No cristianismo evangélico há uma preferência pela simplicidade, porque se acredita que, quando Deus se revela, revela-se mesmo.

A simplicidade é um Evangelho difícil de pregar para uma cultura que se tem apaixonado pela ideia de que só se pode ter fé quando, ao mesmo tempo, se exibe algum cepticismo. Ora, este pregador

que vos escreve não tem grande paciência para o que lhe parece um ilusionismo espertalhão disfarçado de humildade epistemológica. Se estou certo de que há uma diferença entre crença e crendice, também estou certo de que disfarçar a fé com a roupa da descrença serve apenas para fãs de travestis. Este é um livro de um crente que quer mesmo impingir a sua crença a quem ainda não a tem. Este é um livro de um crente que acredita sinceramente que o seu credo é a diferença entre a vida e a morte. Se ficar zangado com isso, não faz mal. Ao insistir e conhecer o Evangelho de Marcos, vai ver que Jesus ainda vai irritá-lo mais do que eu. E que promissor isso é!

Sermões

Pregados na Igreja Baptista
de São Domingos de Benfica

1

JESUS A TOMAR CONTA DA CENA



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 1:1: “Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”.

Qualquer Igreja que seja Igreja quer conhecer a palavra de Deus — não é uma opção, é uma necessidade. Mas a verdade é que muitos de nós, apesar de termos sido educados a ir à igreja, não estamos treinados para ler consistentemente a Bíblia. Na prática, temos amadurecido fora do Evangelho. E isso é triste. Não temos como não nos arrepender do pecado que é alimentar uma presunção de ter fé sem intimidade com a Escritura.

Estudamos a Bíblia porque acreditamos que ela é íntegra. Encontramos mesmo, em toda a sua diversa extensão, uma mensagem incrivelmente coerente de salvação através de Jesus Cristo. Qualquer página das Escrituras, quando corretamente lida, conta sempre acerca dele. Sabemos que hoje é fácil não ter grande confiança na revelação escrita. No entanto, cremos sinceramente que a existência da Bíblia é, já em si, um verdadeiro milagre — e, como acreditamos num Deus que faz milagres, temos a Escritura como mais um exemplo deles. Acreditamos que o Espírito Santo, que é Deus junto com o Pai e com o Filho, inspirou

sobrenaturalmente todas as pessoas que contribuíram para que tivéssemos um cânone bíblico.

Certamente isto não significa que a Bíblia, tendo origem divina, se lê sempre divinamente. Não. Ler a Bíblia é também reconhecer as nossas limitações humanas no ato de lê-la. No entanto, as nossas dificuldades não chegam para impedir a capacidade das Escrituras de serem aquilo que Deus pretendeu para elas: um testemunho seguro e de confiança para conhecermos quem nelas se revela. E é Jesus Cristo que aparece de um modo nítido. Certamente que os Evangelhos, por razões óbvias, falam dele de uma maneira mais direta. Mas Cristo é também o assunto dos outros textos das Escrituras. Lemos toda a Bíblia com essa convicção. Agora, o nosso plano é ir até ao Evangelho de Marcos em particular.

Conheçamos brevemente o seu autor, também conhecido por João Marcos. A primeira vez que Marcos nos é apresentado diretamente na Bíblia é no livro dos Atos dos Apóstolos (no versículo 12 do capítulo 12), quando Pedro é libertado da prisão e se reúne com outros crentes na casa de Maria, mãe do próprio Marcos. Há quem o encontre também no enigmático jovem que perde a roupa durante a noite em que Jesus é preso no jardim (Marcos 14:51). Mas as referências a ele mais consensuais são aquelas que nos explicam que:

1. Era primo de Barnabé (em Colossenses 4:10, Marcos é assim referido). Barnabé era um cristão eminente em Jerusalém, que apoiou o apóstolo Paulo numa ocasião em que a Igreja ainda tinha medo dele, pelo seu passado recente de persegui-la.
2. Marcos acompanhou precisamente Paulo e Barnabé na primeira viagem missionária a Antioquia (Atos 12:25) e, sendo auxiliar deles, acabou por inesperadamente desertar do grupo em Perge (Atos 13:13), provocando uma discussão

tal entre Paulo e Barnabé (Atos 15:38-39) que os fez separar (Barnabé segue com Marcos para Chipre, e Paulo vai com Silas para a Síria). Sentimo-nos consolados por ver que, anos depois, Marcos voltará a ser útil a Paulo, que reconhece a sua importância (Colossenses 4:10, 2 Timóteo 4:11 e Filemon 24). Reconciliaram-se.

3. A última referência bíblica a Marcos é a de 1 Pedro 5:13, onde é mencionado como filho espiritual do apóstolo Pedro. E esta última informação é preciosa para melhor conhecermos o autor deste Evangelho.

Conta-nos Papias, bispo de Hierápolis (na atual Turquia) e discípulo do apóstolo João, algures entre o ano 124 e 140 depois de Cristo, que Marcos seria o intérprete de Pedro em Roma. Nos registos dos Pais da Igreja há um debate acerca de como o processo de escrita do Evangelho de Marcos teria acontecido: uns pensam que o apóstolo Pedro teria ditado tudo a Marcos; outros pensam que Marcos teria tomado a iniciativa de escrever o Evangelho a partir do que sabia através de Pedro. Debate-se ainda se o Evangelho teria sido escrito durante a vida de Pedro ou se, sendo Pedro vivo, haveria da sua parte o patrocínio e a bênção. Acredita-se que este Evangelho terá sido escrito por volta do ano 60. De uma maneira geral, os estudiosos que seguimos concordam que, sendo este o Evangelho mais antigo, teria sido usado por Mateus e Lucas, que com ele estabelecem o eixo sinóptico (Mateus, Marcos e Lucas seguem um mesmo encadeamento, ao passo que o Evangelho de João é diferente).

Será que Marcos se limitou a usar Pedro como sua fonte? Ou terá aproveitado outros recursos disponíveis? Não temos certezas. O que nos interessa é reconhecer que aceitamos a ideia de que, quando lemos Marcos, lemos também o apóstolo Pedro. Nesse sentido, este Evangelho não é tanto um texto de um historiador, mas mais um relato de uma testemunha ocular. O estilo do Evangelho de

Marcos é único. Nele, A.T. Robertson encontra “a completa ausência de qualquer coisa artificial ou dramática, embora a ação seja avassaladora. É a maior história de sempre contada no grego vernacular por um homem sem sofisticação e aspirações literárias […] A ausência de artifícios tornada arte consumada”. É um facto: é ação atrás de ação, não há intervalos para respirar, e os acontecimentos são quase sempre extraordinários. O cantor Nick Cave chama o Evangelho de Marcos de um “estrépito de ossos, cru, nervoso e parco de informações”.

Se compararmos o Evangelho de Marcos com outras partes do Novo Testamento, vemos que ele não exibe a profundidade teológica de Paulo ou de João. Por outro lado, tem uma hiperatividade intensa que os outros Evangelhos nem tentam (Mateus está mais interessado em apelar diretamente aos judeus para reconhecerem Jesus enquanto Messias; Lucas oferece um Jesus mais acessível a todos a partir da cultura grega, e João mostra Jesus muito consciente da sua divindade numa linguagem mais filosófica). O que Marcos quer é a ação.

No entanto, o facto de Marcos dar mais espaço à ação do que à conversa não significa que não tire consequências do que Jesus diz. Marcos sabe que Jesus não é uma pessoa qualquer, e isso vê-se tanto no que Jesus faz como no que Jesus diz, ainda que o seu Evangelho se dedique mais aos atos. Neste caso, quando lemos Marcos também percebemos que ele está convencido de que Jesus é Deus. Simplesmente essa divindade é mais confirmada pela força do trabalho de Cristo do que pelas palavras. Também por isso, não é por acaso que neste Evangelho há tanta reação a ele. A lógica é um pouco esta: quanto mais coisas Jesus faz que zangam os homens, mais se confirma que é preciso que ele faça a maior coisa de todas, que é salvá-los.

Logo, uma das pérolas do Evangelho de Marcos é o contraste entre a lentidão dos apóstolos em compreenderem Jesus e a rapidez com que os seus inimigos tiram consequências dele. Aqui,

os maus são mais inteligentes do que os bons e há um sentido para isso — afinal, para se chegar a Jesus não se chega de qualquer maneira e, certamente, não será a nossa inteligência que assegura esse processo.

Neste primeiro sermão, que serve quase só de introdução ao Evangelho de Marcos, quero ainda dar apenas um toque na sua primeira frase: “O princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus”. Ainda que Marcos não use uma linguagem tão teologicamente amadurecida como João, a divindade de Jesus é uma conclusão bem razoável de extrair logo nesta breve e primeira afirmação. “Filho de Deus” era uma expressão que só muito dificilmente poderia significar outra coisa que não divindade. Para os judeus, ser filho de alguém não era apenas herdar genes; era herdar o carácter também. Logo, ser “Filho de Deus” era ter dele a sua natureza. Marcos, mesmo sem uma teologia muito sistemática, já quer contar-nos a história de um homem que não é um homem qualquer. É um homem divino. E isso também se vê pelo que faz. Aliás, para Marcos, vê-se sobretudo no que faz.

Ainda uma última curiosidade: Marcos foi, para todos os efeitos, um evangelista com cadastro de fracasso missionário. Afinal, abandonou o apóstolo Paulo naquela viagem. Pedro, por sua vez, teve um cadastro de fracasso apostólico. Afinal, abandonou Jesus na noite em que foi preso. Assim, este Evangelho dá-nos um fraco missionário a contar a história de um fraco apóstolo. É um quadro tão pouco promissor que só um conceito como a graça de Deus pode aguentar a história. E é isto que nos atrai. Esta mistura de derrota e transformação. A nossa oração é que Jesus rapidamente tome conta da cena. Temos tantos falhanços que gostávamos de ver mudados.

---

4 de Setembro de 2011.

2

O DIABO NO DESERTO E O EMPREGO NO MAR



Diz o texto bíblico em Marcos 1:1-13: “1 Princípio do Evangelho de Jesus Cristo, Filho de Deus.2 Conforme está escrito na profecia de Isaías: “Eis aí envio diante da tua face o meu mensageiro, o qual preparará o teu caminho”;3 voz do que clama no deserto: “Preparai o caminho do Senhor, endireitai as suas veredas”;4 apareceu João Batista no deserto, pregando baptismo de arrependimento para remissão de pecados.5 Saíam a ter com ele toda a província da Judeia e todos os habitantes de Jerusalém; e, confessando os seus pecados, eram batizados por ele no rio Jordão.6 As vestes de João eram feitas de pelo de camelo; ele trazia um cinto de couro e alimentava-se de gafanhotos e mel silvestre.7 E pregava, dizendo: “Após mim vem aquele que é mais poderoso do que eu, do qual não sou digno de, curvando-me, desatar-lhe as correias das sandálias.8 Eu vos tenho batizado com água; ele, porém, vos batizará com o Espírito Santo.”9 Naqueles dias, veio Jesus de Nazaré da Galileia e por João foi batizado no rio Jordão.10 Logo ao sair da água, viu os céus rasgarem-se e o Espírito descendo como pomba sobre ele.11 Então, foi ouvida uma voz dos céus: “Tu és o meu Filho amado, em ti me comprazo.”12 E logo o Espírito o impeliu para o deserto,13 onde

permaneceu quarenta dias, sendo tentado por Satanás; estava com as feras, mas os anjos o serviam.”

Marcos começa o Evangelho sem hesitações logo no meio da ação. Ao passo que Mateus dá genealogias à família de Jesus e Lucas nos conta detalhes sobre antes do nascimento de Jesus, e até um pouco sobre a sua infância, Marcos apresenta Jesus logo no princípio do seu ministério público. Por exemplo, no caso de Mateus, conhecer a família de Jesus era fundamental para que ele pudesse ser reconhecido enquanto Messias (sendo descendente de David). Marcos tem uma preocupação mais imediata, que é ser compreendido pelo vulgar cidadão do Império Romano. Ao longo dos seus breves dezesseis capítulos, vai explicar costumes judaicos e traduzir expressões linguísticas, num esforço de se dar a explicar ao leitor não-judeu.

A ênfase de Marcos na ação oferece um vocabulário acessível a quem não está familiarizado com o judaísmo. Afinal, quando uma pessoa não fala a língua, esforça-se com gestos. Podemos enquadrar a brevidade do Evangelho de Marcos não como uma diminuição, mas, paradoxalmente, como um alargamento do seu alcance. Marcos pode ser mais simples porque a simplicidade permite-lhe chegar a mais pessoas. Os gentios e pagãos que lêem o texto não se sentem excluídos pelas questões religiosas ou pelos hábitos culturais da Palestina, porque os acontecimentos falam por si. No fundo, e ao contrário do que parece, quanto mais conciso Marcos é, mais gente pode ler mais a partir dele. E tudo isto à sombra da experiência do apóstolo Pedro. Se é certo que Pedro historicamente se mostrou hesitante a compreender a conversão dos não-judeus ao cristianismo (no episódio do centurião Cornélio em Atos 10), contribuiu para dar-lhes uma voz profética.

O versículo 2 dá-nos uma citação. Será a única vez que Marcos referirá por sua iniciativa uma passagem do Velho Testamento, aqui enunciada em Isaías 40:3 (que ocorre também em Malaquias 3:1). O facto de Marcos não ir muito à Bíblia Hebraica não significa que

lhe seja indiferente. Não podemos esquecer que os judeus, o povo da aliança abraâmica, esperavam pela pessoa que Jesus vem mostrar ser. E é sobre a antiga Escritura que se demonstra que Jesus é o Messias anunciado e aguardado. Logo, nenhum evangelista pode ser indiferente ao Velho Testamento. É também pelo facto de se estar à espera de que alguma coisa se concretize, que a palavra “evangelho” é usada. “Evangelho” era uma expressão usada para as informações públicas sobre os governantes, como os imperadores romanos, e é também usada como “boas novas” — são boas notícias porque estávamos à espera delas há muito tempo. Se o Velho Testamento não fosse importante, não faria sentido usar uma expressão como “evangelho”. A Bíblia Hebraica é o que dá sentido ao facto de Marcos se tornar um evangelista. De seguida, somos apresentados a João Baptista de uma maneira poupada, mas objetiva. A maneira de Marcos falar de João Baptista é poupada porque, se fizermos algumas comparações, Mateus desenvolve o discurso profético de João Baptista e a sua relutância em aceder à vontade de Jesus de ser batizado por ele. Adicionalmente, Lucas é biograficamente detalhado ao ponto de nos explicar os laços familiares entre o Baptista e Jesus. Marcos é mais objetivo ao falar nas características de João Baptista, que resume em termos de aparência, dieta e mensagem. Apetece dizer que, pedindo algum poder de síntese, qualquer pessoa é bem avaliada quando se olha para o que veste, o que come e o que fala.

Entre muitas lições a retirar deste precioso encontro de João Baptista com Jesus, concentramo-nos em três.

Em primeiro lugar, o acontecimento do baptismo do Messias ensina-nos sobre quem Deus é. Lemos no versículo 9 que é Jesus quem se encaminha para o lugar onde João prega e batiza, no rio Jordão. O percurso de Jerusalém até ao local poderia implicar mais de cem quilómetros feitos a pé, revelando já o tipo de relação intensa que os ouvintes do Baptista tinham com a sua mensagem — buscavam-na e reconheciam-se nela depois de terem comido muito

pó na estrada. Diz-nos rapidamente Marcos que, mal o Senhor saiu da água, uma voz do céu declarou: “Tu és o meu filho amado, em ti me comprazo.” E o Espírito Santo desceu em forma de pomba (animal usado pelos rabis para descrever o modo como o Espírito de Deus pairava sobre as águas no episódio da Criação). Não é difícil reconhecer imediatamente que é Deus na sua totalidade que está no centro da ação deste baptismo: Deus Filho é batizado, Deus Pai alegra-se publicamente, e Deus Espírito Santo confirma o amor desta relação divina descendo sobre o Filho. Este episódio ensina-nos quem Deus é e Deus é uma Trindade de Pai, Filho e Espírito Santo. Não há outro texto bíblico onde a Trindade se mostre tão exuberantemente.

Em segundo lugar, o acontecimento do baptismo do Messias ensina-nos quem os homens são. Quem os homens são no geral e os judeus no particular. O ritual do baptismo não era historicamente exclusivo dos judeus, mas era usado por eles para aceitar os gentios na sua religião. Ora, há aqui uma mensagem algo subversiva, no facto de João Baptista expor os judeus àquilo que era necessário para os outros. Se o baptismo serve para meter dentro do judaísmo quem não é judeu, qual o sentido de batizar judeus? A partir do momento em que os próprios judeus precisam de se batizar, ficam espiritualmente ao nível dos pagãos. O que, parecendo uma lasca na reputação judaica, tira o foco das qualidades do povo escolhido para colocá-lo noutro lugar. O foco deste baptismo deixa de estar na qualidade dos judeus para estar na qualidade do próprio baptismo. Este baptismo não aponta para os que são batizados, mas para a pessoa em cujo nome esse baptismo está a ser feito, que neste caso era aquele que estava por chegar — o Messias prometido. Isto implica que a importância do Messias está a ser ampliada.

Este Messias não é apenas regional, para tornar judeus aqueles que assim não nasceram. Este Messias pode chegar a qualquer pessoa. Quando o povo escolhido é comparado aos não-escolhidos,

Deus pode escolher qualquer um. Se o recado do baptismo de João é de que os judeus não devem estar assim tão seguros de serem perfeitos, passa a sobressair o poder de Jesus tornar perfeito quem ele quer. Por um lado, no baptismo de João temos mais homens pecadores, porque até os judeus precisam de ser batizados. Mas, por outro, temos uma iniciativa divina mais universal, no desejo de alcançar qualquer tipo de pessoa. Maus são todos, mas Deus pode chegar até aos piores. Em terceiro lugar, o acontecimento do baptismo do Messias ensina-nos sobre o próprio baptismo. O batismo é uma coisa que homens fazem a homens (neste caso, João a Jesus). Num sentido mais restrito, nada de sobrenatural acontece na água. No entanto, o símbolo que o baptismo é imita o que acontece espiritualmente quando Jesus salva. A velha pessoa morre, como que espiritualmente sepultada na água, e ressuscita em nova criatura (como o apóstolo Paulo explica em Romanos 6:4). Ora, João batizava pregando o arrependimento pelo pecado e declara saber que ele apenas inicia uma coisa que será completada por outro, do qual nem digno é de lhe desatar as sandálias (como diz o versículo 7). Esse outro é Jesus. O Messias coloca-se à mercê de um símbolo que é ele mesmo que completa. Mais tarde leremos (em Atos 19) que a Igreja atualizou com o “em nome de Jesus” o baptismo de João. Nisto, encontramos o próprio tempo a submeter-se a Cristo: naquele dia, no rio Jordão, o Baptista batizou o próprio fundamento do baptismo — Jesus.

O “logo” do versículo 12 não engana e o evangelista resume a tentação de Jesus, que Mateus e Lucas desenvolvem. Clarifica, ainda assim, que o Espírito Santo, assumindo uma posição de liderança após o baptismo, impele o Senhor para o deserto, lugar onde feras como o urso, a pantera, o lobo, a hiena, ou até possivelmente o leão, poderiam ser a companhia de Jesus. Do lado oposto, os anjos serviam-no.

E o texto bíblico prossegue: “14 Depois de João ter sido preso, foi Jesus para a Galileia, pregando o Evangelho de Deus,15 dizendo: “O

tempo está cumprido, e o reino de Deus está próximo; arrependei-vos e crede no Evangelho.”16 Caminhando junto ao mar da Galileia, viu os irmãos Simão e André, que lançavam a rede ao mar, porque eram pescadores.17 Disse-lhes Jesus: “Vinde após mim, e eu vos farei pescadores de homens.”18 Então, eles deixaram imediatamente as redes e o seguiram.19 Pouco mais adiante, viu Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, que estavam no barco, consertando as redes.20 E logo os chamou. Deixando eles no barco a seu pai Zebedeu com os empregados, seguiram após Jesus.”

O texto prossegue fazendo coincidir com a prisão de João Baptista o início formal do ministério de Jesus. A voz do deserto assume uma importância fundamental no modo como quer o baptismo, esperando pelos trinta anos de idade, quer o começo da pregação dependem do anúncio de João. Jesus entra em cena, mas entra em cena depois daqueles que precisam de vir antes dele. E o Messias confirma que “o tempo está cumprido, o reino de Deus, próximo” e prolonga o aviso do Baptista: “Arrependam-se e creiam.” Se, por um lado, a proximidade do reino é exterior, por outro, o arrependimento, que significa uma mudança de mente, só pode acontecer internamente. O que Jesus vem pregar e o que Jesus vem fazer tem a ver com a realidade lá fora e com a realidade cá dentro.

O ambiente dos acontecimentos do Evangelho de Marcos é agora a Galileia, a região norte da Judeia. Esta é a zona onde Jesus vai pregar mais, junto ao mar da Galileia, que, na prática, é um lago com não mais de vinte quilómetros de largura. Neste momento inicial do ministério de Cristo há dois pares de irmãos pescando. O primeiro é constituído por Simão Pedro e André, aos quais Jesus promete uma promoção a “pescadores de homens”. O segundo é constituído por Tiago e João, filhos de um Zebedeu que é prontamente abandonado com os seus empregados.

Com os nossos ouvidos modernos, soa-nos estranha a prontidão com que aqueles quatro homens respondem a um estranho. Pode

dar-se o caso de acharmos, na falta de familiaridade com episódios assim, que talvez fosse normal no Médio Oriente de há dois mil anos um mestre religioso passar por um lugar e convocar companheiros que rapidamente largariam tudo. Mas não é o caso. O que Jesus acabou de fazer é estranho para nós hoje e também era estranho para eles então.

Na tradição religiosa judaica eram os discípulos que escolhiam os mestres. Não era normal os mestres escolherem os discípulos. Por outro lado, a tradição religiosa judaica enfatizava que a identidade de uma pessoa vinha fundamentalmente dos seus pais (não é casual que a honra aos pais seja um mandamento — o quinto). Não era normal que os filhos abandonassem os seus pais. Isto significa que a chegada de Jesus é marcada por uma radicalidade aqui dupla. Aplicando isto a nós, podemos dizer que conhecer Jesus passa por reconhecer que é Deus quem quer relacionar-se conosco, e não necessariamente nós que queremos relacionar-nos com ele. Mais ainda, conhecer Jesus é também reconhecer que ele exige uma prioridade sobre todas as coisas, incluindo a nossa família.

Jesus é um educador religioso que está a ir onde geralmente a educação religiosa não chegava. Ainda que sejamos educados na religião certa, este Jesus faz um convite que é pessoal — “Vinde após mim.” O judaísmo de André e Pedro, e de Tiago e João, não chegava. Além do judaísmo dos pescadores, era preciso Jesus. O que resolve este encontro não é a religião que por nós ou que para nós foi escolhida — é o mestre que nos chama. Por outro lado, também é certo que, por muita honra que devamos aos nossos pais, não é a devida autoridade que eles têm sobre nós que nos dá uma identidade de pessoas que seguem Jesus. A boa educação religiosa de André e Pedro, e de Tiago e João, não chega para os fazer chegar ao Salvador. É preciso que o Salvador se chegue a eles. Jesus tem de ser mais importante que os pais que nos dão boa instrução religiosa para que possamos segui-lo. Assim, muito

diretamente: “Os bons conselhos dos teus pais não te fazem seguir Jesus. Só o próprio Jesus, chamando-te, te capacita para o seguires.”

Nesse sentido, não são as pessoas que escolhem Jesus. É Jesus que escolhe as pessoas. Não são os chamados que, então, oferecem espaço da sua vida a Jesus. É Jesus que lhes exige a própria vida. Tudo acontece de maneira simples em Marcos. O que é diferente de dizer que acontece de maneira fácil. A poupança das explicações não apela a uma fé apressada, mas urgente e radical.

À sua moda abrupta, Marcos descreve num instante aquilo que Lucas amplia no episódio da pesca maravilhosa, em que Pedro declara a sua terrível imperfeição junto do Mestre (Lucas 5:1-11). A moral da história é clara: ninguém tem como declarar impossível o encontro com Jesus quando é o próprio Jesus o autor desse encontro. Somos incapazes de parar uma ação que nasce da vontade do próprio Deus. Nas palavras de Tim Keller, uma das lições de Marcos é: “Jesus veio: agora qualquer coisa pode acontecer.” Não serão o Diabo no deserto nem a profissão no mar capazes de lhe fazer frente. Vale a pena colocar-nos no texto. O que me impede de ser discípulo? Se é Jesus quem chama, a resposta é curta: nada.

---

11 de Setembro de 2011.

3

DEMÓNIOS ESTRIDENTES ENSINANDO CRISTÃOS ADORMECIDOS



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 1:21-28: “21 Depois, entraram em Cafarnaum, e, logo no sábado, foi ele ensinar na sinagoga.22 Maravilhavam-se da sua doutrina, porque os ensinava como quem tem autoridade e não como os escribas.23 Não tardou que aparecesse na sinagoga um homem possesso de espírito imundo, o qual bradou:24 “Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!”25 Mas Jesus o repreendeu, dizendo: “Cala-te e sai desse homem.”26 Então, o espírito imundo, agitando-o violentamente e bradando em alta voz, saiu dele.27 Todos se admiraram, a ponto de perguntarem entre si: “Que vem a ser isto? Uma nova doutrina! Com autoridade ele ordena aos espíritos imundos, e eles lhe obedecem!”28 Então, correu célere a fama de Jesus em todas as direções, por toda a circunvizinhança da Galileia.”

No Evangelho de Marcos, o inesperado não é um problema nem algo que torna a narrativa inconsistente. A lógica é a contrária: Marcos faz-nos ver que quanto mais despropositado parece o que Jesus faz, mais radical tem de ser a resposta que os homens lhe

dão. Este é um Evangelho de coisas aparentemente impraticáveis — João Baptista batiza o próprio fundamento do baptismo, e, por outro lado, os discípulos passam da pesca tradicional a uma carreira delirante de pescadores de homens. Aqui, e desde que Jesus chegou, tudo pode acontecer.

Na verdade, aquilo que Jesus faz nem sequer é avaliado em termos de grau de dificuldade. Isto porque a exigência do que Jesus pede acaba por não ser parte do problema, mas parte da solução. A lógica é a de que, se é Deus que chama, então é de Deus que se espera que venha a solução para os graus de dificuldade. Mais ainda: se Deus é Deus, então, o que parece impraticável pode ser praticável. Ficar impressionado com a dificuldade é algo que não faz muito sentido se for mesmo Deus que está envolvido no assunto.

Talvez seja por isso que não lemos muito acerca de homens angustiados na hora de decidirem seguir Jesus. E isto deveria fazer-nos parar para pensar. A nossa tendência hoje é avaliarmos as nossas circunstâncias ao nível da dificuldade que elas nos colocam e, a partir daí, tornarmos mais complicada a tarefa de lhes respondermos. Vivemos mais concentrados no facto de as coisas nos parecerem difíceis do que em quem nos pode conduzir nelas — agravamos os problemas e subestimamos o Deus que pode valer-nos neles. Por isso, tendemos a tornar complexas as nossas respostas. Nesse sentido, boa parte dos obstáculos à nossa frente só se torna alto porque levantamos nós mesmos a altura da barreira. Claro que, ao dizer isto, não quero convidar ninguém a uma espécie de “santa ignorância”, em que fechar os olhos e confiar sem pensar muito seja um passo em frente. O meu conselho vai noutro sentido e assenta na ideia de que quanto mais sei de Deus, menos me deixo vencer por aquilo que me é desconhecido.

Peguemos onde ficámos no sermão passado. Jesus está agora acompanhado de dois pares de irmãos ex-pescadores. São eles Simão Pedro e André, e Tiago e João. Seguem para Cafarnaum, na margem esquerda do Lago de Genesaré. Diz o texto que era

sábado e entraram na sinagoga. O ensino de Jesus parece espantar por causa da autoridade que revela. Não lemos sobre o facto de Jesus ser necessariamente eloquente, mas sobre ele ser especial: pelo que parece, fala com um tipo de legitimidade que espanta os ouvintes. Para Jesus, o sermão interessa na medida em que tem tronco na vida do pregador. Afinal, Jesus é o tipo de pregador que pode e deve pregar-se a si próprio. A palavra "autoridade", que encontramos no versículo 22, significa literalmente "vindo da matéria original". Provavelmente a sensação que os ouvintes do ensino de Jesus tinham era a de que estariam na presença do próprio autor daquela lição.

Naquela sinagoga, a reação mais audível não vem da congregação em geral, mas de um ouvinte em particular. O aluno mais agitado pelo ensino é um endemoninhado, provando que até os endiabrados podem ser estudantes atentos. No entanto, a reação ao ensino não vem em pedido de esclarecimento, mas em ordem de expulsão. É como se estivéssemos numa escola em que quem é mandado para a rua não é o aluno, mas o professor (será que estamos assim tão distantes da nossa realidade educativa?). Pelo que vemos, Jesus é também o tipo de mestre que facilmente alguns alunos querem fora da escola.

A exclamação do endemoninhado deve ter sido gritada: "Que temos nós contigo, Jesus Nazareno? Vieste para perder-nos? Bem sei quem és: o Santo de Deus!" Agora, imaginem o ambiente depois de uma coisa destas ser dita. Mas Jesus não se intimida: "Cala-te e sai desse homem." Há duas direções que Jesus ordena a um corpo só. A boca do endemoninhado deve fechar-se e os demónios devem sair. No fundo, esta ordem dupla serve de aplicação prática da pregação acabada de ouvir. O Messias tem o conhecimento de discernir a manifestação do mal e o poder de o pôr na ordem. É esta a tal autoridade que vai continuar a sobressaltar a congregação (no v. 27) e promover a sua reputação. Neste Mestre, o ensino ganha vida, encarna. Não deixa de ser irónico que, no Evangelho de

Marcos, a primeira manifestação de compreensão de quem Jesus é nos chegue de uma boca comandada por um demónio. De certo modo, é como se o Inferno se antecipasse à Terra na tarefa de reconhecer o Messias. O que também nos mostra que os inimigos de Jesus não o são por burrice. Quem se opõe a Cristo fá-lo em cima de uma vontade, vontade essa que pressupõe algum entendimento. Podemos e devemos tirar ilações daqui. Os espíritos imundos dão-nos, no Evangelho de Marcos, um exemplo claro. Tivéssemos nós dos demónios o medo de Jesus. Fôssemos nós, pelo menos, sinceros a ponto de exibir a presença de espírito mínima de convidá-lo a sair da nossa companhia. Reagíssemos, no mínimo, à sua personalidade. Reparem no que está a acontecer aqui: do espírito mais sujo a palavra faz um exemplo para nós, crentes relaxados — as trevas mostram efetivamente temor à luz. Não estaremos nós mais miseráveis, ainda que supostamente iluminados na paz adormecida da nossa religião?

A palavra prossegue em Marcos 1:29-31: “29 E, saindo eles da sinagoga, foram, com Tiago e João, diretamente para a casa de Simão e André.30 A sogra de Simão achava-se acamada, com febre; e logo lhe falaram a respeito dela.31 Então, aproximando-se, tomou-a pela mão; e a febre a deixou, passando ela a servi-los.”

Digamos sinceramente que a primeira coisa que nos ocorre no relato da cura da sogra de Pedro, ardente em febre, é que pode parecer que foi feita para que rapidamente tratasse da refeição para os homens (v. 31). Façamos, todavia, a justiça de encontrar no resultado da cura um sentido mais profundo que é o do serviço. Podemos imaginar Jesus sentado à cabeceira da cama, tomando a sogra de Pedro pela mão, em jeito de médico de província improvisado. Se a primeira manifestação do seu poder foi grandiosa expulsando demónios, esta segunda, sendo doméstica, provém da mesma fonte. As pessoas que se cruzam com Jesus têm o seu destino transformado porque ele reivindica autoridade sobre todas as coisas — incluindo a saúde.

E a palavra vai prosseguir em Marcos 1:32-34: “32 À tarde, ao cair do sol, trouxeram a Jesus todos os enfermos e endemoninhados.33 Toda a cidade estava reunida à porta.34 E ele curou muitos doentes de toda a sorte de enfermidades; também expeliu muitos demónios, não lhes permitindo que falassem, porque sabiam quem ele era.”

Representando também o pôr-do-sol a observância do fim do sábado, como o dia sagrado de descanso, rapidamente começa a juntar-se à porta da casa de Pedro uma multidão tal de doentes e endemoninhados que Marcos descreve como “toda a cidade à porta” (v. 33). No meio daquela agitação, observamos que Jesus manda calar os demónios para que não manifestassem o conhecimento que tinham da sua identidade. O Mestre quer ser conhecido além de um efeito massivo de comunicação generalizada. Sigam este rumo de raciocínio, ainda que ele pareça absurdo à primeira: se Jesus quisesse que as pessoas soubessem quem ele era o mais rápido possível, certamente poderia ter usado aqueles que estavam em condições de publicitá-lo. Neste caso, comissionaria um coral de endemoninhados que fizesse alastrar a notícia acerca de Jesus ser o Filho de Deus. Acontece que o que aqui está em causa, no processo de alguém conhecer Jesus, é mais do que um acesso a informação. Existe uma oposição entre aquilo que Jesus quer mostrar no seu tempo, na ocasião certa e no auditório desejado, e aquilo que se precipita no resultado dos milagres que produz. Não se trata de querer espalhar a palavra a todo o custo, mas de Cristo mostrar-se quando quer, onde quer, àqueles que quer. Por isso, nota-se a diferença entre a maneira que prefere para se revelar e aquela que é adiantada por testemunhas prematuras, sejam homens ou demónios. Jesus quer ir além do impacto mais imediato das coisas fantásticas que faz. Se quisermos, é como se houvesse um fantástico além do fantástico, que neste caso parece menos exuberante, mas provavelmente será mais promissor.

Jesus comunica para fora tanto como comunica para dentro. É por isso que se dá a conhecer ao mesmo tempo que, dando-se a conhecer, pode ordenar que as pessoas se calem. Não basta apenas falar sobre Cristo ou partilhar informação acerca dele. Certamente que esses aspectos também desempenham uma função. Mas o paradigma de conhecer Cristo pede mais do que apenas amealhar informação acerca dele. Nesse sentido, as pessoas possuídas por demónios funcionam como bom exemplo de que é possível ter informação sobre Jesus sem que isso transforme o carácter — e o fantástico que Jesus procura parece ser essa transformação do carácter. Levando este raciocínio a uma simplificação, diremos que Jesus manda calar quem, sabendo coisas sobre ele, não se deixa mudar.

A palavra prossegue: “35 Tendo-se levantado alta madrugada, saiu, foi para um lugar deserto e ali orava.36 Procuravam-no diligentemente Simão e os que com ele estavam.37 Tendo-o encontrado, lhe disseram: “Todos te buscam.”38 Jesus, porém, lhes disse: “Vamos a outros lugares, às povoações vizinhas, a fim de que eu pregue também ali, pois para isso é que eu vim.”39 Então, foi por toda a Galileia, pregando nas sinagogas deles e expelindo os demónios.”

É a primeira vez que acontece, mas vai acontecer mais vezes no Evangelho de Marcos: Jesus faz retiros para orar. E em horas impopulares. Alta madrugada, como aqui se vê. Estas saídas também coincidem com vésperas de acontecimentos importantes (a escolha dos discípulos, por exemplo). O facto de Deus se ter feito carne em Jesus (a encarnação) não dispensa uma comunhão própria de um Deus que é uma Trindade de Pai, Filho e Espírito Santo. Há uma tendência para resumir a presença de Cristo neste mundo a tarefas que têm de ser concretizadas, como a sua morte e ressurreição, quase que sem grande tempo para qualquer distração. E há uma tendência para olhar para momentos em que aparentemente nada se faz como se fossem distrações. E não é

difícil, neste contexto, tomar um tempo de oração como um luxo contemplativo — um lazer devocional. No fundo, também é a isto que assistimos aqui: os discípulos procuram Jesus para que ele trabalhe mais ainda, e talvez sejam até tentados a tomar o tempo de oração de Jesus como uma fuga a esse trabalho.

A questão é que aquilo que Jesus veio trabalhar não pode ser separado da comunhão que ele tem com o Pai. O que Jesus ora também é o que Jesus labora. Orar não é uma coisa e laborar não é completamente uma coisa diferente. Orar é laborar também. Como cresci na Igreja, houve ocasiões em que a parte mais infantil do meu cérebro (que não é assim tão pequena) perguntou: “Se Jesus é Deus, por que razão precisava de abandonar os homens para falar… consigo próprio?” Claro que a parte mais infantil do meu cérebro, para além de estar pouco aplicada em compreender a relação íntima entre Deus Pai, Filho e Espírito Santo, reduzia a vida espiritual a uma coisa que se faz mais por necessidade do que por prazer. Ou seja, há aqui duas dicotomias comuns que o exemplo de oração de Jesus parece não alimentar: separar completamente a devoção do trabalho, e separar completamente a devoção do prazer.

Talvez Pedro passasse pelo mesmo tipo de incompreensões que passamos. As palavras usadas no texto para descrever o empenho do discípulo em encontrar Jesus são equivalentes a caçar (kated… wxen — *katedioxen*). Pedro está ansioso para pôr as mãos em Jesus. A ironia é que, apesar de provavelmente o discípulo ter a ganhar com alguma calma, a verdade é que o Mestre corresponde à urgência dos que o buscam. A pregação às povoações vizinhas é dada como razão da sua vinda e por isso não deve haver demora. Ou seja, por um lado, o Evangelho de Marcos está a levar-nos à eficácia da oração, retirada das preocupações do dia-a-dia, ao mesmo tempo que esse retiro nos devolve ao trabalho que há a fazer. O tempo que Jesus coloca de parte para estar sozinho com o Pai não serve para o retirar em absoluto dos homens, mas para,

logo de seguida, aproximá-lo deles. Para ser mais próximo dos homens é preciso ser mais próximo de Deus.

Leiamos mais ainda: “40 Aproximou-se dele um leproso rogando-lhe, de joelhos: “Se quiseres, podes purificar-me.”41 Jesus, profundamente compadecido, estendeu a mão, tocou-o e disse-lhe: “Quero, fica limpo!”42 No mesmo instante, lhe desapareceu a lepra, e ficou limpo.43 Fazendo-lhe, então, veemente advertência, logo o despediu44 e lhe disse: “Olha, não digas nada a ninguém; mas vai, mostra-te ao sacerdote e oferece pela tua purificação o que Moisés determinou, para servir de testemunho ao povo.”45 Mas, tendo ele saído, entrou a propalar muitas coisas e a divulgar a notícia, a ponto de não mais poder Jesus entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos; e de toda a parte vinham ter com ele.”

Continuando a percorrer a Galileia, rapidamente um leproso se chega a Jesus e se lança aos pés dele, unindo desespero e louvor nos mesmos joelhos dobrados. O pedido que faz vem junto da fé que possui: “Se quiseres, podes purificar-me.” O leproso pede que seja curado da lepra, ao mesmo tempo que declara isso ser possível a partir da vontade de Jesus. Ou seja, ilustra uma maneira preciosa de orar, sincera na expressão daquilo que realmente é a nossa vontade, ao mesmo tempo que a submete à vontade de Deus. A oração, antes de ser o encontro com uma realidade nova (pressupondo um pedido atendido) é a transformação de uma realidade atual (o pedido feito é susceptível de ser transformado no ato de ser formulado). O crente, quando ora, corre o risco de aprender que aquela oração pode ser abandonada, se essa for a vontade maior da pessoa a quem pedimos (a oração do Pai Nosso recorda-nos isso no “seja feita a tua vontade”).

Infelizmente, a oração é frequentemente enquadrada apenas em termos de desejos atendidos. Mas uma parte fundamental da oração é, no processo de apresentarmos os nossos desejos, podermos tê-los transformados. Deus certamente responde às nossas orações

quando nos concretiza os desejos que lhe apresentámos. Mas Deus também responde às nossas orações quando, no processo de apresentarmos os nossos desejos, ele os muda. A oração é um hábito ambicioso na vida do crente, não somente porque pode dar-lhe o que pede, mas talvez ainda mais porque pode fazer o oposto. Deus faz grandes coisas na vida dos que confiam nele dando-lhes o que querem e, às vezes, ainda maiores não lhes dando. O leproso também nos ensina isto porque foi até Jesus e, chegando a ele, colocou a concretização do seu desejo dependente do querer de Cristo. Que grande lição.

Neste caso, Jesus mostra-se "profundamente compadecido" e afirma-o fisicamente ao arrepio de qualquer prudência clínica. Não era suposto alguém tocar num doente com lepra. Cristo estende a mão, toca-lhe e declara-lhe a intenção que tem de o curar. O efeito é instantâneo e o milagre, imediato. Aquele leproso quis ser curado e Jesus quis com ele — houve uma preciosa sintonia entre a vontade humana e a divina.

Mas a celebração do desaparecimento da lepra é feita por Jesus num tom nada festivo. O tom mudou de um momento para o outro. Não há foguetes, pelo contrário. Jesus vai dizer alguma coisa e vai dizê-la com muita intensidade. O termo usado no grego para a "veemente advertência" servia para descrever a disposição que uma pessoa tem para se mostrar indignada, e também era usado para descrever o ronco dos cavalos (— *embrimesamenos*). Jesus, tendo acabado de fazer algo fantástico, não está para festas. Por que razão Jesus está tão aborrecido? Perante uma cura incrível destas, não se justificaria uma garrafa de champanhe?

Jesus não quer que os miraculosamente curados desperdicem o seu milagre. O que é fantástico no fantástico é exigente. Naquele caso, cabia ao agora ex-leproso apresentar-se diante do sacerdote e seguir escrupulosamente o que a lei mosaica prescrevia sobre o assunto. No cimo de tudo isso, havia um extra: boca calada. Jesus quer ensinar uma lição, e essa lição pede uma relação meio

estranha entre sucesso e sossego. É certo que Cristo acode com atos sobrenaturais às ansiedades dos necessitados. Mas nesse acudir há um rigor que quer atar o extraordinário ao ensino. É natural que celebremos milagres com uma pulsão para a popularidade. Afinal, se foi incrível, queremos que todos saibam. A questão é que Jesus quer ir além da popularidade imediata pelo facto de fazer milagres. Como temos visto, Jesus quer o fantástico além do fantástico, e só lá se chega pedindo àqueles que se cruzem com ele que possam ir mais longe: o mais longe é irmos até Jesus, e não somente Jesus vir até nós. Jesus respondeu ao leproso; estará o leproso interessado em responder a Jesus?

Hoje há quem diga que não há má publicidade, apenas publicidade. O facto é que Jesus, à custa deste ex-leproso desobediente, deixa de "poder entrar publicamente em qualquer cidade, mas permanecia fora, em lugares ermos". Tristemente, o curado fez da cura uma razão para não obedecer ao curador. Já pensámos nisto? O Evangelho de Marcos, apresentando-nos este milagre, também quer levar-nos a pensar na tragédia que é a desobediência. João Calvino dizia a pretexto deste caso que pode existir uma pressa em querer fazer a vontade de Deus que por vezes acaba em rebelião. A moral da história deste milagre não é apenas que o leproso foi curado; é também que o leproso foi desobediente e daí vieram consequências negativas para Jesus. Novamente, olhemos para o fantástico procurando por um fantástico maior nele. De que nos serve um milagre se fizermos dele uma razão para não cumprir o que Jesus nos mandou?

Ainda assim, "de toda a parte vinham ter com ele". Temos no fim desta passagem bíblica o desafio perfeito à fé que guardamos e que procuramos. Quando o nosso interesse em Jesus é sério não é o ermo que nos impede de ir até ele. Movemos logística, investimos esforço e mantemos os planos até eles serem completos. Novamente, até dos maus exemplos podemos sacar algum bem no Evangelho de Marcos. Já aprendemos a partir de demónios.

Terminamos agora aprendendo de pessoas potencialmente interesseiras, viradas só para as partes confortáveis da companhia de Jesus. Mas até elas não arranjavam desculpas para não o alcançarem. Mal por mal, desejavam-no para alguma coisa e agiam em conformidade. E nós, temos dos endemoninhados a clareza e dos interesseiros o esforço?

Que Deus nos ajude.

---

18 de Setembro de 2011.

4

COMEÇA NO CORAÇÃO E ACABA NAS PERNAS



NO SERMÃO ANTERIOR CONFIRMÁMOS que, lendo o Evangelho de Marcos, encontramos um Jesus mais sugestivo que persuasivo. Até porque muitas das coisas que Jesus está a sugerir não parecem persuadir quem o ouve. Ao encontrar-se com pessoas, Cristo parece estar mais interessado numa transformação interior que vá além da exterior, ainda que ele coopere para a segunda. Jesus, no pouco que diz no Evangelho de Marcos, quer mudanças concretas e age em função dessas mudanças que deseja. Nestes encontros, Cristo está mais a fazer que a filosofar (o Evangelho de João mostra-nos um Cristo mais filósofo, se quisermos colocar as coisas nesses termos). Os acontecimentos estão a ser enaltecidos por Marcos em vez dos diálogos. Isto não quer dizer que o Mestre seja contra o pensamento, mas que a sua mensagem vai além dele, a ponto de querer mudar a vida dos que com ele se cruzam.

Por causa deste desejo de Jesus por mudança na vida das pessoas com quem se encontra, o arrependimento vai ser um assunto a fazer a sua chegada mais formal no sermão de hoje. O arrependimento é uma parte muito importante do que Jesus traz, também porque vai além de meros pensamentos. O arrependimento implica mudar a própria maneira como se pensa. E quando,

pensando, se muda a própria maneira de pensar, o efeito é uma transformação de como se vive. O convite de Jesus é simples, mas radical.

Nem todas as pessoas estão a aproveitar a oportunidade. Por exemplo, o leproso foi curado, mas não completou a vontade de Deus na sua vida, porque desobedeceu à ordem expressa dada por Jesus para que não falasse do milagre. É possível experimentar a graça maravilhosa de Deus sem que lhe obedeçamos. E, provavelmente, este é o pior tipo de transgressão possível: alguém que, por falar da bênção que recebeu de Deus, garante que não lhe segue o conselho. O leproso desobediente pode tornar-se num símbolo terrível para a nossa geração, falando de uma maneira solta das coisas boas do cristianismo sem percorrer o seu caminho essencial. Novamente, a fé em Jesus é maravilhosa, mas exigente.

Diz o texto bíblico em Marcos 2:1-12: “1 Dias depois, entrou Jesus de novo em Cafarnaum, e logo correu que ele estava em casa.2 Muitos afluíram para ali, tantos que nem mesmo junto à porta eles achavam lugar; e anunciava-lhes a Palavra.3 Alguns foram ter com ele, conduzindo um paralítico, levado por quatro homens.4 E, não podendo aproximar-se dele, por causa da multidão, descobriram o eirado no ponto correspondente ao em que ele estava e, fazendo uma abertura, baixaram o leito em que jazia o doente.5 Vendo-lhes a fé, Jesus disse ao paralítico: “Filho, os teus pecados estão perdoados.”6 Mas alguns dos escribas estavam assentados ali e arrazoavam em seu coração: “7 Por que fala ele deste modo? Isto é blasfémia! Quem pode perdoar pecados, senão um, que é Deus?”8 E Jesus, percebendo logo por seu espírito que eles assim arrazoavam, disse-lhes: “Por que arrazoais sobre estas coisas em vosso coração?9 Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: ‘Estão perdoados os teus pecados’, ou dizer: ‘Levanta-te, toma o teu leito e anda?’10 Ora, para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados — disse ao paralítico: ‘11 Eu te mando: levanta-te, toma o teu leito e vai para tua

casa.’12 Então, ele se levantou e, no mesmo instante, tomando o leito, retirou-se à vista de todos, a ponto de se admirarem todos e darem glória a Deus, dizendo: “Jamais vimos coisa assim!””

Jesus regressa a Cafarnaum, a casa. E neste regresso doméstico devemos falar provavelmente da casa de Pedro, palco da cura prévia da sua sogra. Não temos a certeza, mas pode ser. O discurso do Evangelho de Marcos, novamente lembramos, é o de uma testemunha ocular. Marcos fala daquilo que Pedro lhe contou. O detalhe é explícito, explicando que, mal o povo soube que Jesus havia regressado a casa, ela encheu-se de uma maneira que “nem mesmo junto à porta eles achavam lugar”. Este seria provavelmente um lar virado para a rua, permitindo que quem vinha de fora rapidamente tivesse acesso ao que acontecia dentro das paredes. A popularidade de Jesus não para de crescer.

Diz o versículo 2 que Jesus “anunciava-lhes a Palavra”. O verbo grego usado não é o habitual *kerusso*, para ensino (que dá origem a *kerygma*, “pregação”), mas *laleo*, que servia para descrever o canto dos pássaros, as conversas das crianças e o diálogo coloquial entre as pessoas. O que nos leva a pensar num discurso com uma ligeireza até musical, que daria para interagir com aqueles que ouviam. Como todas as conversas que são boas, esta é uma cheia de beleza e resultado. É bonita e eficaz.

Mateus e Lucas também falam deste episódio, mas é Marcos quem oferece mais detalhes. Diz ele que são quatro os homens que conduzem o paralítico numa cama improvisada. Ao sinal de lotação esgotada, o grupo não abandona o propósito e desenrasca-se. Era mesmo essencial encontrarem-se com Jesus. Para isso, sobem ao telhado e concretizam um plano B. Sabemos que os telhados orientais eram planos, proporcionavam o efeito de varanda, e o acesso a eles era exterior, daí a facilidade que aquela comitiva tem de contornar a enchente dentro de portas. Sabemos também que a cobertura seria feita de uma mistura de alcatrão, argamassa, cinzas, areia e erva prensada (e não seria impossível encontrar cabras a

comer telhados!), o que permitia que fosse perfurada sem muito esforço. Faça-se então um buraco no telhado, pensaram.

O desenrascanço arquitetônico garante-lhes resultado. Ao baixarem o paralítico no seu leito, interrompem o curso normal da pregação de Jesus — pudera! Agora, os olhos de todos estão naquela inesperada manobra em curso. Estão os olhos de todos e estão os olhos de Jesus, que lhes vê a fé, como diz o versículo 5. E vê a fé de todos os envolvidos: do que é paralítico, transportado, e dos quatro que o transportam. Para o trabalho ser de equipa há uma fé que é individual a cada um. Imediatamente Jesus volta-se para o doente e declara-lhe os pecados perdoados. Acreditamos que o texto está a sugerir uma relação entre haver fé primeiro e ter os pecados perdoados depois.

Diz o versículo 6 que os escribas que faziam parte do auditório arrazoam nos seus corações. Literalmente, "arrazoar" significa "trazer razões diferentes para deliberar" (do grego *dialogizomai*). Quem poderá censurar-lhes o dilema, ao observarem a descarada declaração de Jesus? Afinal, quem é que Jesus julga que é para dizer que está a fazer uma coisa que só Deus pode fazer? A conclusão que tiram é clara: se só Deus tem o poder para perdoar os pecados, o que ouvimos é uma blasfémia, pois, naturalmente, não reconhecemos divindade a Jesus. Como nota A.T. Robertson, a acusação dos escribas tem lógica e, por isso, é compreensível que o chamem de blasfemo. Afinal, tudo aquilo que se pensar acerca de Jesus depende da relação que lhe reconhecemos com Deus. Se não pensarmos que Jesus é Deus, é natural que o tenhamos como fraudulento na hora de afirmar coisas que apenas a Deus podem pertencer.

Recordamos, por isso, C. S. Lewis quando dizia que, ou Cristo é quem diz ser, ou é um impostor, ou é um louco. Os escribas presentes, homens versados na religião, fazem a sua escolha e recusam reconhecer a legitimidade das afirmações de Jesus. Instantaneamente acusam-no de fraude e não têm como conviver

com aquela conversa. A aplicação do que aqui está a acontecer à nossa vida não é difícil. Só o reconhecimento da divindade de Cristo tornaria tolerável a convivência com ele. Isto não quer dizer que, a este ponto do Evangelho de Marcos, todos os que acompanham Jesus tinham a concepção mais nítida dos ensinamentos de Jesus e de tudo acerca de quem ele é. A prova é que, como temos visto, têm sido os que não seguem Jesus aqueles que fazem as declarações mais verdadeiras acerca da sua identidade e capacidade (endemoninhados e curados desobedientes, por exemplo). O que está em causa é compreender que seguir Jesus anda de mãos dadas com aceitar as afirmações que ele faz acerca de si próprio. É por isso que a obediência sai destacada no processo de entender Jesus. Obedecer é fundamental para compreender, ao passo que nem sempre a compreensão sai destacada no processo de obediência.

Mas o episódio ainda não terminou. Jesus tem um acesso sobrenatural ao que se passa dentro dos escribas e não lhe escapa a hostilidade deles. Pede-lhes então a razão do seu descontentamento, ao mesmo tempo que acrescenta uma pergunta: “Qual é mais fácil? Dizer ao paralítico: “Estão perdoados os teus pecados”, ou dizer: “Levanta-te, toma o teu leito e anda?”” O que parece mais fácil de materializar, afinal?

Por um lado, perdoar os pecados, sendo uma coisa dita, não é possível de ser verificado fisicamente. Não há método empírico que confirme que os pecados de alguém acabaram de ser perdoados. Nesse sentido, pode ser fácil dizer que os pecados de alguém foram perdoados. Agora, também é preciso ter em conta que, assim dizendo, o conteúdo em causa é muito mais chocante — naquele contexto, era mesmo blasfémia.

Por outro lado, dizer “levanta-te e anda” implica testar imediatamente o resultado. Aparenta ser menos fácil de dizer, mas o conteúdo é menos chocante em termos religiosos (quem é contra a ideia de um coxo poder andar?). A pergunta de Jesus é complicada.

E a resposta dele não vai ser menos potente em termos de exigência.

Jesus deixa todos perplexos com a sua resposta. “Para que saibais que o Filho do Homem tem sobre a terra autoridade para perdoar pecados, eu mando: levanta-te, toma o teu leito e vai para tua casa.” Parafraseando Maclear: fazendo Jesus aqui o que é possível pôr à prova — a cura física —, confirma o direito e poder para fazer aquilo que, pela sua natureza, é impossível de ser posto à prova — o perdão dos pecados. Mais do que sugerir enigmas aos seus opositores, Jesus afirma que não há fuga possível para a verdade que diz ser. Quer as suas manifestações sobrenaturais, quer o seu ensino, se submetem à sua divindade. Aquilo que Cristo pode fazer corresponde em último grau àquilo que Cristo é. O centro do relacionamento dos homens com Jesus é o reconhecimento de que, sendo Filho de Deus, é Deus também. Logo, o poder que apenas a Deus pertence, pertence-lhe também. Jesus pode perdoar pecados.

O impasse está a ser suplantado. No Evangelho de Marcos, a expressão “Filho do Homem” é a preferida por Jesus para se descrever a si próprio. Aparece aqui pela primeira vez e será usada mais treze vezes. É a opção do próprio Cristo acerca de si. Aparecerá novamente em Atos 7:56, na visão que Estêvão tem quando está a ser martirizado, duas vezes no Apocalipse de João, e parece ser uma herança de Daniel 7:13 no Velho Testamento. Quando se diz “Filho do Homem” pensa-se no Homem de agá grande, o segundo Adão que o próprio Jesus personifica. O Homem Novo. Jesus é um homem novo com um carácter que nenhum homem antes dele teve. É um homem que pode dizer e fazer coisas que nenhum homem antes dele pôde — perdoar pecados, por exemplo.

Outra das coisas que compreendemos da afirmação de Jesus é a relação estabelecida entre os pecados daquele paralítico e a sua doença. Como diz Matthew Henry: “Jesus não teria curado a

doença, que era o efeito, se antes não tivesse resolvido o pecado, que era a causa." Isto não significa que a doença seja sempre um resultado do pecado (uma pressa filosófica também típica daquele tempo, e que o Mestre faz questão de esclarecer em João 9:1-3, na cura de um cego de nascença). Significa, sim, que o poder de curar a doença se funda sempre no poder de perdoar os pecados. A lógica é: Jesus pode curar porque Jesus pode perdoar.

Se não pudesse perdoar os pecados, Jesus não poderia curar. Logo, há uma prioridade, e o perdão dos pecados assume um papel mais essencial do que a cura. Podem existir pessoas curadas que, em último reduto, não são perdoadas. Podem também existir pessoas perdoadas que não são curadas. Todavia, todas as pessoas que são curadas, são curadas porque o poder de serem perdoadas existe. É esse o convite de Jesus. Podemos avaliar o desapontamento dele com o leproso desobediente, por exemplo. É como se Jesus lhe dissesse: "Estás a beneficiar-te dos efeitos de um poder que não queres provar na sua origem — estás a ter no corpo aquilo que não queres ter na alma."

Como a nossa vida seria diferente se, de cada vez que desejamos benefícios físicos, nos recordássemos de que eles só podem existir em função dos benefícios espirituais. É certo que Deus gosta de nos dar o pão de cada dia, a roupa e a saúde. Mas qualquer dessas coisas serve para nos chamar para coisas maiores ainda, as espirituais. Isto não significa que o cristianismo seja somente espiritual e desvalorize o físico — pelo contrário. Significa, sim, que na sua relação próxima, coisas físicas pedem coisas espirituais. Novamente, e como uma espécie de refrão, as coisas fantásticas que acontecem fisicamente no Evangelho de Marcos servem também para nos chamar para um fantástico maior. Jesus cura o paralítico mas, melhor ainda!, perdoa-lhe os pecados.

Neste texto bíblico, a palavra grega usada para "poder" não é a habitual *dunamis*, mas *exousia*, que salienta uma autoridade delegada. Nada do que Jesus faz acontece sem que lhe seja

concedido fazer. Conhecer Jesus é, por inerência, conhecer-lhe o Pai. Podemos, por isso, imaginar o escândalo dos escribas. Diz Robertson que “Jesus agiu com o poder de Deus, reclamou a igualdade com Deus e comprovou o seu argumento”. Os escribas estão para morrer! Por uma porta sai o ex-paralítico que agora caminha com a maca debaixo do braço, apressado para chegar a casa e não dar muito estrilho. Dentro da casa “todos se admiram e glorificam a Deus dizendo: “Nunca tal vimos.”” A surpresa, o temor e a alegria só podem ser respondidos em louvor. Nós, que assistimos a estas coisas, também não temos grande alternativa.

Que o Senhor nos ajude.

---

25 de Setembro de 2011.

5

SEGUIR É O MELHOR REMÉDIO



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 2:13-17: “13 De novo, saiu Jesus para junto do mar, e toda a multidão vinha ao seu encontro, e ele os ensinava.14 Quando ia passando, viu a Levi, filho de Alfeu, sentado na coletoria e disse-lhe: “Segue-me!” Ele se levantou e o seguiu.15 Achando-se Jesus à mesa na casa de Levi, estavam juntamente com ele e com seus discípulos muitos publicanos e pecadores; porque estes eram em grande número e também o seguiam.16 Os escribas dos fariseus, vendo-o comer em companhia dos pecadores e publicanos, perguntavam aos discípulos dele: “Por que come [e bebe] ele com os publicanos e pecadores?”17 Tendo Jesus ouvido isto, respondeu-lhes: “Os sãos não precisam de médico, e sim os doentes; não vim chamar justos, e sim pecadores.””

Apesar de o Evangelho de Marcos estar apenas no seu início, já aqui encontramos um padrão curioso: Jesus passa uma boa parte do seu tempo perto do mar. Pelo visto, Jesus gostava de estar perto da água, um sinal de bom critério. Provavelmente este prazer pela praia também estava relacionado com o alívio que ela podia dar-lhe das multidões que estão a tornar-se típicas quando entra nas cidades. E a verdade é que Jesus não usa o mar como razão para não trabalhar (até porque o mar era lugar de muito trabalho e comércio). Pelo contrário, quando a multidão o segue, como aqui

vemos no versículo 13, ele ensina-a. Mesmo no prazer, Jesus produz. Como já vimos antes, não tem de haver uma relação oposta entre devoção e esforço.

A partir do versículo 14 sabemos que da areia da praia Jesus passou para a alfândega — este trânsito merece-nos uma referência. No Novo Testamento, as alfândegas têm muito que se lhes diga. Estamos num Israel que é província do Império Romano, assim como grande parte do mundo mediterrânico. As alfândegas simbolizavam que os judeus, o povo escolhido de Deus, eram dominados por gentios. De cada vez que um judeu via uma alfândega, ele podia lamentar: “Não somos capazes de mandar em nós próprios.” Com a agravante de que os seus funcionários, sendo judeus, eram também empregados do império latino. Isso fazia com que os publicanos, esses funcionários das alfândegas, fossem postos no pior grupo de pecadores, ao lado das prostitutas. O movimento que leva o Messias das ondas para a alfândega faz-se em curva apertada e descendente. É como se do Céu passássemos para o Inferno. Por isso mesmo, as pessoas que assistem a este episódio que lemos não vão ser meigas com Jesus. O contexto de uma alfândega era demasiado pesado para levezas.

O versículo 14 apresenta-nos Levi. Levi é filho de Alfeu (não confundir com o Alfeu pai do Tiago Menor) e é o Mateus evangelista. “Mateus” seria o nome gentio que usava em contraponto ao hebraico “Levi”. O facto de Levi usar o nome gentio de Mateus já diz muito sobre a condição social de alguém que estava ao serviço de Herodes Antipas, o rei judeu que era submisso a César e, por isso, desprezado pela maioria dos judeus. Jesus está a chamar para ser seu discípulo um homem de pouca ou nenhuma reputação aos olhos dos judeus. Tendo em conta que Jesus tem um ministério com os judeus, isto parece estranho. Logo, podemos concluir que, quando Jesus serve os judeus, não é uma prioridade que aqueles que deles são religiosos aceitem todas as suas iniciativas. A prioridade de Jesus não é a dos que estão convictos da sua fé.

À semelhança do episódio com os pescadores, do capítulo 1, Jesus volta a fazer um convite tão resumido como ambicioso: “Segue-me.” Este “segue-me” também podia ser traduzido por “segue comigo”, ou “caminha o mesmo caminho que eu”. Outra forma de colocar a questão é entender que Jesus estava a sugerir a Mateus que largasse o que até agora o tinha agarrado. Seguir Jesus é largar o que até agora nos agarrou.

No versículo 15 vemos Levi, o homem de negócios de má reputação que prontamente abandona o seu negócio lucrativo, a oferecer uma festa de despedida, convidando colegas, amigos e vizinhança. Diz o versículo 16 que a companhia da casa era reprovável aos olhos severos dos fariseus que, não se atrevendo a entrar em casa, observariam a cena à distância. A censura vem em forma de pergunta para os discípulos: “Por que come e bebe com os publicanos e pecadores?” Ou seja, aqueles que têm a certeza de estarem bem inquirem os que supostamente estão mal. Jesus, ouvindo, oferece-se para responder naquele que é no Evangelho de Marcos o segundo choque entre Cristo e os fariseus. Jesus enfrenta com graça e ironia a pergunta dos que têm a presunção de estar certos. Quantos de nós somos capazes de ser tão graciosos com pessoas rígidas que não nos querem bem? Nessa graça e ironia, Jesus diz que veio em socorro dos doentes e não dos sãos, e daqui retiramos, pelo menos, duas lições.

Em primeiro lugar, Jesus, para dizer quem é, prefere identificar-se com os maus e não com os bons. Jesus veio para os pecadores que dependem do seu auxílio, e uma das consequências é ser capaz de lidar com o estilo de festa deles, ainda que possa ter um diferente. Como assim? Jesus pode ir até à festa e à fartura dos outros mesmo que opte por um estilo de vida frugal.

Em segundo lugar, Jesus baralha os conceitos de doença e de saúde. Por um lado, Jesus diz que é possível curar uma doença incurável como assim eram vistas as piores coisas que os maus fazem. Os fariseus não acreditavam que isso era possível. As curas

de Jesus ultrapassam os diagnósticos que parecem intratáveis. Por outro lado, ao chamar sãos aos fariseus, Jesus nem por um segundo aposta no vigor deles. Estes saudáveis estão tão doentes como os outros. Numa nuance preciosa, estão até mais. Logo, Jesus diz que é capaz de curar o incurável, mas sugere que os que se consideram saudáveis eventualmente não têm cura.

João Calvino comentava este texto, dizendo que os fariseus "são demasiado estúpidos para pensarem nas suas misérias e na pertinência do remédio". E aqui vale a pena estacionar na estupidez dos fariseus, porque temos a aprender com ela. De cada vez que nos julgamos imunes aos erros que nos outros nos parecem imperdoáveis, acabamos por nos tornar indiferentes à coisa mais importante que Jesus veio fazer, que é acudir aos aflitos. E todos nós tendo, sem excepção, facilidade em nos julgarmos superiores aos piores erros dos outros, caímos nesta indiferença a Deus, o Filho.

Para os fariseus, o perdão dos pecados parecia uma vacina para um vírus tropical que nunca poderia infectá-los. Na cabeça dos fariseus, o pecado a sério só atinge os outros. O mais triste nisto é que, nesta convicção, os fariseus impedem-se a si mesmos de se relacionarem com o amor de Cristo. E este será provavelmente o efeito mais perverso de só reconhecer a maldade nos outros: ficamos tão convencidos de que somos justos que deixamos de precisar da graça de Deus. O pior é que, quando ficamos sem consciência do nosso pecado, é o próprio perdão de Deus que rejeitamos. Olhem para a fatalidade dos fariseus: na presença da própria salvação preferem concentrar-se na suposta condenação dos que estão à sua volta. Os fariseus estão tão obcecados pelo pecado dos outros que não arriscam tocar na sua própria salvação, ali presente em Jesus. Olhemos agora para esta cena em termos de produtividade. Há muita produtividade na relação de Jesus com os pecadores que é vista na transformação deles. Por contraste, há pouca produtividade na relação de Jesus com os religiosos, e a

ausência de transformação neles confirma-a. Este Evangelho quer que o trabalho de Jesus seja avaliado em termos de arrependimento: onde pessoas se arrependem, Jesus faz muito; onde pessoas não se arrependem, Jesus pouco fez. O arrependimento também é o fantástico além do fantástico, a mudança interna que atinge mais do que o aparato da externa. Esta é uma lição útil para nós, cristãos: na relação com os outros devemos procurar a transformação espiritual que Jesus procurou. Não devemos relacionar-nos com os outros como quem procura mais um emblema no nosso uniforme religioso. Logo, e inspirados por Jesus, vale a pena perguntar: a nossa presença favorece a transformação espiritual nas pessoas à nossa volta ou, pelo contrário, apenas a condenação delas?

A palavra prossegue em Marcos 2:18-22: “18 Ora, os discípulos de João e os fariseus estavam jejuando. Vieram alguns e lhe perguntaram: “Por que motivo jejuam os discípulos de João e os dos fariseus, mas os teus discípulos não jejuam?”19 Respondeu-lhes Jesus: “Podem, porventura, jejuar os convidados para o casamento, enquanto o noivo está com eles? Durante o tempo em que estiver presente o noivo, não podem jejuar.20 Dias virão, contudo, em que lhes será tirado o noivo; e, nesse tempo, jejuarão.21 Ninguém costura remendo de pano novo em veste velha; porque o remendo novo tira parte da veste velha, e fica maior a rotura.22 Ninguém põe vinho novo em odres velhos; do contrário, o vinho romperá os odres; e tanto se perde o vinho como os odres. Mas põe-se vinho novo em odres novos.””

Sem demoras, segue-se um novo assalto do combate entre Jesus e os fariseus. À semelhança de João Baptista e dos seus seguidores, os fariseus costumavam jejuar. A presunção de santidade, que era alimentada por esta prática de jejum dos fariseus, volta a incomodar-se com a barriga cheia dos outros. “Por que motivo não jejuam vocês?” E, novamente, o Mestre não adia a resposta. Não é possível passar fome no meio da festa. Não haver

alegria na presença do noivo é imoral (e aqui há um eco da referência matrimonial entre Deus e o seu povo, presente, por exemplo no Velho Testamento em Oseias 2:20). Se há na Escritura um ensino para a tristeza, há também um inequívoco ensino para a alegria, uma instrução clara e vibrante de que não se deve mendigar o prazer na hora de celebrar a fidelidade de Deus.

Como diria o pastor batista norte-americano John Piper, conhecido pelo seu revolucionário livro *Desiring God*, Deus não se aborrece com o prazer dos homens. Deus aborrece-se com o prazer dos homens quando esse prazer é insignificante a ponto de não culminar no próprio Deus. Aos discípulos de Jesus seria, nesse sentido, reprovável serem tímidos na comemoração. Isto não significa que não haja na fé cristã lugar para o recolhimento, para o pudor e mesmo para a tristeza. Certamente que sim. Mas a manifestação destes sentimentos seria uma desonra para a presença física de Cristo entre eles. “Dias virão em que lhes será tirado o noivo e nesse tempo jejuarão.” Há tempo para tudo debaixo do Sol, como já afirmava o Eclesiastes. A alegria é um assunto seríssimo para o cristão. Ainda que João Baptista partilhasse com os fariseus de algum ascetismo, é preciso ter em conta que não se encontrava propriamente do lado deles, que justamente costumava acusar de hipocrisia. Essa inclinação ascética foi não só seguida por estes judeus rigorosos, orgulhosos em acrescentar ao jejum obrigatório anual as suas duas vezes por semana, mas também na era cristã. A Didaché, do segundo século, descreve que quarta e sexta-feira eram dias de jejum para os cristãos. A relação entre recato e exuberância, austeridade e abundância, continua viva ao longo de dois mil anos de história cristã. Em qualquer um dos dois polos deve prevalecer a humildade de reconhecer que, quer a fartura, quer o jejum, se dobram diante do senhorio de Cristo. Tentando conciliar os próprios desequilíbrios possíveis dos tempos que vivemos, vale a pena afirmar que, se o farisaísmo da pobreza

não tem fundamento bíblico, o mesmo se aplica ao farisaísmo da prosperidade. Todos são secundários perante o noivo.

E a ação prossegue em Marcos 2:23-28: “23 Ora, aconteceu atravessar Jesus, em dia de sábado, as searas, e os discípulos, ao passarem, colhiam espigas.24 Advertiram-no os fariseus: “Vê! Por que fazem o que não é lícito aos sábados?”25 Mas ele lhes respondeu: “Nunca lestes o que fez Davi, quando se viu em necessidade e teve fome, ele e os seus companheiros?26 Como entrou na Casa de Deus, no tempo do sumo sacerdote Abiatar, e comeu os pães da proposição, os quais não é lícito comer, senão aos sacerdotes, e deu também aos que estavam com ele?”27 E acrescentou: “O sábado foi estabelecido por causa do homem, e não o homem por causa do sábado;28 de sorte que o Filho do Homem é senhor também do sábado.””

Estamos perante o último assalto que agora leremos entre Jesus e os fariseus (no próximo sermão leremos o final deste combate, com a cura do homem da mão ressequida num sábado). Era sábado, dia de descanso que os judeus cumpriam escrupulosamente, quando Cristo e o seu grupo atravessa searas que prontamente alcançam para se servirem de espigas. Novamente, os fariseus, que revelam zelo até no modo como perseguiriam ativamente a passada de Jesus, acusam-nos de quebrarem a Lei do repouso, trabalhando para suprirem a fome. A este golpe, o Mestre retorna com uma resposta afiada: “Afinal, vocês, que se orgulham de saber tudo sobre a Lei, não conhecem também o episódio em que David e os seus homens se serviram dos pães do Templo?”

Esta história está no Velho Testamento, em 1 Samuel 21:1-6, e, além dos possíveis equívocos na referência ao sacerdote (que não têm razão para existir tendo em conta que Abiatar seria o nome mais abrangente na vida religiosa daquele tempo), exemplificava que a própria lei já previa, em Deuteronômio 23:24, que matar a fome era um ato eticamente defensável num sábado. Os fariseus,

todavia, têm um problema em olhar para o código de Moisés naquilo que de valor positivo ele aponta. E isso nota-se no que é dito nos versículos 27 e 28.

Nas espigas comidas pelo grupo de Jesus não havia profanação qualquer, e muito menos roubo de propriedade privada. Mais do que acrescentar detalhes às regras da obediência legal, Cristo simplifica o princípio da própria obediência. O sábado deve servir o homem e não o homem deve servir o sábado. O que de mais libertador há em compreender isto é saber que Cristo, tendo poder miraculoso, ensinando e sendo o Filho de Deus, é, como resultado natural, o Senhor do próprio sábado. Matthew Henry diz com razão: “Que bom Mestre servimos cujas instituições são para nosso benefício.” Isto livra-nos da prisão do institucionalismo, ao mesmo tempo que nos encaminha para a maneira certa de fazer as coisas. Nesse sentido, Jesus dá-nos mais do que religião e dá-nos mais do que relativismo. O sentido do sábado pede mecânica, mas também pede mensagem.

No Evangelho de Marcos, o choque entre Jesus e os religiosos é, como vimos, um tema recorrente. Neste texto, em que o choque acontece triplamente, Jesus não quer apenas amolecer o coração duro dos fariseus. Cristo está interessado numa coisa mais radical que é dar-lhes um coração novo. E os fariseus não vão conseguir mudar enquanto o centro da fé deles se mantiver no conceito elevado que têm da sua própria justiça, quer porque não se misturam com pecadores, quer por jejuarem, quer por cumprirem minuciosamente o sábado. É óbvio que, enquanto nos julgamos justos, não sentimos necessidade de mudar. Os fariseus só mudarão se, em vez de olharem com muita certeza para o bom carácter que julgam ter, olharem para o carácter perdoador de Deus. Para que mudemos, temos de olhar para Deus. Os fariseus só têm olhos para os fariseus — Deus é apenas um adereço nesse narcisismo.

Quando Jesus responde às perguntas maliciosas dos fariseus, é ele próprio que se oferece nessas respostas. Jesus não é contra que os fariseus queiram ser justos (até porque no seu Sermão do Monte diz que nós temos de ser mais justos do que eles); Jesus quer é que os fariseus cheguem à coisa radical que é terem-no como o próprio significado de justiça. O facto de Deus perdoar não serve para relativizarmos o que a justiça é, mas para ganharmos Jesus como a sua definição. Há muita gente a deitar fora o bebé com a água do banho e a cair no erro de, ao ter tanta vontade de bater nos fariseus, esquecer que o perdão de Jesus não serve para dizer que o mal não existe, mas para resolvê-lo de uma vez por todas. É importante, nesse sentido, dizer que Jesus choca tanto os religiosos como os relativistas. Jesus não veio para perdoarmos da maneira que queremos; Jesus veio para mostrar o que o perdão deve ser.

A justiça dos homens, que era um valor tão propagandeado pelos fariseus, deve resultar da compreensão do perdão do Messias. A santidade dos homens deve vir de uma comunhão com a presença de Deus e depois materializar-se em exuberância ou recolhimento, com a fome do jejum ou com a fartura da festa. O zelo dos homens deve imitar a entrega de Deus aos seus filhos, personificada em Jesus Cristo, em vez do fechamento nas restrições.

É perante Jesus, este homem que incrivelmente se coloca na posição de Deus ao dizer que veio para tratar dos incuráveis, que nenhum grande e próspero negócio, como o que Mateus mantinha, resiste. A produtividade de Jesus com o arrependimento é maior do que a produtividade de Mateus com a cobrança de impostos. Nós devemos estar neste lugar, de arrependidos sinceros que, na hora de correr atrás do remédio que é o perdão dos pecados, não julgam que são mais do que realmente são.

Jesus, mais do que merecer as nossas perguntas, merece a nossa perseguição. O questionário serve muito bem para os distraídos com as minúcias da lei. Os outros, tão doentes como nós,

preferirão largar tudo em favor do remédio. Os fariseus estão a fazer do muito discurso uma razão para passar ao lado da salvação em pessoa que Jesus é. Nesse sentido, Jesus diz-lhes: “Menos conversa e mais ação — eu, o noivo, não vou estar aqui para sempre.”

Que o Senhor nos ajude a perseguir Cristo.

---

2 de Outubro de 2011.

6

INIMIGOS E DISCÍPULOS MAIS DEDICADOS



SE NA SEMANA PASSADA ASSISTIMOS a três assaltos seguidos entre Jesus e os escribas dos fariseus, hoje o desfecho faz-se ao ritmo de uma cura no sábado (provavelmente um sábado diferente do que o do relato anterior). No final deste combate encerra-se aquilo que muitos consideram a primeira fase do ministério de Jesus. Duas coisas sobressaem no momento: a oposição dos religiosos, passando pelos fariseus, que agora começam a organizar-se contra Cristo, e a nomeação dos doze apóstolos. Por um lado, fica nítido o ódio que alguns assumem em relação a Jesus. Por outro, fica nítido o serviço estratégico que Jesus está a prestar a muitos, visível nas responsabilidades delegadas aos discípulos. A tensão narrativa sobe e Marcos não quer poupar os seus leitores. Ao lermos a Bíblia não devemos sentir-nos imunes à pressão que ela provoca.

Diz a palavra em Marcos 3:1-6: “1 De novo, entrou Jesus na sinagoga e estava ali um homem que tinha ressequida uma das mãos.2 E estavam observando a Jesus para ver se o curaria em dia de sábado, a fim de o acusarem.3 E disse Jesus ao homem da mão ressequida: “Vem para o meio!”4 Então, lhes perguntou: “É lícito nos sábados fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?” Mas eles ficaram em silêncio.5 Olhando-os ao redor, indignado e

condoído com a dureza do seu coração, disse ao homem: “Estende a mão.” Estendeu-a, e a mão lhe foi restaurada.[6] Retirando-se os fariseus, conspiravam logo com os herodianos, contra ele, em como lhe tirariam a vida.”

Os comentadores bíblicos apontam que a mão mirrada do homem na sinagoga deveria ser resultado de uma doença ou de um acidente, e não uma condição de nascença. Talvez fosse uma forma de paralisia — não podemos ter a certeza. Lucas no seu Evangelho pormenoriza ser a mão direita (Lucas 6:6). Diz-nos a passagem que o auditório que assiste a este episódio já antecipa a possibilidade de Cristo, encontrando-se com aquele doente, curá-lo — a reputação de Jesus começa a chegar mais rápido do que ele. O que prova que muitas vezes os adversários adivinham melhor os gestos daqueles a quem se opõem do que os amigos. Uma vez mais, Marcos mostra que quem não gosta de Jesus tende a ser mais perspicaz.

Jesus chama o homem para o meio e conseguimos sentir o ambiente a ficar pesado. Sai uma pergunta. “É lícito no sábado fazer o bem ou fazer o mal? Salvar a vida ou tirá-la?” Segundo a interpretação tradicional da lei mosaica, só doenças de vida ou morte podiam ser acudidas no dia santo. A frase de Jesus volta a baralhar as observações meramente clínicas. Como não há resposta, o silêncio deveria tornar a tensão bem elevada.

Se no grego havia quatro tipos de amor, havia também três tipos de indignação. Não será desajustado falarmos de uma fúria que Jesus sente, rápida e passageira, mas intensa. Nenhum rosto dos fariseus terá sido poupado ao olhar irado de Jesus. A tristeza acaba por temperar as emoções do Messias, que se mostra impressionado pela dureza dos corações. Esta perturbação não impede, todavia, que o milagre aconteça e a mão estendida em direção à ordem de Cristo saia curada. Mesmo quando Jesus fica triste, há coisas fantásticas que podem acontecer. O homem da mão mirrada soube disso.

A libertação do poder de Deus na vida daquele homem fraco era tudo de que os legalistas precisavam para elevar o escândalo teológico ao próximo nível. Afinal, o sábado parece quebrado e os antigos professores saem calados, perante um povo que favorece o transgressor. E vale a pena notar o empenho colocado na nova tarefa à qual se propõem. Jesus tem de morrer. O ponto a que se chegou já não dá para recuos: a vida de Jesus já é suficientemente perigosa para que se justifique o plano da sua morte. Já não é uma questão de debate teológico — é um plano criminoso. Tudo isto ao capítulo 3. Como é que Jesus vai aguentar até ao 15?

Para missões deste tipo de calibre é preciso parceiros fortes e, neste caso, o inimigo do meu inimigo meu amigo é. A entrada em cena dos herodianos só apimenta mais o ódio dos fariseus. Quem são os herodianos, afinal? Os herodianos apoiavam a dinastia de Herodes, *o Grande*, com algum tipo de esperança messiânica. Em termos religiosos, eram liberais e por isso estavam mais próximos dos saduceus que dos fariseus (num certo sentido, “herodiano” pode até confundir-se com “saduceu”). Tentavam um compromisso da fé antiga com o progresso político recente e por isso eram vistos como pactuando com o poder invasor romano. Os Herodes que reinarão depois são reis tidos como relaxados e manipulados por César. Ver um fariseu com um herodiano era um encontro bem improvável — uma espécie de coligação entre direita e esquerda. Jesus está a frustrar todo o tipo de pessoas — conservadores e progressistas. Mais uma vez, apercebemo-nos de que o partido da oposição se mostra mais preparado e produtivo que o de apoio. Os inimigos de Jesus querem trabalhar em antecipação. Como veremos mais adiante, os amigos de Jesus parecem trabalhar sempre em atraso.

E a palavra continua em Marcos 3:7-12: “7 Retirou-se Jesus com os seus discípulos para os lados do mar. Seguia-o da Galileia uma grande multidão. Também da Judeia,8 de Jerusalém, da Idumeia, dalém do Jordão e dos arredores de Tiro e de Sidom uma grande multidão, sabendo quantas coisas Jesus fazia, veio ter com ele.9

Então, recomendou a seus discípulos que sempre lhe tivessem pronto um barquinho, por causa da multidão, a fim de não o comprimirem.10 Pois curava a muitos, de modo que todos os que padeciam de qualquer enfermidade se arrojavam a ele para o tocar.11 Também os espíritos imundos, quando o viam, se prostravam diante dele e exclamavam: “Tu és o Filho de Deus!”12 Mas Jesus lhes advertia severamente que o não expusessem à publicidade.”

Jesus regressa ao mar (quem pode censurá-lo?) e a multidão que o segue mostra diversidade. Da Galileia, da Judeia e de todo o lado, chegam pessoas que literalmente se atiram aos pés de Jesus para, ao menos, poderem ter a possibilidade de lhe tocar. Wuest diz que a visão destas coisas deveria ser tão patética quanto caótica. Imaginemos a confusão: quantidades infindáveis de pessoas tentando chegar ao jovem rabi-sensação com quedas aparatosas aos seus pés, empurrões e claustrofobias diversas, e a pontuação frequente de demónios aos berros a serem expulsos. No mínimo, intenso.

Estes versículos apontam algumas coisas que Jesus deseja: o serviço do ensino e as curas deviam ter uma ordem mínima. A favor da eficiência, a logística providenciada pela equipa de discípulos deveria estar pronta. Para isso, o Messias não pode ter a sua integridade física colocada em risco (não ser comprimido, no versículo 9), e é necessário um barquinho a remos para poder falar com a devida distância e clareza ao auditório (para uma mensagem próxima dos ouvintes é necessário uma distância física). Por outro lado, e como Jesus é muito criterioso em relação à publicidade que suscita, as vozes dos demónios declarando-o como Filho de Deus não devem tornar-se o instrumento evangelístico. No muito que acontece, e na confusão desse muito, Cristo quer alguma estratégia mínima. Pregar o Evangelho não pode funcionar às três pancadas.

Marcos 3:13-19 diz então: “13 Depois, subiu ao monte e chamou os que ele mesmo quis, e vieram para junto dele.14 Então, designou

doze para estarem com ele e para os enviar a pregar[15] e a exercer a autoridade de expelir demónios.[16] Eis os doze que designou: Simão, a quem acrescentou o nome de Pedro;[17] Tiago, filho de Zebedeu, e João, seu irmão, aos quais deu o nome de Boanerges, que quer dizer “filhos do trovão”;[18] André, Filipe, Bartolomeu, Mateus, Tomé, Tiago, filho de Alfeu, Tadeu, Simão, o Zelote,[19] e Judas Iscariotes, que foi quem o traiu.”

Jesus volta a retirar-se para o monte onde, segundo Lucas 4:12, passa toda a noite em oração. Esta preparação serve à chamada dos doze que acontece de seguida. O versículo 13 salienta que o eixo da ação está em Jesus, que é quem chama, quem quer e quem atrai a si os discípulos. É impossível passar pela Escritura sem notar o padrão de que todos os encontros de Cristo com outros, exprimindo também à vontade e necessidade dos que o procuram, dependem dele. Em termos práticos, o Messias é apontado como a causa e a consequência — tudo depende dele. Teologicamente falando, também é daqui que sai a convicção de que a salvação dos homens não resulta de uma iniciativa humana, mas de um gesto reconciliador de Deus. Isto faz toda a diferença. Neste caso específico da chamada dos apóstolos, não são os trabalhadores que atingem o cargo, é o patrão que os promove.

Estes discípulos passam por uma nomeação oficial para, segundo este texto, desempenharem três funções: estarem com Jesus, pregarem o seu Evangelho e expulsarem demónios. Comunhão, anúncio e libertação. É a descrição do trabalho que agora têm. O curioso é que este novo trabalho para o qual foram nomeados pressuponha uma transformação na própria identidade deles. Ser discípulo de Jesus passa por estas coisas que se têm de fazer, mas passa por uma nova personalidade que se tem de ser. Não deve surpreender-nos, por isso, que haja discípulos a receberem novos nomes. Dar nome é um sinal de propriedade e estes homens não são excepção — agora eles pertencem oficialmente a Jesus. Simão passa a Pedro, “homem da rocha”, e

Tiago e João a “filhos do trovão”. Não há uma oposição entre o que se é e o que se faz. Com uma nova missão vem uma nova personalidade.

No final destes episódios da cura no sábado (existem sete curas no sábado registadas nos quatro Evangelhos), do serviço junto ao mar e da nomeação dos apóstolos, destaca-se uma nova época de inimizade assumida contra Jesus pelos seus adversários e de responsabilização dos que o seguem. Quem é contra Jesus está cada vez mais contra; quem é a favor está cada vez mais a favor. Já não há volta a dar às transformações que Jesus provoca. Os campos opostos tendem a ganhar definição na sua atitude perante o homem que diz ser Deus. A neutralidade é uma qualidade impraticável se Cristo for o assunto.

Como vimos, os endurecidos de coração merecem a ira concreta de Jesus — não é possível ele ser indiferente com os que rejeitam a sua identidade salvadora. Sobretudo os religiosos, distraídos na sua eterna presunção de santidade, são quem eleva a temperatura emocional de Cristo. O aviso é para nós mesmos, na nossa santa e morna rotina, esquecendo-nos de que a tarefa dos que vivem o descanso é a reabilitação dos cansados. A secura da mão é a secura do nosso coração, indiferente aos que à nossa volta buscam de Cristo a frescura. Para aqueles que já creem em Cristo, a tentação mais provável é a dos fariseus: esquecerem que os lugares de culto devem valer aos que realmente estão cansados e por curar.

Os inimigos de Jesus agrupam-se independentemente do ódio que sentem entre si. Vêm da religião e vêm da irreligião. São tradicionais e progressistas. Conservadores e liberais. Cristo irrita todos os que estão seguros da sua própria justiça. E certeza da justiça própria existe tanto na esquerda como na direita. Sentirmo-nos os últimos guardiões da moral abandonada ou sentirmo-nos a ponta de lança da revolução libertadora não deve aliviar a consciência de ninguém. Quando menos esperamos, um dia damos por nós a conspirar para matar o Senhor. É esta acusação que o

Evangelho de Marcos pode estar a sugerir-nos. E não é suposto que queiramos escapar dela.

O tipo de publicidade que Cristo procura não é o da simples informação, mas o do testemunho. Não é de mais repetir. O modelo de resumir a mensagem de Cristo a mera informação é, no Evangelho de Marcos, preciosamente encarnado pelas vozes berrantes dos demónios. São gritos que acertam no diagnóstico, mas que não vivem a cura. Quantos de nós não somos tristes seguidores desta tradição sem coração? Sabemos a informação sem a viver.

O que o Evangelho quer na nossa vida é mais: humilharmo-nos e celebrarmos Jesus Cristo também em serviço porque foi ele que nos escolheu. Não há um centímetro da nossa salvação que dependa do nosso movimento. Foi ele que nos chamou e não nós que o chamámos. Somos pessoas novas com novos trabalhos porque assim Deus quer.

Que o Senhor nos ajude.

---

9 de Outubro de 2011.

7

A FAMÍLIA DE JESUS É FILHA DE DEUS PAI



PARA AQUELES QUE CRESCERAM COM A BÍBLIA aberta há o risco de até os feitos mais extraordinários de Cristo parecerem rotineiros. Afinal, quando desde o berço se ouve sobre multiplicações de pães e peixes, de coxos a andar, de leprosos purificados, de ressurreições, pode haver o risco de já poucas histórias impressionarem. Ao mesmo tempo que, de cada vez que estes relatos são revisitados, pode parecer uma ida anual à casa de um parente mais distante. Como dizem os americanos: "Já lá estivemos, já o fizemos, trouxemos a t-shirt." Tudo parece familiar. O sobrenatural feito banal.

Mas quando nos aproximamos do texto bíblico em Marcos 3:20-30, é a própria noção de familiaridade que é colocada em causa. O sobrenatural na história que vamos ler quer descompor o que pode parecer previsível para alguns. Somos chamados a refletir sobre o que a família deve representar para o cristão, ao mesmo tempo que aprendemos que a maneira como se olha para Jesus transforma o nosso relacionamento com todos os outros.

Diz o texto em Marcos 3:20-21: "[20] Então, ele foi para casa. Não obstante, a multidão afluiu de novo, de tal modo que nem podiam comer.[21] E, quando os parentes de Jesus ouviram isto, saíram para o prender; porque diziam: "Está fora de si.""

Diz-nos o versículo 20 que Cristo e os seus companheiros voltam para o interior de uma casa. Não havendo certeza sobre que casa seria esta, e não colocando alguns estudiosos de parte a possibilidade de ser a de Pedro, o texto confirma que a popularidade do Messias já não permite que as coisas mais simples aconteçam. Já nem para casa se pode ir normalmente. Há tanta gente à volta do grupo de Jesus que nem sequer comer pão conseguiam. O impacto de Jesus está a ser tal que não é só a vida dos que são diretamente tocados por ele que é transformada na forma de milagres, libertação de demónios ou aprendizagem. É também a vida dos que o seguem que é mudada a ponto de nem as rotinas mais elementares conseguirem garantir. A rotina daqueles discípulos mudou de uma vez por todas. É algo avassalador que está a acontecer no Evangelho de Marcos.

O versículo 21 diz que a família de Jesus, tendo conhecimento de toda aquela agitação, toma a decisão de ir até ele para lhe inculcar algum bom senso. Boa parte dos comentadores, estabelecendo uma ligação com o versículo 31, crê ser razoável entender nestes parentes a família chegada do Messias. Partindo também deste ponto, somos levados a crer que os efeitos do trabalho de Jesus, estando a atingir uma dimensão pública tão grande, incomodavam a paz da sua própria família. Wuest diz que ela recearia que Jesus ainda se magoasse à custa de tanta excitação. Tendo em conta que as classes religiosas dominantes já estão de mal com ele, e sabendo nós o poder que elas exerciam na Judeia daquele tempo, quem pode censurar a preocupação da família de Jesus?

É importante assinalar que, terminado um primeiro período do ministério de Jesus no ponto duplo da conspiração entre fariseus e herodianos e da nomeação dos apóstolos que vimos no sermão anterior, estaríamos a chegar a um período em que, depois do primeiro grande efeito público, as pessoas começam a ter necessidade de criar as suas próprias teorias acerca do que está a

acontecer. Se, por exemplo, Herodes crê que Jesus seria a reencarnação de João Baptista (como vamos ver mais à frente), a explicação da família de Jesus iria no sentido de detectar-lhe um desequilíbrio emocional. Seja uma explicação mais prosaica, seja uma mais delirante, a verdade é que com Jesus não dá para ficar indiferente: cada pessoa vai sentir que é preciso arranjar a sua própria teoria.

Quando existe tanta coisa a mudar, não dá para fingir que nada se passa. Não dá para ignorar Jesus se Jesus está a agitar tudo a uma escala global. Mesmo na vida aparentemente mais calma de um cristão ocidental do século XXI, algo de parecido acontece quando alguma coisa muda. O mais comum, se o caso for o de alguém que olha para outro que se converteu ao cristianismo, é arranjar a explicação cínica de que a pessoa foi vítima de uma lavagem cerebral. No fundo, temos medo de lidar diretamente com o poder renovador do Evangelho. Afinal, é a nossa própria existência, como até aí a conhecemos, que é colocada em causa.

A ação vai continuar em Marcos 3:22-30: “22 Os escribas, que haviam descido de Jerusalém, diziam: “Ele está possesso de Belzebu.” E: “É pelo maioral dos demónios que expele os demónios.”23 Então, convocando-os Jesus, lhes disse, por meio de parábolas: “Como pode Satanás expelir a Satanás?24 Se um reino estiver dividido contra si mesmo, tal reino não pode subsistir;25 se uma casa estiver dividida contra si mesma, tal casa não poderá subsistir.26 Se, pois, Satanás se levantou contra si mesmo e está dividido, não pode subsistir, mas perece.27 Ninguém pode entrar na casa do valente para roubar-lhe os bens, sem primeiro amarrá-lo; e só então lhe saqueará a casa.28 Em verdade vos digo que tudo será perdoado aos filhos dos homens: os pecados e as blasfémias que proferirem.29 Mas aquele que blasfemar contra o Espírito Santo não tem perdão para sempre, visto que é réu de pecado eterno.30 Isto, porque diziam: “Está possesso de um espírito imundo.””

Os próprios escribas têm a sua versão dos factos: Jesus está possesso por Belzebu. O Velho Testamento, no Segundo Livro de Reis 1:2, fala-nos de Belzebu, deus de Ecrom, divindade filistina das moscas (alguns podem recordar a referência no livro *Lord Of The Flies* de William Golding, mais tarde tornado em filme por Peter Brook). O que tinha acontecido é que os judeus tinham tornado este ídolo pagão num dos nomes possíveis para o Diabo. Assim, conferiam-lhe uma importância grande, reconhecendo que mesmo entre os espíritos imundos havia uma hierarquia. A acusação que os escribas fazem a Jesus é simples, aguda e parece sossegá-los na lógica que explicava os fenómenos sobrenaturais que viam. Jesus só faz coisas fantásticas porque essas coisas fantásticas estão a ser garantidas pelos poderes das trevas, a que ele mesmo se submete. Os escribas e fariseus estão em negação, mas estar em negação é normal quando a verdade nos desarranja as certezas. Tomar o que Jesus está a fazer como verdadeiro era ter de reconhecer que eles mesmos teriam de se colocar debaixo dessa ação. É um preço demasiado alto para pagar por quem quer continuar na mesma. Logo, qualquer versão, por exorbitante que seja (equivaler Jesus a soldado demoníaco), é preferível a admitir uma verdade que não nos deixará como éramos dantes.

Os escribas e fariseus somos, claro está, nós mesmos hoje, entrincheirados em explicações sofisticadas para não termos de nos confrontar com um Jesus que altera tudo.

Acontece que Jesus recusa essa lógica, desmonta-a e aponta-a contra os próprios escribas e fariseus. Vai fazê-lo através de parábolas, recordando-nos mais uma vez que a maneira como comunica está mais empenhada em ser verdadeira do que em ser apenas simples de compreender. E isto não significa que o que Jesus diz tenha de ser difícil de compreender, mas significa, sim, que a mensagem de Jesus não aceita qualquer modo de ser comunicada. Jesus usa parábolas porque elas não se limitam a falar ao ouvinte; elas colocam o ouvinte no meio da ação que está a ser

relatada — o meio é a mensagem, como diria MacLuhan (*media is the message* é apenas o modo à século XX de se dizer que a palavra se fez carne, como dizia Robert Inchausti). As mensagens de Jesus não pedem apenas ouvintes, mas pedem ouvintes-participantes — é para isto que as parábolas servem.

Conta B. H. Carroll que é possível encontrar três argumentos nesta contra-resposta de Jesus aos fariseus. Primeiro: se Jesus expulsa demónios a partir do poder dos demónios, então não poderia ser por intermédio de Satanás. Como pode Satanás expelir a Satanás? Segundo: o demónio não pode ser expulso senão por um poder superior, e o único poder superior à natureza demoníaca é o que pertence a Deus. Ninguém pode entrar na casa do valente sem primeiro amarrá-lo. Por último, Jesus lança uma sombra de suspeita sobre os próprios fariseus: se até eles sabem expulsar demónios, até sobre eles a mesma acusação podia recair. A teoria farisaica das permutas logísticas demoníacas fica deitada por terra. E Cristo prossegue. Agora não apenas condenando a atitude dos seus inimigos, mas ensinando-os também.

Sobre a blasfémia contra o Espírito Santo vale a pena reconhecer de antemão ser um assunto de grande debate entre os cristãos em dois mil anos de reflexão teológica. Por isso, reconhecemos também que é necessária prudência antes de presumirmos muitas certezas. Todavia, também não podemos em paz de espírito dizer que nada fica nítido no texto bíblico. Vindo da suspeita que os seus adversários acabaram de lançar-lhe, Jesus explica que muito pode ser perdoado aos homens. Melhor ainda: quase tudo. Quase tudo pode ser perdoado aos homens. Porém, e há um precioso “porém”, a blasfémia contra o Espírito Santo não tem perdão.

Os piores pecados podem ser perdoados. Na Bíblia, e apenas para alguns exemplos impressionantes, Deus perdoa incesto, homicídio, mentira, adultério, entre outros — as piores blasfémias podem ser perdoadas, mas não o pecado de blasfemar contra o

Espírito Santo. A razão dada é que é um pecado de valor eterno, o que significa que é um pecado que não tem paragem no tempo — é um pecado que procede para sempre sendo pecado. Não será impróprio dizer que o pecado contra o Espírito Santo é algo que vai além da sua concretização física, culminando numa repetição contínua da sua natureza maligna. É um pecado que, ao ser praticado, não tem fim.

É firme afirmar que o pecado contra o Espírito Santo pressupõe que se atribui ao maligno alguma coisa que é feita por Deus — é isto que os escribas e fariseus acabaram de fazer com Jesus (e encontramos algo parecido em Hebreus 6:4-6 e 1 João 5:16). Nesse sentido, também não será irrazoável compreender o pecado contra o Espírito Santo como uma intenção de negar a Cristo aquilo que ele é e aquilo que ele faz, ao mesmo tempo que se atribui tudo isso ao Diabo. No fundo, o pecado contra o Espírito Santo passa por dizer que o melhor que Deus faz é o pior de Satanás — não é uma afirmaçãozita qualquer. Era o que estava a acontecer neste episódio. Rouba-se de Deus para dar a Satanás. Pega-se em todo o bem e torna-se todo esse bem em mal.

Se recordarmos que a Bíblia afirma que é o Espírito Santo quem convence e ilumina o pecador, compreendemos que blasfemar contra ele é escolher rejeitá-lo. E, logicamente, ao rejeitar-se o Espírito, é o próprio Cristo que é rejeitado, e, consequentemente, é a própria salvação que é tornada impossível. O facto de a palavra não pormenorizar como isto acontece não enfraquece a seriedade e veemência com que assegura que acontece. O calafrio na espinha de todos os que ouviriam as palavras de Jesus na ocasião e para nós, que as lemos muito tempo depois, é suposto ser sentido. A condenação eterna é o assunto mais urgente da nossa vida.

O texto prossegue em Marcos 3:31-35: “31 Nisto, chegaram sua mãe e seus irmãos e, tendo ficado do lado de fora, mandaram chamá-lo.32 Muita gente estava assentada ao redor dele e lhe disseram: “Olha, tua mãe, teus irmãos e irmãs estão lá fora à tua

procura.”[33] Então, ele lhes respondeu, dizendo: “Quem é minha mãe e meus irmãos?”[34] E, correndo o olhar pelos que estavam assentados ao redor, disse: “Eis minha mãe e meus irmãos.[35] Portanto, qualquer que fizer a vontade de Deus, esse é meu irmão, irmã e mãe.””

O texto termina contando da ordem da família de Jesus, incluindo mãe e irmãos, para que Jesus viesse ter com eles. Como já vimos antes, eles estariam legitimamente preocupados com o rumo dos acontecimentos. Não desenvolvemos agora a questão de como, enquanto cristãos de tradição reformada, aceitamos com naturalidade que estes irmãos referidos no texto seriam mesmo irmãos de sangue, algo que a tradição romana nega, crendo, pelo facto de o termo usado para “irmãos” também servir para “primos”, que assim se garante o dogma moderno da alegada virgindade eterna de Maria (como se a virgindade eterna merecesse mais respeito do que a honra bíblica atribuída ao matrimónio e à maternidade, em Hebreus 13:4, comenta Broadus, algo exasperado sobre o assunto). Os discípulos transportam o pedido da família de Jesus e ele responde em forma de pergunta: “Quem é a minha mãe e os meus irmãos? Qualquer que fizer a vontade de Deus.”

Não precisamos de ser indiferentes aos laços naturais de Maria e dos irmãos de Jesus para defendermos uma ideia de família ainda mais urgente — é isso, afinal, que o Senhor parece estar a querer enfatizar. Encontramos um novo eco desta mensagem em Lucas 11:27-28 (quando diz: “E aconteceu que, dizendo ele estas coisas, uma mulher dentre a multidão, levantando a voz, lhe disse: “Bem-aventurado o ventre que te trouxe e os peitos em que mamaste.” Mas ele disse: “Antes bem-aventurados os que ouvem a palavra de Deus e a guardam.””). O que aqui está em causa é reconhecer que a família de carne deve submeter-se à família espiritual. Cristo não traz uma mensagem anti-família, mas explica que qualquer conceito de pertença depende, em último grau, de reconhecer primeiro em Deus o próprio Pai. Por isso, a reivindicação da sua ligação com

Deus Pai, e logo a sua natureza divina, são o assunto mais importante do seu ensino e aquilo que mais indigna os seus inimigos. Só se sentirá ofendido com o facto de a nossa família física não ser o mais importante aquele que não quer ser filho de Deus. Os cristãos conhecem o paradoxo de que só podem ser bons pais na Terra se primeiro forem bons filhos do Céu. O que supostamente parece áspero nas palavras de Jesus (e recordamos também aquelas dadas à sua mãe no milagre das Bodas de Caná, em João 2:4) não é para alimentar roturas com os outros, mas para reforçar uma ligação a Deus Pai. Daí a comunidade que já era vivida pelos que seguiam Jesus. Efetivamente, num sentido mais profundo (num fantástico além do fantástico!) os discípulos já eram mais família de Jesus do que a própria família de Jesus. O que acontece na Igreja, a comunidade que nasce desta ligação a Cristo, é desta ordem de urgência — somos chamados a ser a família de Cristo. Os nossos laços não dependem primariamente do bem que nos sentimos na companhia dele (até porque essa companhia parece frequentemente ameaçadora), mas, porque tendo em Deus o nosso Pai, não temos alternativa a amar, acolher e cuidar daqueles que são seus filhos. Fazer a vontade de Deus é o clã a que pertencemos, a nossa família última. Estamos muito bem acompanhados por muitos mais.

Que o Senhor nos ajude.

---

16 de Outubro de 2011.

8

A INTELIGÊNCIA NAS ORELHAS



AS PESSOAS QUE SE ENCONTRAM COM JESUS estão a fazer coisas a partir desse encontro. Saem curadas, limpas de demónios, ensinadas, ofendidas, furiosas, decididas a fazer alguma coisa sobre o assunto, transformadas, transtornadas, abandonam os seus empregos para segui-lo, entre outras reações possíveis. Nunca o texto bíblico nos fala de indiferença. Talvez porque parte do princípio de que a própria indiferença é uma escolha. Uma coisa que se faz. A partir do encontro com Jesus.

Agora, lemos em Marcos 4:1-2: "[1] Voltou Jesus a ensinar à beira-mar. E reuniu-se numerosa multidão a ele, de modo que entrou num barco, onde se assentou, afastando-se da praia. E todo o povo estava à beira-mar, na praia.[2] Assim, lhes ensinava muitas coisas por parábolas, no decorrer do seu doutrinamento."

Do interior da casa regressamos à beira-mar. Jesus é um homem do mar. Desta vez, a equipa de discípulos de Jesus já providenciou a logística apropriada e o Mestre ensina a partir do barco. A visão do acontecimento continua a impressionar: uma multidão, que alguns sugerem poder ser a maior até à altura, cerca Cristo, fazendo do mar o único púlpito possível. Daí, Jesus ensina um conjunto alargado de pessoas, de origens geográficas distintas. É curioso que seja uma multidão constituída por tipos diferentes de pessoas

que vai ouvir Jesus dar uma lição acerca de tipos diferentes de ouvintes.

O que Jesus quer dizer, diz agora através de parábolas. O que Jesus quer ensinar, ensina agora através de parábolas. Também o que Jesus quer fazer, faz agora através de parábolas. A parábola chegou para ficar ao ministério de Jesus. Encontramos agora uma sequência delas que, no Evangelho de Marcos, encontra correspondência nos de Mateus e Lucas, que a expandem (e o Evangelho de Mateus é mais explicativo das razões que Cristo oferece para o uso das parábolas). É possível falarmos de uma fase em que Jesus quer que a sua comunicação passe a ser menos de confronto, menos direta e imediata (e que já lhe rendeu uma conspiração mortal por parte dos seus inimigos). Agora, Jesus começa a comunicar de um modo mais subtil e sugestivo. O que é surpreendente é que uma mensagem, que parece menos assertiva e mais aberta à interpretação, seja ao mesmo tempo mais afiada nos ouvintes que quer incluir e nos que quer excluir. Excluir? Nem mais. Mas já lá vamos.

Habitualmente, a parábola usava comparações para veicular uma mensagem moral e era um recurso muito usado pelos rabis daquele tempo. A parábola é diferente das fábulas que conhecemos da infância, e inclui frequentemente alegorias. As parábolas estavam associadas ao ensino de elites e Jesus democratiza-as à multidão. Se, por um lado, a sua expressão mexe em realidades simples como a agricultura, e por isso próximas da maior parte das pessoas, por outro, encerra um sentido que, não sendo imediato, parece difícil. O ensino de Cristo aceita esta tensão. O acessível e o obscuro.

O texto continua em Marcos 4:3-9: “3 Ouvi: “Eis que saiu o semeador a semear.4 E, ao semear, uma parte caiu à beira do caminho, e vieram as aves e a comeram.5 Outra caiu em solo rochoso, onde a terra era pouca, e logo nasceu, visto não ser profunda a terra.6 Saindo, porém, o Sol, queimou-a; e, porque não

tinha raiz, secou-se.[7] Outra parte caiu entre os espinhos; e os espinhos cresceram e a sufocaram, e não deu fruto.[8] Outra, enfim, caiu em boa terra e deu fruto, que vingou e cresceu, produzindo a trinta, a sessenta e a cem por um.”[9] E acrescentou: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.””

A parábola é a do Semeador e conta do que se semeia em quatro tipos de terreno diferentes: no primeiro, a semente cai ao lado do caminho e as aves comem-na rapidamente; no segundo, o pedregal (que não seria um terreno diretamente de pedras, mas revestido por uma camada superficial de terra) permite que a semente nasça logo, mas rapidamente morre por ausência de raízes; no terceiro, a semente cai entre espinhos (o mesmo tipo de espinhos que terá servido para a coroa de Jesus) que a sufocam e impedem o fruto; e finalmente o quarto, que é boa terra e abundante nos frutos que permite (trinta, sessenta, cem). A mensagem é tão simples quanto enigmática e fecha-se com um aviso algo abrupto de Jesus: “Quem tem ouvidos para ouvir, ouça.” É como se Jesus avisasse os ouvintes para que não fizessem daquele cenário familiar uma razão para não prestarem atenção. Mais ainda: não julguem que por estarem habituados a lavrar campos entendem facilmente a lição dos quatro tipos de terreno. Não façam do costume o vosso critério de compreensão da verdade. Façam por pensar! Outro tipo de ouvintes escutaria em profunda incompreensão: qual é a moral da história, afinal? Para esses, eventualmente a mensagem pareceria tão inacessível que nem sequer valia a pena tentar compreender. No entanto, o apelo de Jesus é o mesmo. Também vocês façam por pensar!

Falamos aqui de um mesmo conjunto de pessoas que inclui espécies diversas. Este conjunto é o de pessoas que não compreendem a mensagem, mas que potencialmente se divide entre aqueles que julgam que a compreendem e os outros que declaram imediatamente o seu fracasso na tarefa. A Escritura não se preocupa em dizer-nos se parte da multidão percebeu o que

Jesus dizia, nem refere expressamente que o todo não percebeu. Mas o diálogo seguinte com os discípulos sugere que uma maioria razoável teria ficado a leste da parábola contada por Jesus.

O texto continua em Marcos 4:10-13: “10 Quando Jesus ficou só, os que estavam junto dele com os doze o interrogaram a respeito das parábolas.11 Ele lhes respondeu: “A vós outros vos é dado conhecer o mistério do reino de Deus; mas, aos de fora, tudo se ensina por meio de parábolas,12 para que, vendo, vejam e não percebam; e, ouvindo, ouçam e não entendam; para que não venham a converter-se, e haja perdão para eles.”13 Então, lhes perguntou: “Não entendeis esta parábola e como compreendereis todas as parábolas?””

Estes versículos, que contam o diálogo recolhido e mais detalhado entre Jesus e os discípulos, incluem uma das partes possivelmente mais incompreendidas das Escrituras. O Mestre começa por explicar que o grupo dos discípulos é especial: é-lhe dado saber os mistérios do reino de Deus. Não há como fugir à valorização que distingue os doze de outros que, de fora, veem e ouvem, e não entendem. Mais ainda. O fato de não entenderem tem a finalidade de impedir neles a conversão e o perdão dos pecados. Em suma, é incontornável que Jesus assume que uns, que se salvam, devem compreender, e os outros, que não se salvam, não devem compreender.

Colocado desta maneira parece-nos frio e quase desumano, mas deve motivar-nos a buscar o sentido do texto. Afinal, cremos que Cristo é o tal que, revelando-se à compreensão daqueles com quem se encontra, começa por questionar a própria compreensão deles. Não temos alternativa a tentar compreender. E a vermos, ao mesmo tempo, colocada em causa a maneira como geralmente tentamos compreender. Aqui está em causa não somente a compreensão, mas também o modo como se compreende. O que é que Jesus quer dizer então, sendo tão frontal falando de inclusão de uns e rejeição de outros?

A distinção que Jesus faz não é quantitativa, porque não dá os números dos que compreendem nem dos que não compreendem. No entanto, e pelo ambiente da narração, sentimos a ênfase colocada no facto de serem poucos a quem é dada explicação. A esse pequeno grupo, de discípulos, é todavia censurado o facto de não perceberem. Se não percebem esta parábola, como perceberão todas as outras? Jesus está a ser rijo com eles. Ou Cristo se limita a um exercício de crueldade perante a falta de inteligência dos seus companheiros, ou está a sugerir que eles têm mais responsabilidade do que julgam no processo de entenderem as suas palavras. Por isso, boa parte dos teólogos conclui que no uso das parábolas se sublinha a importância da vontade de quem ouve. E regressamos ao "quem tem ouvidos para ouvir, ouça" como uma declaração que chama ao entendimento e não como um desabafo fatalista. De facto, Jesus nunca diz: "Quem não tem ouvidos para ouvir, tivesse."

A explicação que Jesus dá sobre a parábola, parecendo muito evidente sobretudo para quem cresceu a ouvi-la, é um terreno fértil que deixaremos para o próximo sermão. Interessa agora refletir ainda sobre a relação dos chamados por Jesus, os discípulos, com a sua mensagem. Quando se fala em mistérios, fala-se em algo que, estando oculto até determinado momento, é agora revelado. O mérito não pertence àquele que deslinda o sentido, mas ao que o mostra. Por isso, o cristianismo salienta nos mistérios da fé não o grupo potencialmente pequeno que se destaca no conhecimento deles, mas o Deus que neles se revela. O que pode à partida parecer antipático, porque exclusivista, deve ser visto como generoso porque extraordinário — o mais importante no mistério não é a quantidade escassa dos que o entendem, mas o feito incrível de quem se revela. A lógica do mistério é Deus mostrar o que estava escondido.

Simultaneamente, o negócio das parábolas ao manusear mistérios é convidar. A parábola cativa, espicaça, surpreende. "Ouçam!", grita Jesus. "Pensem!" Também por isso, quando o

assunto é parábolas, Jesus não se preocupa em acudir aos indiferentes. No fundo, os indiferentes não ouvem porque não estão interessados em ouvir. O Evangelho de Mateus explica mais sobre esta relação entre a vontade e a compreensão dos mistérios. “Neles se cumpre a profecia de Isaías [Isaías 6:9-10] que diz: “Ouvindo, ouvireis, mas não compreendereis e vendo, vereis, mas não percebereis. Porque o coração deste povo está endurecido e ouviu de mau grado com os seus ouvidos e fechou seus olhos; para que não vejam com os olhos e ouçam com os ouvidos e compreendam com o coração e se convertam e eu os cure.”” (Mateus 13:13-15) É um texto incrível! Indica-nos que as parábolas não são apenas um meio de comunicação; de certo modo, são um meio de condenação. As parábolas são mensagens cujo meio já se adequa à atitude do ouvinte. Quando a atitude é má, a parábola não mostra nada. Se a atitude for boa, certamente a parábola revelará. Como diz o provérbio: “Pior cego é o que não quer ver.”

Não sugerimos que seja fácil compreender a relação entre a nossa vontade e a escolha que Deus faz dos que lhe pertencem — nesta vida nunca será fácil compreender isto. Mas apercebemo-nos de que, nessa enigmática escolha divina, funciona a nossa própria responsabilidade. O cristianismo não foge deste paradoxo, mas abraça-o corajosamente. Nas parábolas de Jesus temos uma poderosa ilustração desta realidade — Deus é que decide, mas a vontade humana faz parte do processo. Por isso, não temos como abraçar o fatalismo, mas propor iniciativa.

Simone Weil escreve em *A gravidade e a graça* que “a inteligência não tem nada para descobrir, mas sim para terraplanar. Só é boa para tarefas servis”. Uma crítica assim ao valor inflacionado que atribuímos à inteligência pode ajudar-nos a abandonar uma noção presunçosa e estática do conhecimento. A Bíblia é exigente e não se interessa por audiências passivas. Nesse sentido, e continuando no meio do paradoxo, a Bíblia acredita mais na vontade do que na inteligência do ouvinte, ainda que todo o

processo dependa em último grau do próprio Deus. Quando se ouve Jesus falar, não dá para não querer investir tudo.

Talvez uma das coisas que nos surpreenda na parábola do Semeador seja que Jesus trate os seus ouvintes como adultos. Mais. Surpreende-nos que ele trate os seus ouvintes como responsáveis. Arrepiamo-nos. Quando diz “quem tem ouvidos para ouvir, ouça” transmite que, quer queiramos quer não, vamos ter de fazer alguma coisa com a sua mensagem. Não há neutralidade nem desculpas: a uma geração que quer fazer-se de surda, Cristo oferece orelhas. Arriscamos ouvi-lo?

Que o Senhor nos ajude.

---

23 de Outubro de 2011.

9

FRUTA DO CÉU



Diz o texto bíblico em Marcos 4:14-20: “14 O semeador semeia a Palavra.15 São estes os da beira do caminho, onde a Palavra é semeada; e, enquanto a ouvem, logo vem Satanás e tira a Palavra semeada neles.16 Semelhantemente, são estes os semeados em solo rochoso, os quais, ouvindo a Palavra, logo a recebem com alegria.17 Mas eles não têm raiz em si mesmos, sendo, antes, de pouca duração; em lhes chegando a angústia ou a perseguição por causa da Palavra, logo se escandalizam.18 Os outros, os semeados entre os espinhos, são os que ouvem a Palavra,19 mas os cuidados do mundo, a fascinação da riqueza e as demais ambições, concorrendo, sufocam a Palavra, ficando ela infrutífera.20 Os que foram semeados em boa terra são aqueles que ouvem a Palavra e a recebem, frutificando a trinta, a sessenta e a cem por um.”

Temos conversado abundantemente sobre isto. Temos tropeçado no assunto. Engasgamo-nos volta e meia. E apercebemo-nos de que é incontornável. Alguns têm sentido o cérebro a derreter-se, o coração a ser comprimido, a vontade a desmaiar perante os efeitos da questão. E a cada domingo que abrimos o Evangelho de Marcos, a certeza aumenta. A história depende de Deus. É o Senhor que toma a iniciativa. Jesus chama, faz convites, transforma a vida de pessoas e, mesmo quando é procurado pela vontade dos outros,

essa mesma vontade sai, pelo menos, desafiada. Agora que começa a falar através de parábolas esbarramos no mesmo facto: a mensagem serve o propósito de aproximar os chamados e repelir os indiferentes, ao mesmo tempo que responsabiliza todos. Quem sai a semear é o Semeador. Não são as sementes que se lançam à terra por sua livre e espontânea vontade. Tudo começa e culmina em Deus.

Talvez uma das maiores fraquezas entre cristãos evangélicos seja o modo como lidam com resultados. Dois extremos são possíveis: o da obsessão com o resultado em forma de quantificação compulsiva de tudo o que é espiritual (conversões, decisões, passos para a resolução de problemas, etc.), e o da indiferença e rejeição de qualquer exame ao resultado. Uns querem quantificar tudo, outros tudo relativizam. Deus nos livre dos dois.

No nosso contexto, o segundo extremo é o mais provável. Não nos falta talento para relativizar a obra do Espírito Santo na nossa vida e na vida dos outros para que o mesmo Espírito não tenha de nos transformar. De qualquer modo, um dos erros que devemos detectar neste texto é aquele que julga que só o sucesso traz resultado. Afinal, qualquer coisa produz um resultado. Interessa, sim, saber que tipo de resultado é esse. Até o fracasso produz resultados. A parábola do Semeador ajuda-nos a entender isto. Como? Vejamos, passo a passo, o que cada tipo de terreno tem para nos ensinar.

O primeiro terreno, onde a semente cai junto do caminho e vieram as aves do céu e a comeram, é, segundo a explicação de Jesus no versículo 15, as pessoas que acolhem a palavra, mas logo Satanás vem e retira-a do seu coração. A primeira surpresa com a explicação de Jesus é que a paisagem da parábola do Semeador não é de tudo ou nada. O primeiro tipo de solo, sendo estéril, começa por revelar possibilidade de fertilidade. Não fosse a intromissão dos pássaros, do Diabo, e provavelmente a semente germinaria. Uma das lições que tiramos é que não existe um cenário

de condições neutras no que à semeadura diz respeito. O meio externo desempenha um papel nos acontecimentos. Aplicado à realidade dos homens: Satanás trabalha e interfere na nossa vida. De pouco serve que a palavra tenha atingido o coração se a seguir o Inimigo a remove de lá. É o papel que atribuímos às emoções que também está a ser desafiado aqui. A Bíblia indica que o coração ser tocado pela palavra não é o fim da ação divina. Pelo contrário. Um coração tocado pela palavra pode ser o início da ação satânica. Não chega sentirmo-nos emocionados quando ouvimos o Evangelho. Tendo em conta que hoje sobrevalorizamos a autenticidade dos nossos sentimentos, devemos pensar profundamente sobre isto.

O segundo terreno, de pedregais (não diretamente de pedras, mas com uma pequena camada de terra superficial), recebe a semente com surpreendente rapidez: nasce logo. Todavia, na ausência de raiz profunda, o Sol queima-a e ela morre. À semelhança do primeiro caso, o resultado inicial é imediato e a palavra, recebida com prazer. Jesus explica que depois, essas pessoas, por serem temporãs, não resistem às condições necessárias para que se desenvolva a semente. E essas condições são apontadas pelo texto de uma maneira simples: tribulação ou perseguição. Ou seja, no cristianismo não há fruto sem a prova da tribulação ou perseguição. Um dos aspectos mais importantes da parábola do Semeador é que, ao mesmo tempo que somos ensinados acerca das razões pelas quais a fé pode não se desenvolver nos seus ouvintes, somos também ensinados acerca das implicações da fé na vida daqueles onde se desenvolve. E podemos reconhecer a dificuldade destas lições: se por um lado ansiamos por ser terreno fértil, por outro trememos ao compreender que terreno fértil é terreno sujeito a tribulações. Ser temporão é ser prematuro, e ter fruta antes do tempo. É um tipo de capricho contra o período determinado das coisas. A pessoa diz: “Uau, as laranjas chegaram mais cedo este ano!” Mas, depois, ao comer, nota que as laranjas não são boas — estão deslocadas da sua época. Antecipar,

neste sentido, é trágico e tem consequências graves. O aviso é feito pelo Mestre. O contrário do temporão não pressupõe ausência de problemas. Pelo contrário. Parece ser aquilo que, por se desenvolver na dificuldade, pode vingar. Ninguém deseja a tribulação, mas ela é o selo de qualidade deste fruto.

No terceiro terreno, a semente cai entre os espinhos e acaba por ser sufocada por eles. E o Mestre explica o que abafa as pessoas que assim recebem a palavra: cuidados deste mundo, enganos das riquezas e ambições doutras coisas. Como sempre, a circunstância é a de pessoas que recebem a mensagem, mas que encontrarão um embate futuro que opõe o crescimento da fé a todas as outras preocupações. Não é descabido lembrar as palavras de Jesus no Sermão do Monte em Mateus 6:33 quando afirma: “Buscai primeiro o reino de Deus e a sua justiça, e todas estas coisas vos serão acrescentadas.” Essas “estas coisas” são, segundo o texto, a comida, a bebida e a roupa. Imprime-se aqui uma relação entre aquilo em que o crente crê e aquilo de que o crente precisa para o seu sustento material neste mundo. Esta relação não precisa de ser vista como um conflito, mas assume uma ordem de prioridades.

Cristo não proíbe a sobrevivência aos que o seguem, mas declara-a dependente da busca primeira pelo seu reino. A verdadeira subsistência do cristão não é o que come, bebe ou veste, mas o reino de Deus. Então, depois saberá o que terá para comer, beber ou vestir. A tristeza atual para muitos cristãos é que se preocupam primeiro com o que hão de comer, beber ou vestir e só depois exigem o reino de Deus. A esses, as palavras de Jesus pouco podem animar. Não há nada para eles. Poderão até garantir o sustento físico, mas certamente ficarão sem o reino de Deus. Se nos recordarmos dos espinhos do terceiro terreno da parábola do Semeador, podemos encontrar o retrato perfeito de muitos que se julgam a desenvolver a fé, mas que acabarão com ela sufocada. C. S. Lewis escrevia que “Deus quer que os homens se preocupem

com o que fazem, a tarefa dos demónios é mantê-los a pensar no que irá acontecer-lhes".

Por último, qual é o quarto, derradeiro e único terreno realmente fértil? É aquele onde a semente é lançada e dá fruto que vinga e cresce, produzindo uma trinta, outra sessenta e outra cem. Reconhecemos que há diferença no modo como cada semente que germina corretamente oferece resultado, mas que em qualquer caso é de abundância. Apesar da parábola nos aparecer sobretudo pela negativa (de quatro campos só um se apresenta bom), não podemos deixar de ver que o seu fim é acerca de produtividade, qualidade que gera quantidade. Curioso é também que as explicações de Jesus sejam mais necessárias para explicar o que corre mal do que o que corre bem. Como quem diz que o bom não carece de grandes debates para ser reconhecido. É contemplá-lo.

Como aplicaríamos a parábola do Semeador à nossa vida?

Há quatro avisos possíveis às sementes, que agora servem de referência para nós próprios:

1. Assume que também dependes do clima. Porta-te como sujeito às piores influências externas. Se todos os problemas se resolvessem dentro de nós, a Bíblia não precisaria de falar na ameaça do Diabo. Cristãos menos autoconfiantes são cristãos mais realistas.
2. Não forces frutos antes do tempo. Não encenes sucessos prematuros. Os problemas desmentir-te-ão em público. Nesse sentido, cristãos menos exuberantes são cristãos mais produtivos.
3. Não cresças em direção a uma coisa qualquer. Indiferença na escolha de prioridades acaba abafando o verdadeiro fruto. Cristãos menos ansiosos por um resultado imediato são cristãos mais livres.

4. A tua fertilidade tem uma razão: o que o Semeador plantou em ti. A abundância que vives é uma oportunidade que te foi dada. Cristãos menos fechados às oportunidades que lhes são dadas são cristãos mais produtivos e abundantes.

Que o Senhor nos ajude.

---

30 de Outubro de 2011.

10

TRÊS PARÁBOLAS



PODEMOS A ESTA ALTURA DO EVANGELHO de Marcos concluir que, antes de Jesus nos fazer pessoas que compreendem, faz-nos pessoas que ouvem. Afinal, Cristo é a palavra feita carne (como nos explica o início do Evangelho de João) que conhecemos através da palavra escrita que é a Bíblia — não há cristianismo sem palavra. Também por isso, na parábola do Semeador que lemos no último sermão, toda a ação orbitava em torno da palavra. A palavra é o início e o fim. Por isso, somos chamados por Jesus, em primeiro lugar, a ser sérios ouvintes. E, ao sermos ouvintes, não ficamos numa condição de escuta passiva — ouvir a sério é participar do que se ouve. A palavra não é estática. As parábolas também servem para mostrar isso.

Isto é muito simples, mas não necessariamente muito fácil. Basta comparar a nossa paciência com a dos discípulos, que nesta época começariam a ouvir parábola atrás de parábola: quanto tempo suportaríamos nós ouvir um professor cujas lições nos soassem inacessíveis? Novamente: o encontro com Cristo não pode ampliar-nos a vida se antes não nos ampliar os ouvidos. Ouvir pede a nossa vida toda.

O que nos diz, então, a palavra de seguida? Leiamos Marcos 4:21-25: “21 Também lhes disse: “Vem, porventura, a candeia para

ser posta debaixo do alqueire ou da cama? Não vem, antes, para ser colocada no velador?22 Pois nada está oculto, senão para ser manifesto; e nada se faz escondido, senão para ser revelado.23 Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.”24 Então, lhes disse: “Atentai no que ouvis. Com a medida com que tiverdes medido vos medirão também, e ainda se vos acrescentará.25 Pois ao que tem se lhe dará; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.””

Às gerações da eletricidade é preciso explicar a luz antiga, porque mudava a maneira como as pessoas viviam. A noite era vivida de outro modo e o dia a mesma coisa. No caso da cultura judaica, a lâmpada era um pequeno prato de barro que dava luz a partir do azeite. Iluminava um mundo escuro que só se acendia ligeiramente para cumprir algum tipo de missão — só saía à noite quem precisava mesmo de fazer alguma coisa inadiável. O serão não era um hábito e a produtividade de uma casa acompanhava o ritmo do Sol. A candeia num lar servia para sinalizá-lo no meio do escuro e não para efeitos de decoração.

Quando Jesus fala de luz na noite confere-lhe uma finalidade óbvia: o que está encoberto deve ser revelado. Não é possível pensar na fé sem esse sentido de finalidade, de um efeito que provoca no exterior. Hoje, por muito que nos atraia a ideia de interioridade no que diz respeito às nossas convicções religiosas, não podemos ler este texto bíblico sem um incómodo — afinal, aquilo em que acreditamos é para ser visto por aqueles que podem não acreditar no mesmo. A fé privada é um luxo moderno — coloca-se a luz debaixo da cama?

O versículo 22 indica que existe um tempo para descobrir tudo o que por enquanto está escondido. Existem posições diferentes acerca da interpretação destas palavras e há quem considere que Jesus transmitia um recado específico para a atitude que os discípulos deveriam ter depois da sua ascensão. Não sendo completamente seguro afirmar o sentido mais profundo destas palavras, parece-nos inescapável que Cristo encarna a vontade de

Deus de se mostrar aos seus filhos de um modo concreto. Jesus veio para ser a revelação de Deus e não para a manter incompreensível. Interessa, por isso, voltar a sublinhar a repetição que Jesus faz das palavras “quem tem ouvidos para ouvir, ouça”. A vontade de Deus, não sendo completamente compreensível por nós, é um assunto da nossa própria vontade. Jesus não diz para nos conformarmos aos limites do nosso conhecimento, mas provoca-nos a conhecermos o Deus incognoscível. É um paradoxo com a dose suficiente de beleza e verdade para que nos sintamos convencidos e desafiados. Como cristãos, temos de ser pessoas de conhecimento concreto da palavra. Nesse aspecto, não faz sentido disfarçar de humildade epistemológica a nossa preguiça intelectual para as coisas da fé.

Aquilo que dermos de nós agora também fará parte daquilo que darão por nós. “Com a medida que medirdes vos medirão. Pois ao que tem se lhe dará; e, ao que não tem, até o que tem lhe será tirado.” Quanto mais correrdes para Deus, mais firmes os nossos pés ficarão no solo. A identidade do cristão é descoberta em Deus. A pessoa que tem alguma coisa em Deus, terá mais ainda. O que nele nada tem, até isso perderá.

São palavras que parecem duras, mas justas na verdade que revelam.

E a palavra prossegue em Marcos 4:26-29: “26 Disse ainda: “O reino de Deus é assim como se um homem lançasse a semente à terra;27 depois, dormisse e se levantasse, de noite e de dia, e a semente germinasse e crescesse, não sabendo ele como.28 A terra por si mesma frutifica: primeiro a erva, depois, a espiga, e, por fim, o grão cheio na espiga.29 E, quando o fruto já está maduro, logo se lhe mete a foice, porque é chegada a ceifa.””

Jesus volta a falar em sementes. Agora é a parábola da semente que cresce sem se dar conta, a única que é exclusiva do Evangelho de Marcos (e que encontra paralelo com a Parábola do Fermento).

O homem deita-se e levanta-se, sem se aperceber de que alguma coisa está a acontecer. Quando quebra a sua distração, a terra por si frutificou, primeiro a erva, depois a espiga, por último o grão cheio na espiga. Agora, o fruto aparece e a ceifa pode acontecer. Tudo parece simples, quase inocente. E talvez o que nos surpreenda seja a singeleza com que na criação as coisas se transformam. Apesar de contarmos com esse processo natural, sempre que a ele assistimos voltamos a ser surpreendidos. Da semente para o fruto, vezes e vezes sem conta. E em cada uma das suas manifestações, a criatividade divina reforça-se na constância dos ciclos. O maior beneficiado pela Natureza é o próprio homem que dela colhe. O poder do Senhor alimenta os seus filhos. Parece banal, mas é extraordinário. Aparentemente nada acontece, mas na verdade tudo acontece. Só não vemos o fantástico quando estamos distraídos. Se estivermos atentos, tudo é diferente — e cheio de um significado exuberante: a sementinha deu fruto.

E depois Marcos 4:30-34 acrescenta: “30 Disse mais: “A que assemelharemos o reino de Deus? Ou com que parábola o apresentaremos?31 É como um grão de mostarda, que, quando semeado, é a menor de todas as sementes sobre a terra;32 mas, uma vez semeada, cresce e se torna maior do que todas as hortaliças e deita grandes ramos, a ponto de as aves do céu poderem aninhar-se à sua sombra.”33 E com muitas parábolas semelhantes lhes expunha a palavra, conforme o permitia a capacidade dos ouvintes.34 E sem parábolas não lhes falava; tudo, porém, explicava em particular aos seus próprios discípulos.”

Depois Jesus vai fazer uma pergunta, método comum no ensino dos rabis daquela época. Mais uma vez, constatamos que o ensino de Jesus não é um monólogo, mas atiça a imaginação dos ouvintes. A que assemelharemos o reino de Deus? É como um grão de mostarda. O grão de mostarda seria uma referência comum naquela época para representar tudo aquilo que parecia insignificante. Por isso, quando Cristo sugere esta comparação, é provável que

surpreendesse pela audácia de juntar na mesma frase aquilo que é de Deus a uma coisa tão minúscula. Como é possível associar Deus ao insignificante?, pensariam os ouvintes da parábola.

Novamente, a ênfase é colocada no crescimento, na transformação, no fruto. A planta que nasce é tão grande que a sua sombra se prolonga em ramos que albergam da secura as aves do céu. Não devemos passar por uma ilustração destas sem recordar que uma árvore no Médio Oriente tem uma força simbólica muito maior do que em terras mais frescas. Não é casual que os judeus usem nomes de árvores para os seus próprios nomes, símbolo de vida, fertilidade e abundância. Diz-se que ainda hoje alguns dos nossos apelidos[1] demonstram essa herança judaica. Logo, Jesus está a ensinar que algumas das coisas que temos como mais poderosas na sua força só assim são porque antes começaram por ser ridiculamente pequenas. Não façam pouco do grão de mostarda.

E com muitas parábolas tais lhes dirigia a palavra, segundo o que podiam compreender. Nos Evangelhos de Mateus e de Lucas, a lista é mais completa que em Marcos. Os evangelistas organizam os seus relatos de modo diferente (por exemplo, Marcos junta nestas parábolas alguns ensinos que Mateus mostrará no Sermão do Monte). No entanto, confirma-se o momento especial do ensino de Jesus. Esta fase parabólica quer intencionalmente desafiar todos os que o ouvem, e mais ainda os discípulos.

Certamente que o facto de Jesus dar mais aos discípulos, explicando-lhes o que não explica à maioria, significa um privilégio. Mas é um privilégio que não termina nos privilegiados — pelo contrário, os privilegiados são chamados a privilegiar os não-privilegiados. O ensino de Jesus não é meramente informativo, mas pedagógico. Porque ensina, Jesus envia quem ensinou. Veremos isso em breve, no facto de, depois de os discípulos serem privilegiados, serem posteriormente enviados a muitos mais. No cristianismo, os alunos são missionários. Por isso, lemos que sem parábolas nunca lhes falava; porém, tudo declarava em particular

aos seus discípulos, mesmo que na palavra só esteja registada a explicação de uma minoria delas. O próprio uso da parábola é mais da ordem da produtividade do que propriamente da ordem do esclarecimento.

Como aplicaremos à nossa vida estas três parábolas? No fundo, estas três parábolas são também acerca de coisas que Jesus amplia naqueles que o seguem, naqueles que vão ter lugar no espaço sobre o qual ensina, o reino de Deus. Tendo isto em conta, observemos três aspectos:

1. Vejamos o alcance do cristão. Quando temos luz num lugar que antes estava escuro, amplia-se o nosso alcance. Mas não é só o nosso alcance pessoal que está em causa. A fé não se limita aos nossos espaços íntimos, mas invade tudo, mesmo o espaço dos que não creem. Se é um facto que a fé não se impõe, por outro lado, não há como impedir que ela produza resultados que podem ser vistos até por quem não a aceita. A luz será vista até por quem não for em direção a ela. Não dá para conter o alcance do cristão porque o alcance do cristão não pode resumir-se a si mesmo.
2. Vejamos a atenção do cristão. Na semente que cresce sem se dar conta, amplia-se a atenção do cristão. A fé não se limita ao óbvio, àquilo que nos entra pelos olhos adentro. Os cidadãos do reino de Deus treinam a sua sensibilidade para o que está nos silêncios, nos intervalos em que parece que nada sucede, mas que na realidade é sustentado pelo Espírito Santo. Deus também está onde parece que nada acontece. O cristão tem de estar vigilante. Não dá para emagrecer a atenção do cristão.
3. Vejamos a ascendência do cristão. No grão de mostarda que gera uma grande planta, amplia-se a noção de ascendência do cristão. A fé não é uma hierarquia de tamanhos, mas obedece à transformação espiritual sustentada por Deus. Não

é uma questão de probabilidade, mas de eternidade. Se há grande agora, antes foi preciso haver pequeno. O cristão é uma criatura que sabe que o passado participou do presente e participará do futuro. Antes de nós, muito e muitos aconteceram. Não dá para esquecer a ascendência do cristão.

Três parábolas simples, mas que nos excitam o alcance, a atenção e a ascendência. Do pouco sai muito.

Que Deus nos ajude.

---

6 de Novembro de 2011.

11

A SOMA DOS MEDOS



Diz Marcos em 4:35-41: “35 Naquele dia, sendo já tarde, disse-lhes Jesus: “Passemos para a outra margem.”36 E eles, despedindo a multidão, o levaram assim como estava, no barco; e outros barcos o seguiam.37 Ora, levantou-se grande temporal de vento, e as ondas se arremessavam contra o barco, de modo que o mesmo já estava a encher-se de água.38 E Jesus estava na popa, dormindo sobre o travesseiro; eles o despertaram e lhe disseram: “Mestre, não te importa que pereçamos?”39 E ele, despertando, repreendeu o vento e disse ao mar: “Acalma-te, emudece!” O vento se aquietou, e fez-se grande bonança.40 Então, lhes disse: “Por que sois assim tímidos?! Como é que não tendes fé?”41 E eles, possuídos de grande temor, diziam uns aos outros: “Quem é este que até o vento e o mar lhe obedecem?””

Ficamos chocados com a produtividade de Jesus. Jesus não para. O Evangelho de Marcos mostra-nos o que é um típico dia cheio na vida de Cristo: de manhã, quando ainda está em casa, é acusado de blasfémia pelos escribas; depois tem de aturar a censura da sua própria família; seguem-se várias aulas em forma de parábolas, junto ao mar; a seguir, decorre a explicação destas parábolas, novamente dentro de casa; e, finalmente, ainda dá para aproveitar o restinho do dia para atravessar o Mar da Galileia. A isto

podemos chamar uma economia verdadeiramente divina do tempo — quem nos dera! Não há um segundo desperdiçado (e por isso não admira que o descanso fosse sagrado para os judeus — quem trabalha a sério tem de descansar a sério). Torna-se completamente justificável que Jesus, ao adormecer, pegue num sono pesado. Esqueçam o vosso maior cansaço. A fadiga do Filho de Deus não se compara. Ora, agora vamos falar acerca de dormir ferrado no meio de um naufrágio, chocalhado por uma tempestade. Isto, sim, é o sobrenatural.

O único lugar para onde Jesus poderia ir com a certeza de que estaria livre de multidões era o meio do mar. A figura chega a ser cómica. Por um lado, Cristo vive encurralado contra as ondas pela popularidade que ganha em terra. Por outro, mesmo quando embarca, como nos diz o versículo 36, muitas vezes é seguido por outros barcos. Não há lugar onde esteja sossegado. Se pensarmos que a noite tinha chegado e que navegar era necessariamente um risco, sobretudo num escuro que era mesmo escuro, apercebemo-nos bem dos riscos que as pessoas que seguem Jesus estão dispostas a assumir. Ir com Jesus, como vimos logo no capítulo 1, é caminhar o caminho que ele caminha. Agora é o mar? Siga então.

O Mar da Galileia, também conhecido por Mar de Genesaré, situa-se entre Israel, a Cisjordânia e a Jordânia, com um comprimento menor que 20 quilómetros e largura de 13, a cerca de 200 metros abaixo do nível do mar, cercado por zona montanhosa. Em algumas ocasiões, o vento vindo das zonas desertas cria um efeito de túnel por causa das montanhas e, ao descer sobre a água, que está mais embaixo do que o habitual, gera com facilidade tempestades violentas e inesperadas — num ápice passa de calminha a agitada. Era o suficiente para que, sem grande antecipação, qualquer embarcação pudesse ver-se no meio de uma tormenta perigosa. E foi o que aconteceu com Jesus e os seus discípulos.

A situação em menos de nada é desesperada, com as ondas a ultrapassar o próprio barco e a inundá-lo rapidamente. A aflição dos discípulos é inevitável e ainda se torna mais visível pelo contraste com o detalhe de um dos tripulantes a quem o pânico não toca. Na popa, parte de trás do barco, o Mestre dorme amparado por uma almofada. A almofada é um pormenor saboroso, típico de um relato de uma testemunha ocular. Quem iria falar na almofada se não soubesse por alguém que lá esteve que havia uma almofada mesmo? E esta seria uma almofada típica da época, feita de pele, muito diferente da sofisticação ortopédica de hoje. Naturalmente, estabelecemos uma relação entre o trabalho que Jesus tinha tido, durante um dia repleto, e o cansaço que o tomou. Ingleby refere que é uma expressão perfeita da humanidade de Cristo. Uma fadiga humana vivida de um modo divino, apetece acrescentar.

Durante a história do cristianismo tem-se debatido a atitude dos discípulos no meio da tempestade. Foi compreensível ou nem por isso? O que nos parece seguro, pelo menos, é que é uma atitude aceitável tendo em conta as circunstâncias. Quem não tem medo de uma tempestade no mar? Ainda por cima, uma tempestade no mar há dois mil anos (se eu já passei mal nos quarenta minutos para as Berlengas, em pleno dia e no meio da condescendência dos condutores do barco motorizado, como posso apontar o dedo aos discípulos?). Ao olharem para o seu Mestre adormecido, os discípulos revelam uma angústia à qual Jesus vai atender, é certo, mas não só — para todos os efeitos, Jesus também vai censurar essa angústia. Não estará ele a ser um pouco cruel?

Diz um velho comentarista bíblico, não sem alguma ironia, que o Senhor tinha dito aos discípulos que iam atravessar o mar, e não que iam morrer afogados nele. No entanto, e apesar de às ordens do Filho de Deus, as condições atmosféricas violentas foram o que bastou para suspender no coração dos discípulos a confiança de que os acontecimentos obedeciam à vontade do Mestre. E, por demasiado severo que nos pareça, é aqui que Cristo encontra razão

para reprovar a timidez dos discípulos, que na prática era uma falta de fé. Digamos, em jeito de homenagem possível a estes homens, que, mal por mal, como menciona Ingleby, ao menos procuraram em Cristo o seu socorro. A verdade é que, ao mesmo tempo que lhe pediam socorro, também é um facto que levantaram a possibilidade de Jesus estar a negligenciar a vida deles. O que faz Jesus, então? Primeiro, Jesus repreende os elementos. Depois, Jesus repreende os discípulos. Marcos dá um detalhe em discurso direto que não existe nos Evangelhos de Mateus e Lucas: Cristo repreende o vento e ao mar diz: “Acalma-te, emudece.” Como que em jeito de ralhete a uma criança agitada. O Messias passa do alheamento ensonado à fúria marítima para disciplinar aquele lago endiabrado — parece um pai que acorda à custa do filho pequeno que, no exagero de uma brincadeira, lhe interrompeu o descanso. Num primeiro momento, Jesus parecia um bebé adormecido; no momento a seguir, parece-nos uma *babysitter* rigorosa. E, imaginem lá, o que acontece? O vento sossegou e a tempestade foi-se embora. Dito e feito. Quem parece ter de pagar as contas é, ironicamente, o grupo coitado dos discípulos. Já não se pode ter medo. O interessante é que, no meio daquele livramento, é precisamente esse medo neles que vai continuar a crescer. O pastor norte-americano Timothy Keller nota com razão que durante a tempestade os discípulos estavam assustados, mas agora, depois da intervenção de Jesus, ficaram em pânico. A autoridade do Filho de Deus é um assunto sério. Para sermos mais precisos, é assustador. A tempestade sobressalta, mas Jesus aterroriza. Como aplicaremos este texto à nossa vida? Sugiro quatro passos.

1. Voltemos à lição de fé. A fé é para a tranquilidade, mas também é para a tormenta. A fé não é uma coisa que retira as tempestades da vida dos cristãos, mas é o que permite sobreviver-lhes. Quando Jesus é acordado pelo pânico dos discípulos, ele censura-os pela falta de fé que descreve de

timidez. Esta timidez é uma cobardia real. Parece-nos demais tratar assim quem com razão tem medo, mas é preciso ir mais fundo.

2. Apenas chamar por Jesus não chega. É preciso confiar mesmo nele. Chamar e confiar não são necessariamente a mesma coisa. Confiar em Jesus é ser por ele chamado a não ter medo, por muito severo que nos soe. Costuma dizer-se que a ordem para não ter medo é a mais repetida em toda a Bíblia. Um Deus que permite o sofrimento nos seus filhos é um Deus que tem razões para esse sofrimento que os seus filhos não dominam. E, na falta de domínio dos filhos, fica o domínio do Pai. No meio do sofrimento, o segredo é confiar. Não é fácil, mas é o que é realmente firme.
3. Apercebermo-nos deste domínio do Pai pode levar-nos a um medo maior do que aquele que nos mete a tempestade: passamos a ter medo do próprio poder de Deus. Provavelmente, antes de confiarmos em Cristo, assusta-nos de morte podermos confiar nele. A tempestade é a ilustração perfeita. Mais do que temerem o vendaval, os discípulos vão descobrir que temem o Deus do vendaval. Este temor não é necessariamente uma coisa negativa. Numa época como a nossa, em que o temor a Deus foi reduzido a um estágio primitivo do pensamento religioso, vale a pena reler este episódio e lembrar que Jesus é quem manda a tempestade calar-se — um respeito real por ele não nos parece disparatado.
4. Não temos alternativa a confiar em Cristo. O contrário da fé resulta inevitavelmente no nosso fim, possivelmente concretizando todos os outros medos. Fugir de confiar em Deus é abraçar toda a realidade que não é sustentada por ele. É rejeitar a eternidade. A prova está no final do episódio: não fosse Jesus e efetivamente o barco teria naufragado. Cristo permitiu aos discípulos um acontecimento que parecia

fugir ao controlo deles para ensinar-lhes que ele é soberano sobre tudo.

Seguir Jesus não é fácil, mas é firme. E ele é maior do que a soma de todos os nossos medos.

---

13 de Novembro de 2011.

12

A PRESENÇA DE JESUS



Diz a palavra em Marcos 5:1-20: “1 Entrementes, chegaram à outra margem do mar, à terra dos gerasenos.2 Ao desembarcar, logo veio dos sepulcros, ao seu encontro, um homem possesso de espírito imundo,3 o qual vivia nos sepulcros, e nem mesmo com cadeias alguém podia prendê-lo;4 porque, tendo sido muitas vezes preso com grilhões e cadeias, as cadeias foram quebradas por ele, e os grilhões, despedaçados. E ninguém podia subjugá-lo.5 Andava sempre, de noite e de dia, clamando por entre os sepulcros e pelos montes, ferindo-se com pedras.6 Quando, de longe, viu Jesus, correu e o adorou,7 exclamando com alta voz: “Que tenho eu contigo, Jesus, Filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes!”8 Porque Jesus lhe dissera: “Espírito imundo, sai desse homem!”9 E perguntou-lhe: “Qual é o teu nome?” Respondeu ele: “Legião é o meu nome, porque somos muitos.”10 E rogou-lhe encarecidamente que os não mandasse para fora do país.11 Ora, pastava ali pelo monte uma grande manada de porcos.12 E os espíritos imundos rogaram a Jesus, dizendo: “Manda-nos para os porcos, para que entremos neles.”13 Jesus o permitiu.

Então, saindo os espíritos imundos, entraram nos porcos; e a manada, que era de cerca de dois mil, precipitou-se despenhadeiro

abaixo, para dentro do mar, onde se afogaram.14 Os porqueiros fugiram e o anunciaram na cidade e pelos campos. Então, saiu o povo para ver o que sucedera.15 Indo ter com Jesus, viram o endemoninhado, o que tivera a legião, assentado, vestido, em perfeito juízo; e temeram.16 Os que haviam presenciado os factos contaram-lhes o que acontecera ao endemoninhado e acerca dos porcos.17 E entraram a rogar-lhe que se retirasse da terra deles.18 Ao entrar Jesus no barco, suplicava-lhe o que fora endemoninhado que o deixasse estar com ele.19 Jesus, porém, não lho permitiu, mas ordenou-lhe: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncialhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti.”20 Então, ele foi e começou a proclamar em Decápolis tudo o que Jesus lhe fizera; e todos se admiravam.”

Depois da tempestade, podemos pensar numa oposição interessante entre a serenidade recente no mar e a inquietação nos discípulos. Fazendo grandes coisas nas condições atmosféricas, Cristo faz também grandes coisas no coração dos homens. Temer o mar é normal, mas temer o Deus que manda no mar inaugura outra dimensão de temor. Por isso, no texto bíblico de hoje, em que um feroz endemoninhado é curado, continuamos a aprender sobre os efeitos de estarmos na presença de Jesus. Não há indiferença possível quando estamos com Cristo.

Jesus e os seus discípulos chegam à outra margem do Mar da Galileia, à província dos gerasenos (ou gadarenos, noutras traduções — a suposta confusão entre referências a Genesaré e Gadara é dissipada pelas análises textuais bíblicas e pesquisas arqueológicas), e a comitiva de boas-vindas é peculiar: um endemoninhado corre em direção deles (Mateus refere dois endemoninhados, o que não nos oferece angústia nem à maior parte dos comentadores, que acolhe com facilidade a existência de um par em que um sobressaía — este, o que merece o centro da passagem em Marcos). Este homem abrigava-se em sepulcros e rebentava com todas as correntes com que tentavam domá-lo.

Mateus e Lucas também contam o episódio e cada um dos evangelistas acrescenta detalhes próprios, embora Marcos seja o mais gráfico e pormenorizado: Mateus diz que o endemoninhado era de uma agressividade que impedia a passagem de viajantes pela zona, Lucas descreve-o nu, Marcos explica que se feria com pedras. Resumindo, era um susto de criatura. E este endemoninhado não era apenas um homem; era um lugar também: um lugar de habitação física de muitos demónios.

Imaginem esta espécie de pesadelo vivo, força bruta perigosa, que monopolizava parte do território para si. Subitamente, o domínio é invadido pela presença de Jesus e dos seus discípulos. Quando o horizonte dá conta da chegada da comitiva, a palavra indica-nos que o endemoninhado correu para adorá-lo. Podemos imaginar os nervos em franja dos discípulos, ainda agora acabados de sair do pânico da tempestade e, mais assustados ainda, pelo poder manifestado pelo Mestre. Pobres discípulos que não têm um momento de tranquilidade — agora estão frente a frente com este energúmeno. Quem iria imaginar que o mostrengo correria para adorar? Podemos quase imaginá-los a fugir para trás de Jesus, pensando: “Faz alguma coisa, Jesus, faz alguma coisa!”

Que tipo de adoração é que aquele homem endemoninhado poderia oferecer a Jesus, afinal? É provável que a adoração do endemoninhado fosse basicamente um pedido de auxílio. No fundo, também não é isso que a adoração pode ser — um pedido de ajuda a Deus? A atitude física que o endemoninhado tem de se prostrar diante de Jesus é também um futuro que pede para si: qualquer força espiritual, por poderosamente negativa que seja, não tem alternativa a curvar-se diante de Cristo. O reconhecimento da divindade de Cristo é uma inevitabilidade, quer para os demónios, quer para os homens, que dobrarão os seus joelhos, na pior das hipóteses, no final dos tempos. Adorar é preciso e no futuro não será possível não adorar.

Não é estranho que, depois do momento de submissão, o endemoninhado clame em tom de desafio: “Que tenho eu contigo, filho do Deus Altíssimo? Conjuro-te por Deus que não me atormentes.” Boa parte do trabalho do Diabo é tentar convencer as pessoas que, bem vistas as coisas, Deus não tem mão no rumo dos acontecimentos (os discípulos tinham acabado de cair nessa tentação durante a tempestade). Aqueles que seguem Satanás procuram prolongar esta rebelião à autoridade divina. No endemoninhado, esta bipolaridade assenta naturalmente, oscilando entre momentos de consciência e momentos de manifestação demoníaca. A verdade é que antes ainda Jesus tinha dito aos demónios para que saíssem daquele homem. Agora, o próprio Jesus pergunta-lhe o nome. Resposta dada em “Legião”, porque eram muitos os hóspedes. “Legião” era no exército romano uma companhia de mais de cinco mil homens, referência útil para compreendermos o tipo de presença das trevas que aqui está em causa.

É revelador que os demónios não ofereçam oposição a Jesus. Como é possível resistir à força criadora de todas as coisas? Imediatamente, e como nos conta o versículo 10, eles sugerem um plano de retirada. Não existia possibilidade de resistência, ainda que para os padrões humanos o seu poder apresentasse estragos tão consideráveis. Não era um monstro terreno em forma de homem possuído que ia afrontar o Deus da tempestade. A rendição de Legião pode surpreender-nos porque vem em forma de pedido de clemência e com sugestões logísticas. “Manda-nos para os porcos” que pastavam ali perto, suplica o pequeno exército maligno. O que Cristo permite. É caso para dizer que os demónios foram mesmo com os porcos.

A cena é assustadora: cerca de dois mil porcos são tomados espiritualmente, sugerindo-nos uma correspondência entre o número de animais e o de demónios, e precipitam-se despenhadeiro abaixo, caindo no mar, onde se afogam. Dá para tentar visualizar na

nossa imaginação? Não seria bonito de ver e, no entanto, é uma amostra do poder de Cristo. Sem especularmos muito acerca dos últimos acontecimentos no Apocalipse, podemos imaginar o que significará em termos práticos o dia em que Cristo regressará para julgar todos. Este episódio é apenas um sinal tímido do que será todo o poder satânico a vergar-se à autoridade de Cristo. O facto de aqui, e como diz Ingleby, os demónios terem preferido a presença dos porcos à do Messias, significa uma fuga desesperada ao poder divino que não resistirá a esse confronto cósmico final.

Podemos calcular os efeitos do episódio. O versículo 14 conta da corrida dos que tomavam conta dos porcos, que rapidamente espalham a notícia na cidade e pelos campos. Junta-se então muita gente para testemunhar a cena. O que mais os impressiona é a visão do ex-endemoninhado, agora sentado, vestido e em perfeito juízo. Voltamos ao padrão do texto sobre a tempestade acalmada: ao verificarem o resultado do poder de Jesus, resta o temor. Temos dois milagres seguidos, o da tempestade e o do endemoninhado, em que a resposta se salda em temor. Se aquele homem costumava ser temido por ser um lugar de demónios, talvez agora ainda assuste mais por ser lugar da ação de Deus. A ação divina pode ser mais assustadora do que a ação demoníaca. Triste é que a reação não seja de interesse, mas de repúdio. Como diz Carl F. H. Henry, os gerasenos comportam-se como se preferissem o endemoninhado a ameaçar-lhes a vida do que Jesus a ameaçar-lhes a economia. Por isso pedem que Jesus se vá embora.

Quando Jesus entra no barco, o ex-endemoninhado suplica-lhe que o deixe ir consigo. O Mestre não o permite, mas dá-lhe instruções: “Vai para tua casa, para os teus. Anuncia-lhes tudo o que o Senhor te fez e como teve compaixão de ti.” Já reparámos que é uma mudança no tipo de ordens que Jesus costumava dar a seguir aos seus milagres? Até aqui Jesus aconselhava o silêncio, mas agora torna o ex-endemoninhado missionário. A palavra diz-nos que é isso mesmo que vai acontecer, conhecendo a região de

Decápolis a proclamação dessa mensagem e admirando-se dela. Este curado saiu da cura com excepcional ordem para falar.

Decápolis era uma zona no Sudeste do Mar da Galileia, que congregava dez cidades, de Damasco a Filadélfia. Quando tinha sido conquistada à Síria em 65 a.C., os romanos reconstruíram-na e em grande parte colonizaram-na, criando um contexto de judeus helenizados, de religião frouxa e grande carácter materialista. Por isso mesmo, podiam dedicar-se ao comércio de porcos, animal imundo no judaísmo, e demonstrar uma reação sobretudo comercial a um episódio de tanto impacto espiritual. Decápolis era um lugar de judeus pouco judeus. É interessante verificar que, quando Jesus regressa a Decápolis, em Marcos 7:31, já é bem recebido pelas pessoas que o procuram para que cure, sinal de que provavelmente o ministério do ex-endemoninhado alcançou sucesso.

Como podemos aplicar este texto à nossa vida? É possível encontrarmos neste texto bíblico três perspectivas sobre a presença de Jesus: a dos demónios, a dos donos dos porcos e a do ex-endemoninhado. Em cada um desses ângulos podemos também ser desafiados para três implicações que a fé em Cristo nos pede.

1. A partir da atitude de fuga dos demónios da presença de Jesus, compreendemos que a fé é apocalíptica: inevitavelmente todos acabarão um dia por ter de enfrentar a presença de Cristo. E, nessa ocasião, a palavra ensina que reconhecerão forçosamente que Jesus é o Senhor (Romanos 14:11). Nesse sentido, o louvor a Deus não é opcional. Irá mesmo acontecer, e a uma escala total.
2. A partir do pedido dos donos dos porcos que não desejavam a presença de Jesus nos seus domínios, compreendemos que a fé é ameaçadora. Neste episódio foi a economia que foi colocada em causa por Cristo. Tudo se submete ao poder de Deus e, dessa perspectiva, não faltará quem sinta a sua

suposta estabilidade ameaçada. Crer em Cristo não é para calculistas.

3. A partir da ordem que Jesus dá ao ex-endemoninhado, que queria ficar na presença de Deus, compreendemos que a fé é anunciadora. Procurar a presença de Cristo leva-nos à presença de outros. Anunciar Jesus não é para os sedentários. Do mesmo modo como o ex-endemoninhado não ficou no mesmo lugar, a fé é dinâmica — o anúncio de Cristo aos outros garante que o lugar onde terminamos é diferente do lugar onde começámos.

Que Deus nos dê uma fé assim, apocalíptica, ameaçadora e anunciadora.

---

20 de Novembro de 2011.

13

A CURA E A RESSURREIÇÃO



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 5:21-43: “21 Tendo Jesus voltado no barco, para o outro lado, afluiu para ele grande multidão; e ele estava junto do mar.22 Eis que se chegou a ele um dos principais da sinagoga, chamado Jairo, e, vendo-o, prostrou-se a seus pés23 e insistentemente lhe suplicou: “Minha filhinha está à morte; vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá.”24 Jesus foi com ele. Grande multidão o seguia, comprimindo-o.25 Aconteceu que certa mulher, que, havia doze anos, vinha sofrendo de uma hemorragia26 e muito padecera à mão de vários médicos, tendo despendido tudo quanto possuía, sem, contudo, nada aproveitar, pelo contrário, indo a pior,27 tendo ouvido a fama de Jesus, vindo por trás dele, por entre a multidão, tocou-lhe a veste.28 Porque, dizia: “Se eu apenas lhe tocar as vestes, ficarei curada.”29 E logo se lhe estancou a hemorragia, e sentiu no corpo estar curada do seu flagelo.30 Jesus, reconhecendo imediatamente que dele saíra poder, virando-se no meio da multidão, perguntou: “Quem me tocou nas vestes?”31 Responderam-lhe seus discípulos: “Vês que a multidão te aperta e dizes: ‘Quem me tocou?’”32 Ele, porém, olhava ao redor para ver quem fizera isto.33 Então, a mulher, atemorizada e tremendo, cônscia do que nela se operara, veio, prostrou-se diante dele e declarou-lhe toda a verdade.34 E ele lhe disse: “Filha, a tua fé

te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal.”[35] Falava ele ainda, quando chegaram alguns da casa do chefe da sinagoga, a quem disseram: “Tua filha já morreu; por que ainda incomodas o Mestre?”[36] Mas Jesus, sem acudir a tais palavras, disse ao chefe da sinagoga: “Não temas, crê somente.”[37] Contudo, não permitiu que alguém o acompanhasse, senão Pedro e os irmãos Tiago e João.[38] Chegando à casa do chefe da sinagoga, viu Jesus o alvoroço, os que choravam e os que pranteavam muito.[39] Ao entrar, lhes disse: “Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme.”[40] E riam-se dele. Tendo ele, porém, mandado sair a todos, tomou o pai e a mãe da criança e os que vieram com ele e entrou onde ela estava.[41] Tomando-a pela mão, disse: “*Talitá cumi*!”, que quer dizer: “Menina, eu te mando, levanta-te!”[42] Imediatamente, a menina se levantou e se pôs a andar; pois tinha doze anos. Então, ficaram todos sobremaneira admirados.[43] Mas Jesus ordenou-lhes expressamente que ninguém o soubesse; e mandou que dessem de comer à menina.”

E, para não variar, estamos de volta ao mar, para Jesus voltar a atravessá-lo para a outra margem. Ao chegar, rapidamente acontece o que costuma acontecer: uma multidão se junta. As sinagogas daquele tempo funcionariam com um colégio de anciãos que era presidido por uma pessoa. A personagem que vemos entrar em cena agora faria parte desta elite, ou presidiria mesmo. Jairo, um dos principais da sinagoga, destaca-se do ajuntamento para rapidamente se ajoelhar aos pés de Jesus com um pedido pungente: “A minha filhinha está prestes a morrer. Vem, impõe as mãos sobre ela, para que seja salva, e viverá.”

A descrição de Marcos volta a ser vívida e graficamente forte. Um dos elementos destacados da instituição religiosa mais importante humilha-se perante Cristo para, através de um pedido desesperado, reconhecer-lhe poder para fazer uma coisa que mais ninguém consegue. Nem todos os crentes daquele tempo têm os sentidos tapados para Jesus e, em caso de necessidade, alguns estão

dispostos a rapidamente socorrer-se dele. Jesus decide alterar os seus planos para seguir este pai em apuros. Quem não muda de direção é a multidão que lhe continua agarrada. Chega a ser cómica a maneira pronta como este imenso apêndice sinaliza todos os gestos de Jesus. Faz lembrar aquela brincadeira do liceu em que muitas pessoas seguiam outra, tentando que ela não percebesse — claro que, neste caso, os que seguem não conseguem passar despercebidos daquele que seguem. O ministério do Messias não consegue enxotar o lastro humano atraído pelo seu poder.

Neste episódio da filha de Jairo vem intrometer-se outro. Inesperadamente, uma mulher, que sofria por doze anos de uma hemorragia e que já tinha tentado todo o tipo de soluções, vai interromper aquele que seria o curso de Jesus em direção ao pedido feito pelo responsável da sinagoga. Devemos ter em conta que o tipo de condição física de que padecia esta mulher a tornava impura à luz da lei levítica, imprópria para o casamento, e de modo algum poderia tocar alguém, muito menos um homem. A doença que tinha facilmente era associada a um comportamento moralmente reprovável. Não é, por isso, difícil de perceber que a coragem desta mulher não é vulgar. Afinal, não era suposto que nada daquilo estivesse a acontecer. A par da doença, esta mulher doente carregava a certeza de que, se tocasse em Jesus, isso lhe bastava — certamente seria curada. Os comentaristas bíblicos discutem até que ponto é que esta convicção da mulher poderia misturar-se com alguma superstição. O facto é que a palavra nos diz que a cura desejada foi a cura obtida e imediatamente estancou a hemorragia. Não nos interessa especular se a crença na cura pelo toque físico seria desejável ou não, ou saber se Jesus teve logo na hora a consciência de que tinha curado alguém. Não são essas as coisas que o texto bíblico quer que nos ocupem a atenção. O certo é que a Bíblia nos declara numa expressão algo enigmática que, depois da doente sentir no seu corpo estar curada do flagelo, o Mestre reconheceu que dele tinha saído poder. A reação de Jesus pode

aumentar ainda mais o nosso espanto: assim que sente que dele tinha saído poder, vira-se para a multidão e pergunta quem lhe tocou, olhando em redor. O que suscita a pergunta dos discípulos, com sabor a ironia, em jeito de: “Mestre, uma multidão destas a espremer-te e ainda perguntas quem te tocou?” Dá vontade de rir, de facto. A verdade é que, à medida que o Messias se inquieta, a mulher acusa-se. Temendo e tremendo, como indicam algumas traduções, consciente do que lhe tinha acontecido, a mulher avança e confessa tudo. Já pensámos no facto de que seria a primeira vez em muito tempo que aquela mulher estava em condições de falar em público sem ser rejeitada? Ela estava agora purificada e, por isso, capaz de ser aceite pela sociedade. Isto é agora confirmado pelo próprio Jesus, que afirma: “Filha, a tua fé te salvou; vai-te em paz e fica livre do teu mal.” É provável que esta mulher fosse mais velha do que o Mestre, mas isso não o impede de olhá-la como filha.

Ainda estamos emocionalmente capturados pela força deste episódio quando o primeiro, que tinha sido interrompido, volta a reclamar a ordem de chegada. Pessoas vindas da casa de Jairo informam-no de que já não vale a pena incomodar Jesus — a menina acabara de morrer. E imediatamente o texto dá nova guinada. O Mestre não se importa com a notícia e instrui o chefe da sinagoga: “Não temas, crê somente.” Como seria ouvida uma frase destas num contexto daqueles? Com esperança? Como crueldade? Cristo elege dentro dos seus discípulos três que serão o grupo mais íntimo para acompanhá-lo no momento: Pedro, Tiago e João. Serão estes mesmos três que o acompanharão no episódio do monte da transfiguração e no jardim do Getsêmani.

Quando chegam a casa de Jairo, esta já está ocupada em preparações funerárias. Calcula-se que até o israelita mais pobre teria na sua cerimónia fúnebre direito a dois flautistas e uma carpideira (Mateus a descrever este episódio refere precisamente esses músicos). O que acontece nesta hora, no seu estrépito, não impressiona Jesus, que coloca uma pergunta ouvida com escárnio:

“Por que estais em alvoroço e chorais? A criança não está morta, mas dorme.” Podemos imaginar o gozo da cena, eventualmente com aquela dose de alívio que uma gargalhada escondida costuma permitir num funeral. Mas o Senhor não está para brincadeiras e rapidamente dispõe do lugar e impõe as regras: manda todos saírem e ficarem apenas os pais e os que estavam com ele, que encaminha para junto da menina. Toma-a pela mão e diz em aramaico, como explica o detalhe da testemunha ocular do Evangelho de Marcos, que também traduz: “*Talita cumi*!” Que quer dizer: “Menina, eu te mando, levanta-te!” A resposta é imediata. A menina levanta-se, anda (porque não era bebé, mas provavelmente uma criança com cerca de doze anos), e deixa todos naturalmente assombrados. Jesus pede segredo em relação a isto e remata com um conselho tão simples quanto prudente: “Deem-lhe alguma coisa para comer.”

Como podemos aplicar este texto bíblico à nossa vida?

Quando há o risco de desaparecer aquilo que mais amamos, não hesitamos em pedir ajuda. Quando nenhuma solução resultou para o nosso problema, não temos vergonha de continuar a pedir ajuda. E se, por um lado, podemos não ter a garantia de que Cristo fará o que aqui aconteceu (ressurreição e cura), sabemos pelo menos que a solução dele pode ir onde as outras não conseguiram. O que nos custa arriscar como Jairo e a mulher com o fluxo de sangue arriscaram?

Há até a possibilidade de a solução de que precisamos passar por não vermos atendido o nosso pedido. Podemos ir mais longe ainda. Ter o nosso pedido atendido pode ser a vontade de Deus. Mas será a vontade de Deus sempre na medida em que ter o nosso pedido atendido representa ter Cristo como a resposta a ele. E essa resposta nem sempre é a que desejamos. Com frequência pedimos a Cristo que nos dê as soluções, sem aceitarmos necessariamente que ele próprio seja a solução.

A lógica desta cura e desta ressurreição é, no entanto, outra: Deus responde-nos às necessidades porque Cristo é a verdadeira necessidade que temos e que já nos foi dada. O nosso problema não é desejar a mais, mas a menos. Queremos naturalmente a vida e a saúde, mas não nos lembramos de que elas só têm valor quando o desejo maior está preenchido em Cristo. O passageiro é possível porque o eterno está assegurado. Não sabemos se a mulher com a hemorragia e Jairo o entenderam claramente. Mas que não nos sobrem dúvidas a nós hoje: Cristo não é apenas o meio da cura e o meio da ressurreição. Cristo é a cura e a ressurreição.

---

27 de Novembro de 2011.

14

CASA DE CARPINTEIRO



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 6:1-6: “1 Tendo Jesus partido dali, foi para a sua terra, e os seus discípulos o acompanharam.2 Chegando o sábado, passou a ensinar na sinagoga; e muitos, ouvindo-o, se maravilhavam, dizendo: “Donde vêm a este estas coisas? Que sabedoria é esta que lhe foi dada? E como se fazem tais maravilhas por suas mãos?3 Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs?” E escandalizavam-se nele.4 Jesus, porém, lhes disse: “Não há profeta sem honra, senão na sua terra, entre os seus parentes e na sua casa.”5 Não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos.6 Admirou-se da incredulidade deles. Contudo, percorria as aldeias circunvizinhas, a ensinar.”

Como já sabemos a esta hora do Evangelho de Marcos, Jesus não para. Depois de abandonar Cafarnaum, empreende uma viagem de mais de trinta quilómetros para a terra onde crescera, Nazaré. Há quem sugira que este percurso podia indicar um desejo de fugir das incontornáveis multidões que confirmavam que a sua popularidade não parava de crescer. O facto é que, quer o Mestre desejasse ou não mais tranquilidade, não recusava a possibilidade

de ensinar na sinagoga de Nazaré. Há sempre mais uma coisinha que Jesus pode fazer.

Como é que funcionava a adoração numa sinagoga? O dirigente dela podia estender o convite para ensino a quem quisesse e agora Jesus está naquela que teria sido a sua escola, junto com os seus conterrâneos — está em casa (há um texto em Lucas 4:16-31 que fala de o que se crê ter sido uma visita prévia a Nazaré, que suscita o mesmo tipo de reação que vamos encontrar aqui). As emoções seriam muitas e vincadas, numa circunstância destas. Quer da parte de Cristo que ensina, quer da parte daqueles que o ouvem. É um nazareno que está a ensinar em Nazaré.

A reação ao ensino de Jesus é enorme. O texto, ao dizer que se maravilham, não quer dizer que as pessoas estavam deslumbradas, mas que se sentiam descompostas. O sentido literal da palavra no grego (*exeplessonto*) anda mais próximo de ficarem fora de si, exaustas na maneira como não sabiam como responder ao que ouviam. Por isso mesmo, na necessidade de oferecer uma explicação a um fenómeno pelo qual não esperavam, vindo de uma pessoa que supostamente tão bem conheciam, têm de se certificar das fontes do seu conhecimento: “Não é este o carpinteiro, filho de Maria, irmão de Tiago, José, Judas e Simão? E não vivem aqui entre nós suas irmãs?”

O que o Mestre ensinaria, que em particular não é referido no texto, certamente desafiava a familiaridade que os nazarenos sentiam com Jesus. Assim, é como se precisassem de relembrar-lhe a identidade que lhe conhecem, não vá ele levar longe demais aquilo que diz sobre si próprio. O escândalo dos de Nazaré é o de não terem explicação para uma nova personalidade de um velho conhecimento. A rejeição é o passo natural dessa incapacidade de crerem num Jesus diferente do que previam.

Jesus mostra-se resignado aos factos. Na sua cidade é tratado sem honra, mesmo pelos seus parentes e na sua casa. No fundo,

um destino comum para qualquer profeta (qualidade reconhecida por Cristo acerca de si próprio). Este é um dos textos que mostra que até a família de Cristo não lhe compreende a missão e, no fundo, quem ele é (já tinha acontecido no capítulo 3). Daí que a tradição cristã aponte que, por exemplo, Tiago, irmão de Jesus, só se terá tornado discípulo muito mais tarde na sua vida (provavelmente até depois da ressurreição ou, quem sabe, mesmo depois da ascensão).

O facto é que a maneira como escolhemos ouvir Jesus também determina o tipo de influência que ele pode ter na nossa vida. No caso de Nazaré, Jesus não pôde fazer ali nenhum milagre, senão curar uns poucos enfermos, impondo-lhes as mãos. Alguns estudiosos referem que, a partir da palavra usada para enfermos, até as pessoas que lá foram tratadas pelo Mestre não estariam assim tão doentes — seriam sobretudo as pessoas que se sentiriam mais fracas. Ou seja, como os nazarenos não mostram grande fé em Jesus, não lhe trazem grandes problemas para ele resolver.

O versículo 6 diz que Jesus fica admirado com tão pouca fé que encontra na sua cidade. A única vez que volta a ser usado o mesmo termo para a reação do Senhor é quando, desta vez pela positiva, se admira da fé de um centurião romano (em Mateus 8:10). Parece-nos estranho que o Filho de Deus possa ser apanhado de surpresa, mas compreendemos nos Evangelhos que essa admiração humana nele não é incompatível com a sua divindade — pelo contrário, é o que contribui para que entendamos o que a encarnação pressupõe. Isto torna mais exata e ampla a noção de o Verbo se ter feito carne. Todavia, e no meio de tanto desapontamento, Jesus não se dá por vencido e continua a percorrer as aldeias vizinhas a ensinar.

A palavra prossegue em Marcos 6:7-13: “7 Chamou Jesus os doze e passou a enviá-los de dois a dois, dando-lhes autoridade sobre os espíritos imundos.8 Ordenou-lhes que nada levassem para o caminho, exceto um bordão; nem pão, nem alforje, nem dinheiro;9 que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas.10 E

recomendou-lhes: “Quando entrardes nalguma casa, permanecei aí até vos retirardes do lugar.11 Se nalgum lugar não vos receberem nem vos ouvirem, ao sairdes dali, sacudi o pó dos pés, em testemunho contra eles.”12 Então, saindo eles, pregavam ao povo que se arrependesse;13 expeliam muitos demônios e curavam numerosos enfermos, ungindo-os com óleo.”

Jesus não se conforma com a desilusão de Nazaré. Envia os seus discípulos (o termo “enviar” é o que dá origem a “apóstolos”, “enviados”) dois a dois, com autoridade delegada (*exousia*) sobre os demónios, num regime de leveza logística e agilidade material (nada para o caminho exceto um bordão, nem pão, nem alforge, nem dinheiro; que fossem calçados de sandálias e não usassem duas túnicas; e que permanecessem na mesma casa). O estilo também é o conteúdo, e a ausência de artifícios nos apóstolos era uma concentração na pregação. Por isso, no caso de recusa da pregação, o sacudir do pó dos pés simbolizaria que o juízo divino estaria sobre essa rejeição (alguns manuscritos, incluindo “em verdade vos digo que haverá mais tolerância no dia do juízo para Sodoma e Gomorra do que o daquela cidade”, exemplificam que a rejeição da mensagem apostólica equivaleria em termos de pecado à imoralidade do episódio do Velho Testamento).

Os discípulos assim fazem, e pregam o arrependimento, a mudança de pensamento, ao mesmo tempo que expulsam demónios e curam muitos doentes, ungindo-os com óleo (uma prática que era medicinal e ritual). Não foi a dureza de coração de Nazaré que suspendeu aquilo que era o trabalho de Jesus a realizar junto de outros. A aparente derrota de um lugar serviu o empenho para muitos outros.

Podemos aplicar isto à nossa vida de quatro maneiras:

1. As pessoas que julgam melhor conhecer Jesus são quem neste texto o rejeita. A presunção de familiaridade é um risco para a fé. Quando julgamos que conhecemos alguma coisa,

temos tendência a colocar-nos no comando, ganhando pouca capacidade de reação caso as circunstâncias, que julgávamos controladas, mudem. Não são anos de convívio com uma verdade que garantem que ela seja aceite no futuro como supostamente foi aceite no passado. O mesmo se aplica a nós. Não é por termos crescido na Igreja que o Evangelho está garantido na nossa vida. A familiaridade não é o critério da fé; a aceitação do ensino de Cristo, sim. Nazaré poderia orgulhar-se de ser a cidade onde Jesus cresceu, mas na hora de o seguir passou a ser a cidade onde Jesus menos fez. Cuidado com os sentimentos de familiaridade.

2. Os efeitos desta presunção de familiaridade com Jesus limitam a ação dele. A pessoa que se julga mais em casa com Jesus pode ser a pessoa que, ao ser surpreendida, mais rapidamente o expulsa. A pessoa que se julga no comando tende a reagir mal se alguém lho tirar — o que na prática é o que Jesus faz. Deus atribui uma importância tal à nossa vontade que ela pode refrear o seu próprio trabalho junto de nós. As nossas reações têm, neste texto, o poder de surpreender negativamente Cristo. Apesar de Cristo ser o início e o fim, ele mostra-se paradoxalmente sensível e surpreso às reações dos homens. O pior que deste facto pode sair é, na nossa vontade escandalizada por Jesus ser o centro, acabarmos a impedi-lo de fazer grandes coisas conosco.
3. Neste texto, a recusa de uns parece tornar mais urgente o anúncio a outros. Os cristãos são enviados porque a mensagem que pregam não depende deles, mas concentra-se numa vontade que os transcende. A leveza e a agilidade da estratégia para a evangelização apontam para a mensagem e não para os mensageiros. Levar o Evangelho de Cristo é ir leve na medida em que não precisamos de

muita bagagem para nos concentrarmos no essencial que é Jesus. Chegar com pouco e com pouco partir.

4. É o respeito à justiça de Deus que guia o movimento dos enviados. Os discípulos de Cristo não sacodem o pó dos seus pés por terem sido pessoalmente ofendidos — afinal, estes mensageiros não são o centro da mensagem. Os discípulos de Cristo sacodem o pó dos seus pés porque recusar o arrependimento é equivalente a desprezar a misericórdia de Deus. Quem o faz está na pior posição possível (como Sodoma), e é bom que a coreografia dos missionários o clarifique. É uma necessidade exigente na vida dos cristãos ocidentais de hoje, sempre muito medricas de serem tidos como moralmente arrogantes. No entanto, aquilo que deve orientar o nosso anúncio de Cristo não é o orgulho pessoal que temos, mas a vontade de Deus. Se sacudir o pó dos pés honra a importância do que pregámos, ainda que possa ser tido como politicamente incorreto, então que o sacudamos numa dança resoluta.

Que o Senhor nos ajude.

---

4 de Dezembro de 2011.

15

FANTASMAS MAIORES DO QUE HOMENS



Diz a palavra em Marcos 6:14-29: “14 Chegou isto aos ouvidos do rei Herodes, porque o nome de Jesus já se tornara notório; e alguns diziam: “João Baptista ressuscitou dentre os mortos, e, por isso, nele operam forças miraculosas.”15 Outros diziam: “É Elias”; ainda outros: “É profeta como um dos profetas.”16 Herodes, porém, ouvindo isto, disse: “É João, a quem eu mandei decapitar, que ressurgiu.”17 Porque o mesmo Herodes, por causa de Herodias, mulher de seu irmão Filipe (porquanto Herodes se casara com ela), mandara prender a João e atá-lo no cárcere.18 Pois João lhe dizia: “Não te é lícito possuir a mulher de teu irmão.”19 E Herodias o odiava, querendo matá-lo, e não podia.20 Porque Herodes temia a João, sabendo que era homem justo e santo, e o tinha em segurança. E, quando o ouvia, ficava perplexo, escutando-o de boa mente.21 E, chegando um dia favorável, em que Herodes no seu aniversário natalício dera um banquete aos seus dignitários, aos oficiais militares e aos principais da Galileia,22 entrou a filha de Herodias e, dançando, agradou a Herodes e aos seus convivas. Então, disse o rei à jovem: “Pede-me o que quiseres, e eu to darei.”23 E jurou-lhe:

“Se pedires mesmo que seja a metade do meu reino, eu ta darei.”[24] Saindo ela, perguntou a sua mãe: “Que pedirei?” Esta respondeu: “A cabeça de João Baptista.”[25] No mesmo instante, voltando apressadamente para junto do rei, disse: “Quero que, sem demora, me dês num prato a cabeça de João Baptista.”[26] Entristeceu-se profundamente o rei; mas, por causa do juramento e dos que estavam com ele à mesa, não lha quis negar.[27] E, enviando logo o executor, mandou que lhe trouxessem a cabeça de João. Ele foi, e o decapitou no cárcere,[28] e, trazendo a cabeça num prato, a entregou à jovem, e esta, por sua vez, a sua mãe.[29] Os discípulos de João, logo que souberam disto, vieram, levaram-lhe o corpo e o depositaram no túmulo.”

Jesus não para e a sua popularidade também. Há quem diga que os centros de poder são os lugares onde as notícias chegam mais tarde e talvez o mesmo tenha acontecido com o palácio de Herodes Antipas. Herodes era um dos quatro governantes da Palestina. Como Marcos escreve para o leitor comum do Império Romano, trata-o por “rei”, designação comum para todos os líderes políticos orientais. Quando a fama de Cristo chega a Herodes, também ele se sente na necessidade de arranjar a sua própria versão para explicar Jesus. Afinal, ninguém consegue ficar indiferente — inventar uma teoria é o mínimo.

Para os religiosos, como os fariseus, Jesus era um blasfemo; para a família de Jesus, que quer protegê-lo de si próprio, ele precisa apenas de se acalmar; para os nazarenos, era uma questão de lhe recordar a profissão de carpinteiro para que não exagerasse nas suas certezas religiosas; para outros, era uma reencarnação de Elias. E para Herodes, quem é Jesus?

Herodes, de tão atormentado que está pelos efeitos dos seus pecados, defende a tese de que Jesus era a reencarnação de João Baptista — no fundo, o regresso dos seus erros em forma de vingança. Se tivermos em conta que teria recebido uma formação de saduceu, teologicamente liberal, que recusava a crença na

ressurreição, podemos entender que pensar que Jesus era João Baptista reencarnado não era uma coisa qualquer. Herodes sentia-se mesmo preso na imensidão dos seus crimes. O texto bíblico dá-nos agora um *flashback*, para o evangelista Marcos situar a teoria de Herodes a partir dos factos passados. Ao defender uma ressurreição de João Baptista, Herodes dá corpo a um fantasma que não para de o atormentar. Ao pensar em Jesus, o monarca judeu vê a sua culpa ao espelho: "É João, a quem eu mandei decapitar." Quão mais inconcebível fosse a tese de Herodes, mais pesada se revelava a sua consciência. Este texto bíblico parece um interlúdio cinematográfico, demonstrando uma vez mais que todas as pessoas que se confrontam com Cristo acabam desafiadas e, na pior das hipóteses, expostas na sua fraqueza. Jesus suscita em Herodes o que nele há de mais patético. Jesus está em carne e osso, mas Herodes foge de mortos-vivos.

Herodes tinha mandado prender João Baptista porque o profeta tinha condenado a sua ligação conjugal com Herodias, esposa do seu irmão Filipe. Enquanto João estava preso, estava, de certo modo, protegido: Herodes livrava-se da censura pública que a pregação dele expunha, e, por outro lado, livrava João da vontade que Herodias tinha de o ver morto. A prisão de João era um mal necessário e menor, tendo em conta o pior que podia acontecer. Herodes faz a gestão possível da culpa que tem e da influência que exerce. Por um lado, limitava a liberdade de um homem que até respeitava e apreciava no seu exemplo de justiça e santidade; por outro, impedia-o de continuar a colocar em causa o seu poder. Herodes está dividido entre uma noção de bem que reconhece, mas não pratica, e a entrega passional à mulher do seu irmão.

Herodias funciona como uma espécie de nova Jezabel (provavelmente a personagem feminina mais assustadora do Velho Testamento), sempre com um plano pronto para manter um poder absoluto que por alguma razão foi colocado em causa. A maior parte dos comentaristas bíblicos concorda que Herodes faria

frequentes visitas a João Baptista preso no cárcere (castelo de Mácarus, referido pelo historiador Josefo, que também relata esta morte), gravitando entre algum prazer na companhia do profeta e a culpa aumentada pela pregação corajosa dele.

É neste contexto que Herodias vê uma oportunidade chegando na celebração do aniversário do rei (uma imitação do hábito romano de comemorar a idade dos imperadores), ocasião de presença de distinta companhia, desde a nobreza às chefias governamentais, passando pelas autoridades militares. A certa altura da festa, onde provavelmente já seriam notáveis os sinais de intoxicação com o vinho que devia correr abundantemente, envia a sua própria filha, não identificada aqui, mas geralmente chamada de Salomé, para se prestar a uma dança que conseguisse entusiasmar a audiência até àquele ponto em que já se promete o que não se deve. Era tudo menos ortodoxo que uma rapariga daquele nível social se prestasse a um comportamento tão descarado, mas o certo é que os assistentes ficaram de tal modo agradados da coreografia que Herodes atira: “Pede-me o que quiseres, e eu to darei. Mesmo que seja metade do meu reino.” É a própria rapariga que fica sem saber o que exigir, correndo em auxílio da sua mãe. E é aqui que Herodias aproveita o momento que tanto desejava. A sua astúcia funcionou para a premeditação de um plano para o qual Salomé não estaria completamente consciente (o facto de em Mateus 14:8 parecer que a mesma história é explicada de uma maneira diferente resulta da condensação da história, e não da sua descrição exaustiva) — podemos imaginar o choque ao ouvir um pedido tão macabro vindo de lábios tão familiares.

A cabeça de João Baptista era, fruto do desejo de Herodias, o pedido que tinha de ser satisfeito pelo rei. O choque do monarca deve ter sido ainda maior, ao aperceber-se daquilo em que tinha caído, demasiado tarde para voltar atrás com a palavra tendo em conta a distinta companhia que não toleraria semelhante desfaçatez. A tristeza de Herodes é enorme, mas já não pode parar o rumo dos

acontecimentos. Imediatamente, o soldado foi à cadeia e decapitou João Baptista. Não terá sido muito o tempo a voltar a subir o palácio já com a cabeça do profeta no prato estendido à dançarina, que o entrega à mãe. De tão chocante, a ação parece quase absurda, num misto de vinho, dança, sangue, culpa e prazer.

Ocorre dizer que não seria possível um final mais estúpido para o maior profeta de todos os tempos, o homem que anunciou Cristo, as mãos que batizaram o Mestre e viram o Céu aberto na declaração de prazer de Deus Pai e bênção do Espírito Santo. Todas as nossas expectativas de finais felizes para os que seguem Cristo são colocadas em causa a partir da morte de João Baptista. Nas suas honras fúnebres terá tido pouco mais que um sepultamento apressado pelos seus discípulos, provavelmente pouco consolados por um corpo que enterrariam sem sequer estar completo. Somos, todavia, minúsculos na sombra deste homem morto de forma animal.

Apliquemos esta história bíblica brutal à nossa vida.

1. A passividade de Herodes diante de uma maldade maior do que a sua não o isenta de responsabilidades. Herodes é um símbolo do pior tipo de conciliação que pode existir, de tentar estar bem com Deus e com o Diabo. Casando a religião judaica com os novos hábitos gentios (visíveis, por exemplo, na celebração do seu aniversário, na indiferença pela lei levítica e no progressismo saduceu que rejeitava a ressurreição), poderia querer convencer-se de que uma posição neutra é a melhor. Mas a convicção na neutralidade acabou na morte de um homem justo. Um dos sobressaltos deste texto é a amostra de que a busca pela imparcialidade pode ter efeitos terríveis. Diante da ação divina não há neutralidade possível.
2. Não é possível lidar com a justiça sem que ela nos corte. Não é possível apreciá-la sem escapar ao confronto que nos

oferece. A nossa medida de prazer pode ser apenas um dos primeiros passos. A justiça não é contra o prazer, mas, de facto, pode corrigi-lo. Herodes gosta de ouvir João Baptista, mas garante que ele fica bem acorrentado, não vá ter as suas decisões colocadas em causa. Quantas vezes não somos tal e qual, ouvindo a mensagem de Deus nas catacumbas, mas vivendo longe dela ao ar livre? Lidar com a verdade arde, mas cura. O prazer que daí vem é muito superior aos anteriores.

3. A Herodes, que não foi capaz de se expor à correção, resta uma culpa sem fim num mundo em que os fantasmas são mais visíveis do que os homens. A mensagem de Cristo faz mais do que apenas gerir a culpa, aniquilando o conceito — a mensagem de Cristo cura a culpa pelo arrependimento sincero. Tivesse Herodes seguido o João Baptista homem e não teria de ser perseguido pelo João Baptista fantasma. Uma vida sem a agilidade do Espírito Santo é uma vida arrastando almas penadas. Herodes está tão perdido nos seus pecados que em vez de agarrar o Salvador, limita-o a uma assombração.

Que Deus nos acorde de um sono tão culpado, se for o nosso caso.

---

11 de Dezembro de 2011.

16

DIETA MILAGROSA



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 6:30-44: “30 Voltaram os apóstolos à presença de Jesus e lhe relataram tudo quanto haviam feito e ensinado.31 E ele lhes disse: “Vinde repousar um pouco, à parte, num lugar deserto”; porque eles não tinham tempo nem para comer, visto serem numerosos os que iam e vinham.32 Então, foram sós no barco para um lugar solitário.33 Muitos, porém, os viram partir e, reconhecendo-os, correram para lá, a pé, de todas as cidades, e chegaram antes deles.34 Ao desembarcar, viu Jesus uma grande multidão e compadeceu-se deles, porque eram como ovelhas que não têm pastor. E passou a ensinar-lhes muitas coisas.35 Em declinando a tarde, vieram os discípulos a Jesus e lhe disseram: “É deserto este lugar, e já avançada a hora;36 despede-os para que, passando pelos campos ao redor e pelas aldeias, comprem para si o que comer.”37 Porém, ele lhes respondeu: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” Disseram-lhe: “Iremos comprar duzentos denários de pão para lhes dar de comer?”38 E ele lhes disse: “Quantos pães tendes? Ide ver!” E, sabendo-o eles, responderam: “Cinco pães e dois peixes.”39 Então, Jesus lhes ordenou que todos se assentassem, em grupos, sobre a relva verde.40 E o fizeram, repartindo-se em grupos de cem em cem e de cinquenta em cinquenta.41 Tomando ele os cinco pães e os dois peixes, erguendo

os olhos ao céu, os abençoou; e, partindo os pães, deu-os aos discípulos para que os distribuíssem; e por todos repartiu também os dois peixes.42 Todos comeram e se fartaram;43 e ainda recolheram doze cestos cheios de pedaços de pão e de peixe.44 Os que comeram dos pães eram cinco mil homens."

Depois do interlúdio cinematográfico da morte de João Baptista, que serviu para apresentar mais uma teoria para explicar Jesus (a de Herodes, que o via como uma reencarnação do homem que tinha mandado matar), regressamos à ação. A ação é o trabalho de Jesus. Neste caso, o trabalho de Jesus inicia-se no texto a partir do trabalho daqueles que tinha enviado (entre os versículos 7 e 13) para pregarem o arrependimento, expulsar demónios e curar os enfermos nos lugares que visitassem. O trabalho de Jesus produz trabalho nos outros, e os outros, voltando, suscitam mais trabalho a Jesus. Neste Evangelho, a ação não para.

Os apóstolos regressam e entregam o relatório do que haviam feito e ensinado. Ao que o Mestre responde com uma intenção de descanso num lugar recolhido (o sentido do termo "deserto" era esse). O grupo que Jesus tinha enviado seria superior ao dos doze discípulos e não é difícil imaginar a agitação. Aquele tipo de energia missionária nem horas de refeição respeitava, e não deixa de ser interessante que Jesus queira fazer uma paragem para o descanso. É pedagógico e inspirador o facto de o Messias pensar no restabelecimento dos seus discípulos. Será que fazemos e pensamos o mesmo em relação àqueles que estão ao nosso cuidado?

Desde a Criação que a palavra de Deus nos explica que o descanso não é uma desforra do trabalho. Pelo contrário. O descanso é a maneira de celebrar o valor do trabalho. Quando Deus descansa no sétimo dia, fá-lo sobre a satisfação que tem pelo que criou. Porque o resultado do nosso esforço é bom, então saboreamos o descanso. Compreender isto faz toda a diferença e não nos parece injusto reconhecer as diferenças substanciais entre

as sociedades que mais se aproximam deste modelo e as outras. Continua a fazer-nos falta a boa ética judaico-protestante de dar tudo no trabalho, ao mesmo tempo que respeita que o descanso é sagrado. Descansamos porque trabalhar é bom. Parar é no cristianismo uma questão ética. A produtividade não pode atropelar as necessidades físicas do nosso corpo. Depois de uma etapa missionária que seria fisicamente extenuante, Jesus faz questão de que haja descanso.

O plano era relativamente simples: atravessarem de barco para o noroeste do Lago de Genesaré, onde o terreno seria mais verde e refrescante, e aí encontrar descanso a sério. Acontece que muitas pessoas, que estariam em percurso para Jerusalém à custa da aproximação da peregrinação pascal, se aperceberam das intenções do grupo de Jesus e, mais uma vez, proporcionam uma cena visualmente desarmante. Enquanto a embarcação avançaria calmamente em direção àquele pequeno retiro, uma multidão, preenchida de gente de todas as cidades (porque a peregrinação pascal era compartilhada por pessoas de todo o Israel), correria junto à margem. Diz-nos o Evangelho de Marcos que a ânsia popular de procurar a presença de Cristo é tal que o ajuntamento chega ao sítio primeiro do que Jesus e os apóstolos (versículos 32 e 33). Uns poucos, navegando calmamente nas águas, são perseguidos e antecipados por uns muitos que correm nas margens. O passo do cómico para o comovente é curto.

Jesus vê a multidão e tem compaixão dela, “porque eram como ovelhas sem pastor”. E o que faz Jesus com a compaixão que sente? Ensina. Isto é incrível e deve puxar pela nossa compreensão. O ensino de Jesus é resultado do amor que sente por aquelas ovelhas perdidas. O Evangelho de Mateus refere que Jesus também curou os doentes, mas, tendo em conta que aquela multidão é de gente que correu, a quantidade de enfermos poderia ser relativamente reduzida. É o nosso próprio conceito de ensino que está a ser desafiado aqui.

Hoje no Ocidente temos o ensino como um tipo de transmissão de factos em contornos sobretudo teóricos. Olhamos para o ensino como um recheio que serve para as gavetas do nosso cérebro — nem tanto para o nosso coração. Daí ser estranha à primeira vista esta ligação entre a comoção de Jesus e a seguir agir ensinando. Muitos de nós, quando pensamos na nossa fé pessoal, tendemos a valorizar a nossa experiência subjectiva e menos o ensino que nos foi dado, como se a experiência fosse a coroa do ensino. No fundo, caímos numa dicotomia que separa o que somos do que sabemos. Mas este texto bíblico contesta esta dicotomia. O Senhor não trabalha para divisões na personalidade dos seus filhos: ovelhas perdidas precisam de ser ensinadas em muitas coisas (versículo 34). Ovelhas perdidas precisam de ser achadas, e o ensino é uma parte fundamental desse processo de achamento. Jesus ensina porque ama. O cristianismo deve ter a mesma consciência de que ensinar é amar.

Entretanto, nasce uma preocupação nos discípulos. Aproximava-se o pôr-do-sol e aquela multidão precisava de ir para casa comer. João escreve no seu Evangelho ter sido Filipe o apóstolo com a sensibilidade ao problema (este milagre da multiplicação é narrado pelos quatro evangelistas). Segundo João, é também Filipe que ouve de Jesus: “Dai-lhes vós mesmos de comer.” A nossa primeira reação à frase do Senhor pode ser de algum choque. Parece, quando muito, humor negro ou, à moda portuguesa, um “desenrasquem-se”. Os discípulos insistem e ainda sugerem amealhar uma quantia que desse para comprarem pão que chegasse para toda aquela gente (versículo 37). Mas o Mestre parece estar do contra e pergunta que comida aquelas pessoas teriam entre si. A resposta (dada por André no Evangelho de João) apura que sim, que alguma coisa se arranjava. Neste caso, cinco pães e dois peixes. O que é suficiente para desencadear o plano do Mestre.

A logística do milagre tem que se lhe diga. Repartidos em grupos de cem em cem e cinquenta em cinquenta, todos se sentam na relva verde (versículos 39 e 40), permitindo um cenário tão ordenado quanto colorido (pelos tons das roupas da multidão, detalhe que o texto no original sugere). Este tipo de organização seria praticado pelos judeus, meio adaptado dos romanos, que geralmente prefiguravam um banquete em três mesas distribuídas como três lados de um quadrado, que ficaria aberto no centro para o serviço. O que está a acontecer aqui seria semelhante. Perante a grande refeição, Jesus toma os cinco pães e os dois peixes, ergue os olhos ao céu e abençoa-os (versículo 41). Não é pelo facto de estarmos a jantar quando não esperávamos, ou por estarmos na companhia de alguém com quem não contávamos, que temos razão para não agradecer a Deus pelos alimentos. Agradecer a Deus é para os momentos previstos e para os imprevistos.

Esta bênção, por outro lado, é parecida com aquela que se invocava quando se celebrava a refeição da Páscoa. A partir daí, e posta em curso a distribuição, o alimento vai saciar todos e ainda sobra. São recolhidos doze cestos cheios porque o desperdício dos restos é algo biblicamente condenável e os judeus, ciosos dos costumes de purificação também aplicados à alimentação, carregam habitualmente consigo cestos e outros utensílios semelhantes para zelar que tudo seja feito com higiene. O texto diz-nos ainda que cinco mil homens contados comeram daquela refeição, porque as mulheres e crianças não se sentavam com os homens. Na prática, muito mais de cinco mil foram satisfeitos pelo milagre da multiplicação dos pães e dos peixes. O texto deste milagre ajuda-nos a ter uma perspectiva certa do descanso. E, por consequência, do trabalho. Se vivermos o descanso como desforra do trabalho, vamos perder nos dois. Se vivermos o descanso como celebração do trabalho, vamos ganhar nos dois. E ficaremos inclinados para descobrir que o trabalho, sendo o padrão do próprio Deus, é uma

oportunidade de participarmos na sua criatividade. Devemos estar mais inspirados para trabalhar!

O texto deste milagre ajuda-nos a ter uma perspectiva certa do ensino. E, por consequência, da aplicação desse ensino: podemos falar também em termos de uma relação apropriada entre saber e ser. Se vivermos o ensino separado da prática, vamos perder nos dois. Se vivermos o ensino como parte fundamental da prática, vamos ganhar nos dois. E ficaremos inclinados para descobrir que o ensino, sendo um padrão do relacionamento de Cristo com os que o seguiram, é uma oportunidade de participarmos na nova personalidade que provoca. Devemos estar mais inspirados para ensinar e aprender! O texto deste milagre ajuda-nos ainda a ter uma inclinação para a satisfação. Uma multidão esforça-se atleticamente para acompanhar Jesus numa hora inapropriada (porque seria para descanso da equipa apostólica), e isso provoca nele compaixão. Porque Deus está sensível, podemos ser ensinados. Quando somos ensinados, somos igualmente satisfeitos. O Senhor recompensa a nossa vontade com o amor que tem por nós, expresso neste episódio enquanto alimento. O nosso maior alimento é, sem sombra de dúvida aqui, a misericórdia de Deus.

Deus cuida de nós quando nos manda descansar, quando nos ensina e quando nos alimenta.

---

8 de Janeiro de 2011.

17

QUANDO O CORAÇÃO NÃO SENTE, A CABEÇA NÃO PENSA



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 6:45-56: “45 Logo a seguir, compeliu Jesus os seus discípulos a embarcar e passar adiante para o outro lado, a Betsaida, enquanto ele despedia a multidão.46 E, tendo-os despedido, subiu ao monte para orar.47 Ao cair da tarde, estava o barco no meio do mar, e ele, sozinho em terra.48 E, vendo-os em dificuldade a remar, porque o vento lhes era contrário, por volta da quarta vigília da noite, veio ter com eles, andando por sobre o mar; e queria tomar-lhes a dianteira.49 Eles, porém, vendo-o andar sobre o mar, pensaram tratar-se de um fantasma e gritaram.50 Pois todos ficaram aterrados à vista dele. Mas logo lhes falou e disse: “Tende bom ânimo! Sou eu. Não temais!”51 E subiu para o barco para estar com eles, e o vento cessou. Ficaram entre si atónitos,52 porque não haviam compreendido o milagre dos pães; antes, o seu coração estava endurecido.53 Estando já no outro lado, chegaram a terra, a Genesaré, onde aportaram.54 Saindo eles do barco, logo o povo reconheceu Jesus;55 e, percorrendo toda aquela região, traziam em leitos os enfermos, para onde ouviam que ele estava.56 Onde quer que ele entrasse nas aldeias, cidades ou campos, punham os

enfermos nas praças, rogando-lhe que os deixasse tocar ao menos na orla da sua veste; e quantos a tocavam saíam curados."

Depois da multiplicação dos pães, Jesus obriga os discípulos a passarem para a outra margem do mar, talvez para se vingar do descanso que queria dar-lhes e não conseguiu. O certo é que quer usar o seu tempo privado para orar. Um tempo que iria do fim da tarde e entrava pela noite dentro, visto que terá sido entre as três e as seis da manhã quando se decidiu a ir ter com os discípulos. Jesus sobe ao monte e fala com Deus. É novamente a nossa noção da humanidade e da divindade de Jesus que se aprofunda perante estes textos — ao orar, Jesus mostra necessidade e prazer na relação com Deus Pai através do Espírito Santo. Jesus é Deus e Jesus é homem, e a procura dessa intimidade com o Pai é também um dos exemplos desta identidade extraordinária. Não deve admirar-nos que subtraísse a algo tão sagrado como o descanso para que nessa sintonia humana e divina pudesse permanecer.

Sabemos através do Evangelho de João (6:15) que a multidão, deslumbrada pelo milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, quis fazer de Jesus seu rei. Há elogios que são piores que censuras, e Cristo fugiu desse fanatismo. No fundo, nesse suposto elogio de quererem fazer de Jesus o seu rei, a multidão mostrava que o seu querer estava acima do querer de Jesus. Aquela multidão estava menos interessada em ir ao encontro de Jesus e mais interessada em que Jesus fosse ao encontro das suas causas prévias. No Evangelho de João, Jesus desenvolve um diálogo com aquelas pessoas que, no final, se traduz em abandono de grande parte delas. Marcos não tem a mesma preocupação de mostrar todo este desencontro, mas vale a pena referir que não era apenas da opressão romana que o Filho de Deus queria livrar os seus filhos. Mais do que alimentar as causas dos que se encontram com Jesus, Jesus quer ser a causa daqueles que com ele se encontram. Não sabemos se esta pressa da multidão em querer tornar Jesus rei o terá desanimado no momento em que se recolheu ao monte, mas é

possível. O contraste (nos versículos 47 e 48) entre os discípulos no meio do mar e Jesus em terra vai ser superado pela atitude do Mestre que, ao vê-los em aflição, resolve ir ter com eles, andando sobre o mar. Com toda a familiaridade que podemos ter com este texto, não devemos deixar de sentir a graça aqui presente. Talvez Jesus tivesse despachado os discípulos, já planeando o meio de transporte peculiar que usaria, ou talvez tenha sido mesmo uma ideia de última hora. O texto bíblico não nos diz. O que deve surpreender-nos é a maneira tão natural de Marcos de narrar uma ação tão sobrenatural. Andar por cima do mar. Por que não? Afinal estamos a falar daquele que, ao chegar, pode mudar qualquer coisa.

Talvez nos choque ver que os discípulos de Jesus acreditavam em fantasmas (o mesmo termo que usa Lucas para referir a primeira aparição de Cristo após a ressurreição). O certo é que é o grito mais sincero deles que revela todo o medo que sentem, com mistura de superstição e tudo. Devemos reconhecer que o contexto é, de facto, assustador. Meio do mar, vento forte, treva total, um vulto que se aproxima sob a forma humana — quem é que ia estar descontraído? Até quem não acreditava em fantasmas passava a acreditar.

Jesus, muito mais que celebrando um susto estupendamente bem pregado, acalma os discípulos e apela a que não tenham medo. Quantas vezes o Mestre repetirá esta recomendação de coragem? A sua frequência só revela que passamos mesmo a maior parte da nossa vida com medo. Cada momento de medo mostra que na prática nos comportamos como se Deus estivesse ausente. Devemos sentir que as palavras de Jesus naquela altura são também para nós: “Não temas.” Quando Jesus sobe para o barco, o vento cessa (recordando o episódio de quando a tempestade foi sobrenaturalmente acalmada), e, novamente, os discípulos parecem mais assustados no fim do que no início — estão atónitos.

Mateus (no capítulo 14 do seu Evangelho) conta que os discípulos o adoram e declaram: “Verdadeiramente és o Filho de

Deus!” Aliás, Mateus amplia a narrativa pormenorizando que Pedro tenta ir ter com Jesus começando a andar sobre a água, mas que logo, com medo da força do vento, temeu e naufragou. Por que razão Marcos, o evangelista que relata a experiência do próprio Pedro, não conta esta parte? Será que Pedro tinha vergonha deste episódio? Talvez sim, talvez não. Não vale a pena especular muito.

Há outra particularidade interessante desta história quando contada por Marcos: há uma ligação entre a reação dos discípulos a este milagre, de Jesus andar sobre a água, e o milagre anterior da multiplicação dos pães — em ambos, os discípulos não compreendem o que está em causa. O que pode sobressaltar-nos: afinal, o que é que é difícil de compreender no milagre da multiplicação dos pães? Diznos, no entanto, o texto (no versículo 52) que a dureza de coração dos discípulos é o tal elemento que lhes impede a compreensão. Ou seja, o facto de convivermos de perto com as maravilhas que Cristo faz não garante que compreendamos o que é fantástico nessas maravilhas. Novamente: há um fantástico no que é fantástico que pode escapar a quem está perto. Se quisermos, a palavra parece indicar-nos que uma coisa é presenciar milagres, outra é aceitá-los no coração. Os discípulos tinham assistido ao milagre da multiplicação dos pães e dos peixes, mas não o tinham interiorizado.

Quando chegam a Genesaré, já o território está suficientemente espicaçado para que a atividade de Cristo seja imparável. As cenas tornam a ser cómicas, com enfermos carregados em macas de lugar para lugar, onde se suspeitasse que a comitiva de Jesus passasse. O detalhe (do versículo 56) é relevante, referindo a convicção popular de que seriam curados se ao menos tocassem na sua roupa. A verdade é que essa presunção de fé é recompensada, confirmando o texto que os que a tocavam saíam curados. Voltamos a observar que a vontade das pessoas que buscam Jesus não é adormecida, mas convida a que Deus responda. A compaixão divina

não é para os preguiçosos. Deus honra o esforço de a ele se chegar.

Concordam os estudiosos que estaríamos próximos do final do ministério de Jesus na Galileia. Em termos cronológicos, no Evangelho de João seguir-se-á o episódio de Jesus na sinagoga de Cafarnaum, falando sobre ser o pão de Deus, e permitindo um ciclo completo junto com a multiplicação dos pães, que evocava simultaneamente as esperanças que Israel tinha a partir da memória de Moisés. Esse discurso, como já vimos, será ouvido como demasiado duro e muitos discípulos abandonarão o Mestre. Uma coisa é ir atrás dos milagres de Jesus, outra é ir atrás do seu ensino. Quanto mais Jesus se revela em milagres, mais se revela em ensino. Nem todos se sentem capazes de acompanhar o impacto dessa combinação. Afinal de contas, o que Jesus mostra em ensino chega ao ponto de desanimar quem o seguiria só à conta dos milagres. E nós, somos assim tão diferentes? A palavra parece indicar-nos que uma coisa é ter milagres na carne, outra é tê-los no coração. E, nesse sentido, ser ensinado por Jesus é ter os seus milagres no coração.

Como podemos aplicar este texto bíblico à nossa vida? Levantemos para nós próprios a suspeita de repetirmos o padrão negativo dos discípulos perante mais um milagre de Cristo. Quão duro pode estar o nosso coração? Que milagres pode estar Deus a fazer que, presenciando-os nós, rejeitamos na nossa compreensão? Seremos ingénuos se pensarmos que a mera exposição física à ação de Deus implica a nossa aceitação. A tarefa de lutar por uma boa compreensão do que Deus faz deve culminar no nosso coração. Por isso, continuamos crendo que compreender é importante para sentir. E sentir, importante para compreender. Quando o coração não sente, a cabeça não pensa. Neste episódio, os discípulos compreendem mal porque sentem mal, tendo o coração endurecido. Se estamos próximos de Cristo, acompanhando-lhe a ação, teremos certamente a nossa compreensão tão alargada quanto o nosso

sentimento. Deus não está interessado em conquistar-nos parcialmente. Deus está a transformar-nos em absoluto.

Que o Senhor nos ajude.

---

15 de Janeiro de 2012.

18

O LEGALISTA É UM ATOR



Diz a palavra em Marcos 7:1-13: “1 Ora, reuniram-se a Jesus os fariseus e alguns escribas, vindos de Jerusalém.2 E, vendo que alguns dos discípulos dele comiam pão com as mãos impuras, isto é, por lavar3 (pois os fariseus e todos os judeus, observando a tradição dos anciãos, não comem sem lavar cuidadosamente as mãos;4 quando voltam da praça, não comem sem se aspergirem; e há muitas outras coisas que receberam para observar, como a lavagem de copos, jarros e vasos de metal [e camas]),5 interpelaram-no os fariseus e os escribas: “Por que não andam os teus discípulos de conformidade com a tradição dos anciãos, mas comem com as mãos por lavar?”6 Respondeu-lhes: “Bem profetizou Isaías a respeito de vós, hipócritas, como está escrito: ‘Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.7 E em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.’8 Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens.”9 E disse-lhes ainda: “Jeitosamente rejeitais o preceito de Deus para guardardes a vossa própria tradição.10 Pois Moisés disse: ‘Honra a teu pai e a tua mãe’; e: ‘Quem maldisser a seu pai ou a sua mãe seja punido de morte.’11 Vós, porém, dizeis: ‘Se um homem disser a seu pai ou a sua mãe: Aquilo que poderias aproveitar de mim é Corbã, isto é, oferta para o Senhor’,12 então, o

dispensais de fazer qualquer coisa em favor de seu pai ou de sua mãe,13 invalidando a palavra de Deus pela vossa própria tradição, que vós mesmos transmitistes; e fazeis muitas outras coisas semelhantes.""

Depois da festa da Páscoa, os fariseus e os escribas estavam em condições de regressar da capital e voltarem a concentrar-se na sua tramoia contra Jesus. Em Jerusalém, o ódio por Cristo seria algo que contrastava com a popularidade que ele ganhava na Galileia. Neste momento, a aversão a Jesus é sobretudo das elites e dos religiosos, ao passo que as multidões populares são atraídas por ele. Com a estratégia que se espera das pessoas que são privilegiadas pela maior formação que puderam ter, qualquer pretexto é bom para encurralar Jesus. Aproveitam agora o facto de os discípulos de Jesus comerem sem respeitar os princípios de pureza cerimonial. As mãos sujas dos discípulos não o seriam no sentido de estarem necessariamente imundas, mas sobretudo por comparação com os rituais extremos que os fariseus e escribas seguiam. E Marcos, que escreve para o comum cidadão romano, aproveita para contextualizar esse enquadramento religioso, agora que os escribas e fariseus servem de um tipo de discípulos, que são eles, e os apóstolos servem de outro tipo de discípulos, que são os de Jesus. Temos uma luta entre discípulos diferentes, pode dizer-se.

Os critérios de limpeza cerimonial chegavam a ser obsessivos. A pessoa que lavava as mãos fazia-o pelo menos até ao cotovelo, fechando o punho de uma mão para esfregar energicamente a outra (a origem da palavra "empenhar"). Chegava-se mesmo a esticar os braços para cima para impedir que a água usada na lavagem regressasse aos pulsos e à mão. Para as pessoas do Médio Oriente, que comem com as mãos, o rigor era elevado e complexo. Existia diferença entre a lavagem cerimonial (as mãos são mergulhadas na água) e a normal (a água é vertida sobre as mãos). Os homens da religião expunham-se às lavagens mais elaboradas, esperando o mesmo de qualquer seguidor de um rabi. Os discípulos

de Jesus, em comparação, mostravam-se demasiado relaxados. Para os escribas e fariseus, ser espiritualmente limpo era ser ritualmente minucioso — a santidade via-se à mesa, e a falta de cuidado na comida era sinal de falta de consistência na fé. No fundo, os fariseus e escribas eram picuinhas com aquilo que, efetivamente, consideravam fundamental. Daí que a resposta de Jesus não siga os aspectos técnicos da limpeza, mas a origem do problema. É possível cumprir as regras ao mesmo tempo que se constrói indiferença ao princípio que as originou. Jesus sabe que a verdadeira correção está no coração. Jesus tem um mapa diferente do dos ritualistas.

Ter um procedimento sem olhar para o seu princípio tem, para Jesus, um nome: hipocrisia. No grego, “hipócrita” era o ator que se escondia atrás de uma máscara. Do mesmo modo, toda a elaborada obediência às lavagens cerimoniais (que passava pelos objetos, pelos utensílios e pela mobília) servia de escudo para aquilo que no interior não era lavado. Se os fariseus e escribas eram capazes de, ao regressar do mercado, tomarem um banho completo para remediarem a possibilidade de terem estado em contato com alguém que fosse impuro, eram, por outro lado, incapazes de se abrirem a uma purificação interior. Por isso, Jesus segue imediatamente para o alvo da sua persuasão: “Este povo honra-me com os lábios, mas o seu coração está longe de mim.” Lavam a boca, mas não têm a alma lavada. O legalista é um belo ator.

A citação vem do Profeta Isaías, exemplo de que o Senhor luta com os fariseus no terreno onde eles se tinham apresentado — as Escrituras. Assim, Jesus, em cada discussão que parte dos textos sagrados, sublinha que a mensagem que ele prega não devia ser novidade para os seus adversários, tão acostumados que estão à lei. Os adversários de Cristo não recebem lições a partir de uma pedagogia que lhes é estranha, pelo contrário. A didática é a que já sustentava o Velho Testamento. O problema é que os escribas e fariseus constroem uma doutrina errada a partir do princípio certo de

adoração a Deus. “Em vão me adoram, ensinando doutrinas que são preceitos de homens.” E quando, a partir do bom princípio de adorar a Deus, construímos doutrinas que são nossas, acabamos a não louvar Deus, mas outra coisa qualquer — provavelmente, nós próprios. Jesus está a vencer o inimigo nas regras que eles próprios sugeriram, as Escrituras, para lhes mostrar que eles se adoram a si mesmos e não a Deus.

Uma doutrina errada nunca permite uma adoração certa. Os fariseus alimentam, a pretexto de rituais de purificação, uma visão distorcida de Deus. No fundo, adorando a Deus, adoravam-se a si próprios. Os padrões de extrema higiene dos fariseus não eram construídos a partir da afeição que sentiam por Deus, mas a partir da afeição que sentiam por si próprios quando alcançavam esses mesmos padrões. Era uma espécie de jogo viciado com resultados muito gratificantes para a auto-estima do jogador. É óbvio que o legalista não quer permitir que a lei seja quebrada. Não tanto pelo que aprende na lei acerca de Deus, mas mais pelo que, no cumprimento exterior dessa lei, se protege dele. Há modos de cumprir a lei que são modos de não ter nada a ver com o verdadeiro legislador. E é precisamente esta imagem de santidade contrabandeada que Jesus desfaz na presença deles. “Negligenciando o mandamento de Deus, guardais a tradição dos homens” — cumprindo a lei no seu procedimento, não a cumprem no seu princípio.

Jesus oferece um exemplo prático. A partir da expectativa gerada pelo quinto mandamento, “honra a teu pai e a tua mãe”, os fariseus e os escribas permitiam que as pessoas que declarassem não ter mais nada além da oferta para Deus, o “corbã”, podiam ficar isentas de ajudar os próprios pais. E, a partir daí, usar essa mesma reserva para si próprios. Ou seja, uma das confirmações de que o legalismo era mesmo um grande teatro era este exemplo em que, usando o pretexto de honrar o Pai do Céu, não se ajudavam os pais da Terra — os escribas e fariseus eram profissionais nestas artimanhas

pintadas pelo verniz religioso. Neste caso concreto, ficava destapado o truque dos religiosos, sagazes a fazer das tradições sagradas um escudo para não terem de obedecer a Deus. Jesus passa então a explicar que o pecado está no coração do homem e não na prática externa dos costumes. Mas isso veremos no próximo sermão.

Apliquemos isto à nossa vida.

Não devemos subestimar a nossa própria inteligência em fazer da religião uma maneira irreligiosa de viver, em fazer das regras um pretexto para uma vida sem elas. Muitas vezes, quão mais sofisticada é a nossa fé, mais distraída fica do essencial. Vale a pena deixar claro que não procuramos um lugar para tornar o nosso cristianismo mais complexo, mas o contrário. À medida que lemos a palavra, somos mais convencidos pelas verdades exigentes, mas simples. E reconciliamo-nos com uma visão de nós próprios muito mais elementar. Porque as coisas realmente difíceis já foram tratadas por Cristo. Nesse sentido, complicar é trair.

Por último, pensemos neste exemplo da família. Que tipo de insensibilidade podemos alimentar em relação aos nossos próprios pais usando truques religiosos? O cuidado com aqueles que cuidaram de nós é um sinal bastante objetivo do que valorizamos nessa herança. Para simplificar: filhos cristãos pouco agradecidos aos seus pais são cristãos pouco cristãos. A avareza dos escribas e fariseus era a prova mais flagrante da sua adoração vazia. Se temos as mãos fechadas para os que precisam de nós, tudo fica dito acerca do louvor que, na verdade, não prestamos a Deus. O Evangelho de Marcos também nos ajuda a compreender que a família é um terreno de extraordinário teste à nossa fé.

Que o Senhor nos ajude.

---

22 de Janeiro de 2012.

19

O MAL VÊ-SE POR DENTRO



VOLTAMOS AO QUE A PALAVRA JÁ NOS DISSE no sermão passado, avançando um pouco em Marcos 7:14-23: “14 Convocando ele, de novo, a multidão, disse-lhes: “Ouvi-me, todos, e entendei.15 Nada há fora do homem que, entrando nele, possa contaminá-lo; mas o que sai do homem é o que o contamina.”16 [Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça.]17 Quando entrou em casa, deixando a multidão, os seus discípulos o interrogaram acerca da parábola.18 Então, lhes disse: “Assim vós também não entendeis? Não compreendeis que tudo o que de fora entra no homem não pode contaminá-lo,19 porque não lhe entra no coração, mas no ventre, e sai para lugar escuso?” E, assim, considerou ele puros todos os alimentos.20 E dizia: “O que sai do homem, isso é o que o contamina.21 Porque de dentro, do coração dos homens, é que procedem os maus desígnios, a prostituição, os furtos, os homicídios, os adultérios,22 a avareza, as malícias, o dolo, a lascívia, a inveja, a blasfémia, a soberba, a loucura.23 Ora, todos estes males vêm de dentro e contaminam o homem.””

Partindo de onde ficámos no sermão passado, estamos perante uma resposta cortante de Jesus a uma acusação lançada pelos fariseus e escribas. A classe religiosa, incomodada pelo trabalho de Cristo em popularidade crescente na Galileia, deseja colocar em

causa a sua autoridade. Para isso, pega no modo como os discípulos dele se comportam. Havia um grande desfasamento entre a maneira como os discípulos de Jesus demonstravam ausência de zelo perante as leis cerimoniais e a maneira dos fariseus e escribas, ultra-rigorosos nos cuidados de purificação que tinham complicado a partir do Velho Testamento. No fundo, também parece que Jesus lança uma crítica geral e arrasadora àquilo que o Talmude veio a representar (apesar de não ser o nosso propósito aqui comparar cristianismo com o judaísmo pós-bíblico). A provocação de Jesus é que os fariseus e escribas guardavam a tradição de homens para invalidar a palavra de Deus (no passado versículo 13), um truque útil de mascarar com religião um coração distante do Criador. Estes religiosos estão a usar os discípulos de Cristo para atingir o Mestre, e o Mestre não se fica[2].

Neste arrasador comentário de Jesus há dois esclarecimentos importantes. O primeiro é que um ritual, por bem-intencionado que seja, é inútil quando desligado do coração. O segundo é que, na realidade, os fariseus e escribas partiam do seu estatuto de autoridade religiosa para impor regras que não eram legítimas. Transmitiam meras tradições de homens, não aprovadas por Deus. Por causa disso, a saída de cena deles é feita debaixo de um diagnóstico de hipocrisia e abuso de poder. Cuidado com a maneira como nos metemos com o Messias. A resposta dele às nossas certezas pode ser devastadora. Sai-se completamente à mostra.

Agora é a vez de Jesus tomar a iniciativa. Chama a multidão e pede-lhes a atenção: “Não se distraiam e ouçam-me.” Já que o assunto foi despoletado, ainda que por astúcia, vai ser levado até ao fim, numa preciosa lição de entendimento e exame. O professor vai aproveitar a pergunta dos alunos maus. Fiquem sabendo, podemos escutar Jesus explicar que não é o que entra, mas o que sai, que contamina. Se alguém tem ouvidos para ouvir, ouça. Conhecemos esta frase, que pede por uma vontade viva em quem escuta. Só

nesta breve aula há matéria suficiente para reavaliar toda a nossa concepção acerca do que o mal é, e de qual o nosso papel nele.

É possível que a casa mencionada no versículo 17 fosse, uma vez mais, a de Pedro, base provável do ministério de Jesus na Galileia. É o lugar onde geralmente a intimidade com os discípulos dava para desenvolver e expandir a compreensão deles. É aí que, mais uma vez e segundo o texto, os discípulos vão interrogá-lo acerca do significado da parábola. A resposta de Jesus ao pedido de esclarecimento é reveladora: ele não conta com que os discípulos entendam tudo, mas também não conta com que eles não entendam nada. Quando Jesus suspira a frase “Assim vós também não entendeis?”, há possivelmente uma censura e uma impaciência. O que só mostra que aquilo que estava em causa não era coisa fácil — saber que o mal não vem de fora, mas de dentro, coloca em causa a vida dos que não seguem Jesus e dos que seguem.

Não é apenas para os fariseus e escribas que é chocante ouvir que a verdadeira fé em Deus não depende daquilo que fazemos. Os próprios discípulos também se sentem fora de pé. No fundo, esta lição de Jesus é tão complicada de ser aceite pelos inimigos como pelos amigos. O estrondo provocado por este ensino é enorme. E nós, dois mil anos depois, também não devemos colocar-nos fora da área de impacto. Se o Messias estilhaça a ordem da crença dos fariseus, escribas e discípulos, talvez possa querer fazer o mesmo conosco.

Aquilo que aquela cultura farisaica tinha como impuro era sobretudo a comida. E Jesus não está necessariamente a desprezar a importância dessa valorização cultural, que a própria lei mosaica instituía. Simplesmente está a mostrar a ineficácia da lei em oferecer um coração justo (o grande tema de Paulo, por exemplo, na Carta aos Romanos). O raciocínio é simples: a comida entra, mas fica no ventre, na barriga. Não chega ao coração. Pelo contrário, é deitada fora através dos nossos órgãos. E isso, sim, é o

que é sujo. Os alimentos entram bonitos e cheirosos, e saem feios e fétidos. A equiparação é óbvia, e diz que os nossos excrementos são como aquilo que dentro de nós é espiritualmente imundo e, neste caso, sai para fora pelo coração. A pedagogia de Cristo é aqui algo primária, mas, na sua veemência, declara que havendo latrina (um dos significados literais usados nestes versículos), ela está no coração do homem.

O Mestre exemplifica a força do seu argumento através de uma lista de treze pecados. De alguma maneira, esta lista representa que a nossa criatividade para pecar é virtualmente inesgotável. Maus pensamentos, adultérios, prostituições, homicídios, furtos, avareza, maldades, enganos, dissolução, inveja, blasfémia, soberba e loucura. Mais que elaborar um quadro rigoroso de todos os pecados possíveis, Jesus parece reforçar o argumento de que não há um único pecado que seja praticado que não tenha origem no coração do homem. O que está em causa é consolidar a ideia de que é o nosso interior a origem do problema do mal. Podemos esforçar-nos para pensar em alguma coisa que seja má e tenha uma origem externa, mas é impossível. A maldade humana não é um fator de influência, mas de incubação (literalmente, de chocar os ovos). O mal vê-se por dentro.

Apliquemos isto à nossa vida.

1. Os discípulos, defendidos por Jesus do ataque fariseu, também acusam desconforto na compreensão daquilo que é uma fé sincera. Os discípulos de Jesus não estão numa posição moral vantajosa em relação aos outros. Ninguém é discípulo de Jesus por ser bom. A bondade que está em causa, na relação entre Jesus e os seus discípulos, é a dele e não a deles. O bom de ser discípulo de Jesus vem da pessoa que é seguida, e não da pessoa que segue. Cabe-nos o mesmo a nós, que estamos na mesma aventura de seguir o Filho de Deus: procurar um tipo de entendimento que

poupe a impaciência e censura que o Messias mostrou neste episódio. Eu não gostaria de ouvir: “Ainda não entendeste, Tiago?” Mas, provavelmente, vou ter de ouvi-lo várias vezes ao longo da minha vida de discípulo de Jesus. Neste sentido, quem segue Jesus tem a sua compreensão desconfortada.

2. É urgente ter uma compreensão bíblica do que o pecado é e de como ele acontece conosco. A religião arrogante dos fariseus e escribas resulta de uma ignorância da sua real miséria espiritual, disfarçada entre rituais. O mesmo funciona para nós. É mau sinal se formos muito bons a elaborar grandes esquemas de como somos supostamente santos e, depois, nos mostrarmos completamente desfamiliarizados com os nossos pecados. A santidade a sério é conscientíssima do mal no santo. A ausência da prática da confissão do pecado é o segredo de uma hipocrisia constante. Neste sentido, quem segue Jesus tem consciência do pecado.
3. O pecado é uma coisa que tendemos a acarinhar, mesmo inconscientemente. Não há mal que façamos visivelmente que antes não tenha sido nutrido em segredo (o exemplo de David no Salmo 19:12 é precioso, ao declarar que alguns pecados são tão íntimos que não são detectados intelectualmente). A graça de Jesus é maravilhosa: até sobre o mal mais tricotado nas nossas entranhas, Cristo é capaz de lançar luz. Neste sentido, seguir Jesus é ter o nosso pecado colocado à luz do Sol.

Estes homens, inimigos e amigos de Jesus, têm visto tanta coisa fantástica, mas continuam cegos para tanta coisa dentro deles próprios. O fantástico além do fantástico talvez esteja relacionado com isto. Passa por uma consciência profunda de que a nossa maior inadequação não está cá fora, onde os milagres físicos curam

tudo. O fantástico além do fantástico coloca-nos a descobrir que a cura mais urgente é a que sara as doenças do nosso coração.

Que o Senhor nos ajude.

---

29 de Janeiro de 2012.

20

CÃES E PÃES



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 7:24-30: “24 Levantando-se, partiu dali para as terras de Tiro [e Sidom]. Tendo entrado numa casa, queria que ninguém o soubesse; no entanto, não pôde ocultar-se,25 porque uma mulher, cuja filhinha estava possessa de espírito imundo, tendo ouvido a respeito dele, veio e prostrou-se-lhe aos pés.26 Esta mulher era grega, de origem sirofenícia, e rogava-lhe que expelisse de sua filha o demónio.27 Mas Jesus lhe disse: “Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.”28 Ela, porém, lhe respondeu: “Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.”29 Então, lhe disse: “Por causa desta palavra, podes ir; o demonio já saiu de tua filha.”30 Voltando ela para casa, achou a menina sobre a cama, pois o demónio a deixara.”

E Jesus foi ao estrangeiro. Em pleno território pagão, o Mestre está na Fenícia procurando aquilo que o seu país ainda não conseguiu oferecer-lhe: descanso. A. T. Robertson escreveu que “havia demasiada excitação no povo, demasiada amargura nos fariseus, demasiada suspeição de Herodes Antipas e demasiada preguiça dos discípulos, impedindo que permanecesse na Galileia”. Jesus sente-se exausto e sair das fronteiras da sua terra seria o melhor plano de fazer acontecer o bendito recolhimento que há

tanto procura sem sucesso. Até agora, o Evangelho de Marcos mostra-nos que, sempre que Jesus tentou descansar, houve novos encontros que não deixaram.

Tiro seria uma cidade tão ou mais populosa que Jerusalém e representava para os judeus a origem de influências negativas, recordadas, por exemplo, na origem de Jezabel, que se casou com o pior rei de sempre da história de Israel, Acabe. Na prática, Jezabel era ainda pior do que o seu marido e acabou profanada numa das mortes mais violentas de toda a Bíblia, sendo o seu cadáver comido por cães. É interessante reparar que, por mais dissociada que estivesse de Israel, Tiro era sensível à popularidade de Jesus. O Mestre vai para lá e procura esconder-se dentro de casa, em vez de se mostrar ao povo.

Para lermos este texto, aproveitaremos alguns movimentos pendulares que ele nos permite. O primeiro, já iniciado nesta vontade de Jesus se afastar das multidões, será completado no aparecimento desta mulher siro-fenícia. O segundo terá começo na resposta aparentemente hostil de Jesus a ela e culminará na ousada contra-resposta que recebe. O momento derradeiro será o resultado dos tais dois movimentos pendulares. A partir desta análise, tentaremos buscar lições para nós, que nos abeiramos desta palavra, enquanto cristãos que se aproximam dela individual e comunitariamente.

Se, por um lado, Jesus parece não querer grandes encontros, são os encontros que vão até ele. Aparece a mulher siro-fenícia. Mateus conta este episódio com outro detalhe (no capítulo 15 do seu Evangelho). No entanto, o próprio Marcos dá-nos alguns pormenores interessantes. Esta mulher, que impossibilita que Jesus descanse (mais uma tentativa, mais uma desilusão…), era grega de religião. Quando se diz “grega de religião”, deve ter-se presente que os judeus, depois de séculos de governo grego sobre toda a Palestina, designavam como gregas todas as religiões gentias. Esta mulher era também síria de língua, embora devesse falar nesta

circunstância em grego, e fenícia de etnia (não confundir com os fenícios do Norte de África). Além da insistência que esta mulher mostra, própria de uma mãe preocupada com uma filha sob o poder demoníaco, lança-se aos pés de Jesus, demonstrando uma mistura de reverência e teimosia (o uso do verbo na forma imperfeita demonstra a continuidade do pedido que faz ao Mestre — ela não se cala). A mulher siro-fenícia é um caso raro de carência e combate.

É impressionante esta combinação da mulher: por um lado teima, por um lado reverencia. Por um lado grita, por outro prostra-se aos pés da pessoa a quem pedincha. O modo como esta mulher se apresenta deve tocar-nos. A mulher siro-fenícia é um caso raro da manifestação simultânea destes tais dois elementos que geralmente separamos: carência e combate. A mulher está desesperada, pedindo por cura para a sua filha endemoninhada. Mas, ao mesmo tempo, vai mostrar que, por se mostrar dependente da pessoa a quem pede a solução, Jesus, não significa que aceita uma qualquer resposta negativa. Esta mulher precisa de uma resposta de Jesus, mas não aceita uma qualquer. Este também não é um encontro qualquer.

Após o primeiro movimento do pêndulo, que foi o de Jesus querer descanso no estrangeiro, desejo esse frustrado pela intromissão da mulher siro-fenícia, a resposta aparentemente hostil de Jesus serve de segundo movimento no sentido oposto: “Deixa primeiro que se fartem os filhos, porque não é bom tomar o pão dos filhos e lançá-lo aos cachorrinhos.” É mesmo uma guinada no texto. Jesus acabou mesmo de dizer isto? Parece inacreditável. Jesus acabou de insinuar que a mulher siro-fenícia está ao nível de um cão?

Ao contrário dos nossos dias, a sociedade judaica não gostava de cães. O Velho Testamento dá-nos conta de os cães serem considerados uma praga vagueando pelas cidades do Médio Oriente (por exemplo, em 1 Reis 14:11), e frequentemente eram um

termo de comparação para os gentios, tidos como impuros. É certo que o termo aqui usado é “cachorrinhos”, a versão canina que podia existir nos lares judeus. Tal como hoje, naquela altura os cachorrinhos podiam ser companheiros inseparáveis das crianças. Por isso, Jesus não estava propriamente a chamar “cão” àquela mulher. O que não podemos contornar é que, para todos os efeitos, ele estabeleceu uma diferenciação. A sua prioridade é para os judeus. Os gentios vêm depois. Mas esta mulher não é de se ficar.

“Sim, Senhor; mas os cachorrinhos, debaixo da mesa, comem das migalhas das crianças.” Chamamos a isto descaramento? Chamamos coragem? Chamamos inconsciência? Pode ser um pouco dos três. Mas, nesta resposta da mulher, há pelo menos um ingrediente que faz parte do verdadeiro louvor. E não esqueçamos que esse louvor já tinha feito parte desta cena, quando a mulher assumiu o seu lugar inicial literalmente aos pés de Jesus. Que ingrediente é esse que faz parte do verdadeiro louvor? Chamemos-lhe uma lucidez excitada. Essa lucidez excitada está ligada à mistura que já mencionámos, de carência e combate. O louvor verdadeiro é feito disto: uma afirmação da realidade tal como ela é. Mas, ao invés de ser apenas uma constatação monótona de factos, é uma afirmação da realidade que se entusiasma com o que afirma. O que é o louvor senão isso? Deus existe? Claro! E daí? Daí?! Deus existe! Perceber a sua existência é necessariamente celebrá-la. A mulher siro-fenícia é na Bíblia uma explosão indomável de adoração.

Aquela mulher pagã não se satisfaz com uma negativa de Jesus, o que nos agita a nós, que a lemos e provavelmente nos sentimos distantes do seu arrojo, mas que também terá agitado o próprio Jesus. Wuest comenta que “o amor aguça a razão” e, com mais ou menos consciência da divindade de Cristo (o Senhor aqui usado não seria necessariamente teológico, mas resultado do reconhecimento de um poder superior, do qual a mulher dependeria totalmente para ver concretizado o seu desejo), o desassombro da insistência desta

mulher vai compensar. Após os dois movimentos em sentidos opostos, o resultado é o melhor possível. Jesus é sensível à lucidez excitada da mulher. “Por causa desta palavra”, por esse tipo de louvor, “podes ir, o demónio já saiu de tua filha”. Como notava Matthew Henry, até à distância Deus vence o Diabo, e quando a mulher volta a casa já pode contemplar o milagre concretizado. Sabemos que Deus é Deus e que os homens são os homens. Cremos que o que Deus estabelece os homens não têm como desfazer. Mas a soberania de Deus nas Escrituras não é uma ação estática. Deus cumpre a sua vontade pedindo uma vontade dos homens. Neste episódio, Jesus cura porque quer e isso está intimamente associado ao facto de a mulher querer a cura da sua filha. Não podemos separar os dois elementos. Uma mãe inspirada e confiante deu, nas mãos de Jesus, uma filha curada.

Apliquemos isto à nossa vida entendendo que, até nos antagonismos, vale a pena ir ao encontro de Jesus. A mulher siro-fenícia bate-se para manter-se em cena e Cristo não lhe facilita o papel — e isso não é mau. Dependermos de Deus, como a mulher arriscou depender, não é desistirmos de nós. Ou, pelo menos, é desistirmos de nós enquanto nossos próprios salvadores, mas não desistirmos de nós enquanto pessoas que vão até ao Salvador Jesus. A insistência que queremos elogiar na mulher siro-fenícia não está no seu poder, mas no poder de Jesus. Tim Keller coloca as coisas assim: “A mulher não diz: “Senhor, dá-me o que mereço com base na minha bondade, mas dá-me o que não mereço com base na tua vontade.”” Enquanto cristãos, somos pessoas que não fazem da sua dependência de Deus uma autodepreciação. A nossa vontade é importante e foi essencial para que Jesus respondesse à mulher. O tipo de auto-estima que Deus nos pede não é uma desvalorização das nossas necessidades e vontades. Mas é uma valorização das nossas necessidades e vontades a partir de Jesus.

Em segundo lugar, quanto mais conhecemos Cristo, melhor compreendemos que ele não nos deve nada. Nada. E quanto mais

compreendemos que Cristo não nos deve nada, mais lhe agradecemos qualquer coisa. Isto salda-se em louvor. Em louvor mais aceso. Há uma ironia: quanto mais compreendemos que Deus não nos deve nada, mais lhe pedimos com base na sua misericórdia e não no nosso merecimento. Ganhamos um descaramento saudável para mendigarmos mais da graça de Deus para as nossas necessidades. E quando esse pedido é feito segundo esta lógica, de nos apresentarmos como literalmente miseráveis, mais Deus nos responde. É isso que Tiago nos diz na sua Carta, no capítulo 4, versículo 3, quando menciona que: “Pedis e não recebeis, porque pedis de modo errado, só para gastardes em vossos prazeres.” Este mesmo Tiago termina a sua carta dizendo no capítulo 5, versículos 13 a 15, que temos legitimidade para orarmos pelo fim da nossa aflição e orarmos pelo fim das nossas doenças. Porque, quando pedimos o que Cristo quer para nós, podemos receber o que ele tem para nós.

Se eu me estimar contra o que Jesus quer para mim, naturalmente faço da minha auto-estima uma vaidade. Muitas vezes queremos Jesus como um meio de atingirmos um desejo para nós, desejo esse que alimentámos a partir de outra fonte que não ele. Nessas ocasiões, a nossa insistência não é fé, mas teimosia. O puritano Anthony Burgess dizia que, “se as nossas orações não forem achadas em Cristo, não são apelos a Deus, mas provocações”. Se nos estimarmos a partir do que Jesus quer para nós, então fazemos bem. Essa será uma boa auto-estima. Teremos estima pela nossa santidade, pela nossa adoração, pelo nosso amor por Deus e pelos outros. Por que é que quando falamos em auto-estima falamos tão pouco acerca de santidade, de adoração, de amor por Deus e pelos outros?

Façamos da nossa necessidade de estimarmos os outros e a nós próprios um motivo para nos identificarmos com a mulher siro-fenícia. Com a sua carência. Vivamos conciliados com o facto de sermos completamente carentes de Deus. Dependermos da sua

misericórdia conosco. Sejamos criaturas com necessidades assumidas a partir do encontro que temos com Jesus. Procuremos Cristo sem vergonha com as muitas necessidades que temos. Ele não nos repelirá. Muitas vezes o que nos afasta de Cristo não é o que sentimos que ele já nos dá. Muitas vezes o que nos afasta de Cristo é não levarmos até ele o que ele ainda não nos deu. Construímos imagens religiosas muito seguras e não lhe mendigamos realmente que ele nos transforme nas nossas fraquezas. Esta mulher fez uma berraria até que Cristo a atendesse. Quando foi a última vez que nos desunhámos pela misericórdia de Cristo? Sejamos mais carentes diante de Cristo! Construamos a nossa auto-estima a partir de assumir a sua carência diante do Filho de Deus. Ironicamente, e como nota James Edwards, a mulher siro-fenícia é a primeira no Evangelho a perceber uma parábola de Jesus. A necessidade aguça o engenho.

Em terceiro e último lugar, combatamos como esta mulher siro-fenícia combateu pela sua carência. Sejamos obedientemente atrevidos diante de Deus. Procuremos respostas bem-humoradas a aparentes negas. Espevitemo-nos espiritualmente. Desejemos mais de Deus e respondamos de acordo com esse desejo. Não nos deixemos ficar. Apliquemos este princípio a nós e aos outros. Estimemos os outros. Espicacemos conversas vivas com eles, arrebitadas e provocantes, para que Cristo lhes apareça como solução, sem cultivarmos facilidades e paternalismos. Não para que os egos se suplantem, mas para que os corações se submetam. É assim que Jesus faz acontecer as coisas.

Que o Senhor nos ajude.

---

5 de Fevereiro de 2012.

21

JESUS MUDA O MUDO E MUDA A MULTIDÃO



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 7:31—8:1-9: “31 De novo, se retirou das terras de Tiro e foi por Sidom até ao mar da Galileia, através do território de Decápolis.32 Então, lhe trouxeram um surdo e gago e lhe suplicaram que impusesse as mãos sobre ele.33 Jesus, tirando-o da multidão, à parte, pôs-lhe os dedos nos ouvidos e lhe tocou a língua com saliva;34 depois, erguendo os olhos ao céu, suspirou e disse: “*Efatá*!”, que quer dizer: “Abre-te!”35 Abriram-se-lhe os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente.36 Mas lhes ordenou que a ninguém o dissessem; contudo, quanto mais recomendava, tanto mais eles o divulgavam.37 Maravilhavam-se sobremaneira, dizendo: “Tudo ele tem feito esplendidamente bem; não somente faz ouvir os surdos, como falar os mudos.” [Capítulo 8:]1 Naqueles dias, quando outra vez se reuniu grande multidão, e não tendo eles o que comer, chamou Jesus os discípulos e lhes disse:2 “Tenho compaixão desta gente, porque há três dias que permanecem comigo e não têm o que comer.3 Se eu os despedir para suas casas, em jejum, desfalecerão pelo caminho; e alguns deles vieram de longe.”4 Mas os seus discípulos lhe responderam: “Donde poderá alguém fartá-los de pão neste deserto?”5 E Jesus lhes perguntou: “Quantos pães

tendes?” Responderam eles: “Sete.”6 Ordenou ao povo que se assentasse no chão. E, tomando os sete pães, partiu-os, após ter dado graças, e os deu a seus discípulos, para que estes os distribuíssem, repartindo entre o povo.7 Tinham também alguns peixinhos; e, abençoando-os, mandou que estes igualmente fossem distribuídos.8 Comeram e se fartaram; e dos pedaços restantes recolheram sete cestos.9 Eram cerca de quatro mil homens. Então, Jesus os despediu.”

Do estrangeiro Jesus segue para Decápolis, o território no Sudeste do Mar da Galileia, onde já tinha estado quando curou o endemoninhado gadareno e de onde foi constrangido a sair. O tempo que havia passado desde esse milagre terá sido o suficiente para criar mais procura por Jesus — a sua popularidade não para. Por isso, facilmente se reúne uma multidão que acolhe ansiosamente o grupo do Messias.

À semelhança do que aconteceu no capítulo 2, na cura do paralítico de Cafarnaum, um surdo-mudo surge, não pela sua iniciativa, mas levado. Ao contrário do que é costume até este ponto do Evangelho de Marcos, Jesus decide trazer o doente à parte, evitando o contato com o ajuntamento. Sem que o texto nos explique, a Escritura detalha os gestos de Jesus (tocando nos ouvidos do surdo-mudo e levando a mão onde tinha cuspido à língua do surdo-mudo) — há uma espécie de solenidade aqui a acontecer. Esta solenidade não significa que entendamos todos os porquês ou a mecânica do milagre, mas a coreografia lembra-nos de que um ato fantástico também é fantástico por ser belo. E há beleza em tudo isto.

Como na primeira multiplicação dos pães, Cristo levanta os olhos ao céu. E suspira. Quando o faz não é em jeito de incapacidade, mas de reconhecimento de dependência e comunhão com o Pai, ao mesmo tempo que mostra empatia com a necessidade daquele surdo-mudo. *Efatá* é o termo original no aramaico (um costume de contextualização de Marcos) e significa “abre-te”. Os efeitos são

imediatos e aquele homem que falava dificilmente tem agora abertos “os ouvidos, e logo se lhe soltou o empecilho da língua, e falava desembaraçadamente”. Jesus dependeu de Deus Pai para desprender a língua daquele homem. Até o milagre pressupõe uma mensagem de dependência. O poder de Jesus é poder, mas é poder que se liga ao poder de quem o enviou — o Pai.

Há uma dinâmica curiosa quando Jesus recomenda ao surdo-gago que não faça publicidade do milagre que acabou de lhe acontecer. Para todos os efeitos, a primeira coisa que Jesus pede ao homem a quem acabou de restituir a fala é que fique calado. Jesus dá a fala e manda calar. No mínimo, é paradoxal. A palavra revela, todavia, que, quanto mais proibia, tanto mais divulgavam. E devemos voltar a recordar a cura do leproso no final do primeiro capítulo deste Evangelho. Uma vez mais, os curados mostram-se desobedientes. É possível receber de Cristo algo extraordinário e fazer disso uma razão para não lhe seguir o conselho. É como se a obediência silenciosa fosse um milagre maior do que dar fala a um surdo-mudo.

É provável que a intenção do ex-surdo-mudo, ao falar do milagre, fosse boa. Certamente que não iria querer fazê-lo para denegrir a reputação de Jesus. No entanto, a verdade é que o homem que o curou lhe pediu o contrário. E, por muitas voltas que demos, Jesus não consegue sacar obediência dali. Uma das lições mais seguras talvez seja reconhecer que o cristianismo não é escravo da popularidade. Há algo mais subtil que também acontece numa intervenção sobrenatural divina, que vai além do impacto. Uma vez mais, há um fantástico além do fantástico que não se mede em publicidade. O trabalho que Jesus faz parece apontar para outro tipo de trabalho, mais profundo e desafiador.

Não só a reputação de Jesus cresce, como agora merece a apreciação de ser esplêndida — os surdos ouvem e os mudos falam. Jesus chega e tudo está sujeito a ser transformado. Ao nível do que é visível e ao outro também. O facto de as massas não

compreenderem todo o alcance do trabalho de Cristo não significa que possam ser separadas desse trabalho. Se o texto bíblico não nos dá a garantia de as multidões acolherem inteiramente Jesus, isso não significa que tenhamos o direito de expulsar Jesus das multidões. Jesus faz questão de mexer na vida de pessoas que não o compreendem completamente.

E vai ser ainda no território de Decápolis que, pela segunda vez, Jesus multiplicará os pães para alimentar uma multidão que o acompanhava há três dias. Não existem razões para achar que este episódio é uma repetição do relato do milagre semelhante anterior. Nesta ocasião, é o Mestre quem toma a iniciativa, o número dos presentes é diferente, o número de pães também, assim como o de cestos (maiores, aqui alcofas), e o lugar é outro. É natural que nos questionemos acerca da memória dos discípulos, a partir do diálogo narrado que mostra a pergunta dos discípulos inquirindo o Senhor sobre o que fazer — num caso em que a comida voltava a faltar, o mais natural não era simplesmente pedir a Jesus: “Senhor, faz lá o truque da multiplicação outra vez?”

Trench sugere que “em muitas ocasiões os discípulos estiveram com o Mestre perante multidões, e só por uma vez ele os alimentou sobrenaturalmente até à ocasião”. Ou seja, nem todas as necessidades eram corridas a milagres ou à repetição dos mais exuberantes. Ainda além disso, diríamos que o texto não se mostra preocupado em deslindar esta questão. O texto bíblico não está interessado em justificar a suposta falta de memória dos discípulos, mas está interessando em dizer que aquilo que eles compreendem continua a ficar distante do que Jesus pensa. Este texto quer fazer-nos ver que, uma vez mais, na hora de Jesus agir, os seus discípulos continuam a leste. O trabalho de ser contra Jesus não é fácil, mas o de ser a favor dele é mesmo difícil.

Assim, apliquemos este texto bíblico à nossa vida.

1. Se é verdade que o cristianismo não depende da publicidade, também é certo que não a repele totalmente. Jesus trabalha na privacidade e nas multidões. Os milagres acontecem nos dois contextos e não estão constrangidos por nenhum deles.
2. A obediência cristã não é necessariamente um contágio explosivo nem um gesto feito às escondidas. Mas passa fundamentalmente por uma carência de Cristo (essa limitação vê-se nas incapacidades do surdo-mudo e na fome da multidão) e por um posterior contentamento. O nosso objetivo, enquanto discípulos de Jesus, não é vivermos entre um polo de falarmos muito ou de estarmos muito calados. O nosso objetivo é o contentamento, podendo ele ser mais ou menos exteriorizado.
3. Sejamos ou não as melhores testemunhas, um facto é certo: Cristo faz tudo bem. Quer haja um grande impacto provocado pelo nosso testemunho, quer haja apenas silêncio, o importante é que no centro esteja Cristo e não tanto os efeitos provocados. Jesus soube dar fala a um surdo-mudo e mantê-lo calado. Jesus soube multiplicar a comida para alimentar uma multidão. O comum entre estes dois extremos é o facto de ambos serem realização de Cristo. Jesus tanto muda o mudo como muda a multidão. Agora, é trabalhar nessa mudança — essa é também uma espécie de milagre além do milagre.

Que ele nos ajude.

---

12 de Fevereiro de 2012.

22

FERMENTO NO PROVISÓRIO



Diz a palavra em Marcos 8:10-26: “10 Logo a seguir, tendo embarcado juntamente com seus discípulos, partiu para as regiões de Dalmanuta.11 E, saindo os fariseus, puseram-se a discutir com ele; e, tentando-o, pediram-lhe um sinal do céu.12 Jesus, porém, arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: “Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não se lhe dará sinal algum.”13 E, deixando-os, tornou a embarcar e foi para o outro lado.14 Ora, aconteceu que eles se esqueceram de levar pães e, no barco, não tinham consigo senão um só.15 Preveniu-os Jesus, dizendo: “Vede, guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes.”16 E eles discorriam entre si: “É que não temos pão.”17 Jesus, percebendo-o, lhes perguntou: “Por que discorreis sobre o não terdes pão? Ainda não considerastes, nem compreendestes? Tendes o coração endurecido?18 Tendo olhos, não vedes? E, tendo ouvidos, não ouvis? Não vos lembrais19 de quando parti os cinco pães para os cinco mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes?” Responderam eles: “Doze!”20 “E de quando parti os sete pães para os quatro mil, quantos cestos cheios de pedaços recolhestes?” Responderam: “Sete!”21 Ao que lhes disse Jesus: “Não compreendeis ainda?”22 Então, chegaram a Betsaida; e lhe

trouxeram um cego, rogando-lhe que o tocasse.23 Jesus, tomando o cego pela mão, levou-o para fora da aldeia e, aplicando-lhe saliva aos olhos e impondo-lhe as mãos, perguntou-lhe: “Vês alguma coisa?”24 Este, recobrando a vista, respondeu: “Vejo os homens, porque como árvores os vejo, andando.”25 Então, novamente lhe pôs as mãos nos olhos, e ele, passando a ver claramente, ficou restabelecido; e tudo distinguia de modo perfeito.26 E mandou-o Jesus embora para casa, recomendando-lhe: “Não entres na aldeia.”” A comitiva de Jesus não para e segue para Dalmanuta. Diz-nos o versículo 11 que os fariseus vão ao seu encontro, mais uma vez comprovando a seriedade que aplicam na tarefa de serem contra Cristo. Temos de dar crédito à disciplina de combate teológico destes homens, que se ausentam da sua base segura, em Jerusalém, para marcarem presença na grande maioria dos lugares da digressão galileia de Jesus. Estes lugares muitas vezes eram para os fariseus sítios que reprovavam, pela mistura de paganismo que era comum à maior parte dos habitantes. No entanto, talvez fazendo das tripas coração, dispõem-se ao antagonismo cerrado com o Mestre, não ficando no conforto da sua cidade santa. O Senhor pode querer eventualmente evitar os fariseus, mas os fariseus não o evitam a ele. Os inimigos de Jesus são sérios em serem-lhe inimigos — temos muito a aprender com a dedicação deles.

O Evangelho de Mateus, narrando o mesmo episódio (Mateus 16:1-12), detalha que com os fariseus estão também os saduceus (como já vimos, que também podiam ser tratados por herodianos), a classe religiosa mais progressista.

Isto recorda-nos que a oposição a Jesus junta os tipos mais diversos de gente, dos conservadores aos liberais. Odiar Cristo parece ser o ecumenismo dos ecumenismos. E, procurando criar mais uma oportunidade de apanhar o Mestre em falso, pedem-lhe um sinal. Através disto, sugeriam que Jesus fizesse alguma coisa realmente divina para provar que era um profeta a sério. O que está

na base deste pedido é, todavia, não uma necessidade sincera que eles tinham de reconhecer Jesus, mas a convicção prévia que tinham de que não se podia confiar nele. E se houvesse alguém que deveria atestar da qualidade do Mestre, eram eles como digníssimos representantes da classe religiosa. Na prática, este sinal que é pedido não é para se ter mais fé em Jesus; este é um sinal para se ter mais submissão aos religiosos daquele tempo. A resposta de Jesus não poderia ser mais oposta a essa presunção dos fariseus.

À especulação teológica Jesus responde com as vísceras. Arrancou do íntimo do seu espírito um gemido e disse: “Por que pede esta geração um sinal? Em verdade vos digo que a esta geração não será dado sinal algum.” E deixou-os, passando de barco para a outra margem. Em mais nenhuma ocasião é descrito deste modo o suspiro do Mestre. O que ele revela é mais do que cansaço, enfado ou simples falta de paciência. No sinal que lhe pedem está uma rejeição convicta do que Cristo é e tem feito. No fundo, e como diz Darby, é sobre as próprias provas que Jesus já tem dado que os fariseus constroem a sua dúvida. Quanto mais o Senhor revela, menos os religiosos aceitam, e por isso o pedido que fazem não é uma abertura a ver, mas uma certeza de fechamento. Não é apenas Jesus que interrompe a conversa, é ela que já está terminada no coração dos seus opositores. Eles inquirem, mas na verdade não querem saber. Quantas das perguntas que ao longo do tempo fazemos a Deus não são também assim? Perguntamos, mas no coração já chegámos a uma conclusão prévia. Se assim é, elas não chegam a ser perguntas sinceras.

Mateus dá um pormenor que Marcos não. Revela que o Mestre fala no sinal de Jonas, que tradicionalmente é prefigurado como um símbolo da ressurreição futura de Cristo (Jesus está três dias na sepultura do mesmo modo que o profeta contrariado do Velho Testamento esteve dentro do estômago do peixe). Entre os futuros capítulos 3 e 5 do Livro de Atos teremos o desfecho desta

comparação, quando lemos que o Sinédrio se manterá incrédulo perante as notícias da ressurreição de Jesus. Mesmo quando Jesus completa as coisas, os seus inimigos fazem questão de não o reconhecer. No fundo, boa parte das suas perguntas limita-se a ilustrar as suas certezas prévias. O silêncio do Messias é a resposta mais eloquente a uma atitude destas.

Há ironias saborosas nesta porção da palavra. O sabor é aqui mesmo muito importante. Primeiro, porque ainda agora saímos de um milagre onde o sabor era central, na segunda multiplicação dos peixes e dos pães. Segundo, porque esse mesmo milagre vai ser chamado para a conversa que Jesus tem com os discípulos. Jesus vai falar sobre fermento e quer que os discípulos não se esqueçam dos pães que ainda agora provaram. Realmente, Jesus liga uma coisa a outra porque sabe que os discípulos estão a tirar pouco proveito da sua generosidade. Como assim? “Guardai-vos do fermento dos fariseus e do fermento de Herodes”, diz-lhes. Os discípulos interpretam a frase como se Jesus estivesse a constatar acidamente que eles tinham feito uma fraca gestão dos alimentos que sobraram da multiplicação (versículo 16). Mas o sentido de culpa dos discípulos não está no sítio certo. E, como a sucessão de rajada de oito perguntas vai mostrar, Jesus não está interessado em apontar-lhes a falta de sentido prático quotidiano, mas a falta de sentido prático eterno. O que lhes falta é muito mais do que o pão. É o tipo de alimento para o qual, tristemente, nem sequer mostram fome. Os discípulos, naquele imediato, sentem o tipo de culpa errada.

Ao longo de toda a Bíblia, a figura do fermento é geralmente associada ao pecado, e apenas nas parábolas de Cristo aparece como algo positivo. O fermento dos fariseus e dos herodianos, os dois extremos da oposição a Jesus, representava, por um lado, o legalismo e, por outro, o mundanismo. Quer a grande exigência de padrões éticos, quer o relaxamento e o comodismo moral podiam ser modos de ignorar a essência da experiência cristã, e por isso o

Mestre adverte os seus seguidores. Quer o zeloso, quer o progressista, são bons a mostrar um crescimento que é artificial, da mesma maneira que o fermento faz com a farinha. Fixos e flexíveis usam ambos maneiras de tornar maior aquilo que na verdade é escasso. Os discípulos de Jesus, todavia, são chamados a educar o olhar além das aparências.

Nestas oito perguntas de Cristo podemos, pelo menos, compreender três insinuações que redundam numa acusação final. A primeira é que os discípulos não estão a usar a sua inteligência como deviam (falta de consideração e compreensão no versículo 17, olhos e ouvidos fechados no versículo 18). A segunda é que os discípulos revelam um coração duro (versículo 17). A terceira é que os discípulos têm uma memória curta (no versículo 18, que servirá de base para Cristo perguntar sobre o número de cestos que recolheram dos restos dos dois milagres da multiplicação dos pães, de onde sairá uma resposta correta dos discípulos). A pergunta final, “Não compreendeis ainda?”, à qual é provável que no imediato nos sintamos tentados a ficar do lado dos discípulos, sem compreensão, leva em si a tal acusação final que é de falta de fé. Os discípulos não estão a compreender porque não estão a dar uso aos olhos da fé, sugere Jesus. E a próxima cura, que com a anterior do surdo-mudo, é exclusiva do Evangelho de Marcos, talvez seja a ilustração perfeita dessa lição que Cristo quer ensinar.

Parece que Jesus se afeiçoou ao método da saliva e da privacidade. Agora em Betsaida, opera a única cura gradual narrada nos Evangelhos. Primeiro, e depois de usar a saliva nos olhos e impor as mãos, o cego diz, não sem alguma poesia, que vê os homens andar como árvores. Ao que Cristo reforça o gesto, permitindo agora o total restabelecimento e a nitidez no olhar daquele cego. O aviso último, e apesar de não estar incluído em alguns dos manuscritos, volta a recomendar a ausência de publicidade. Este homem, que acabou de ter os olhos abertos, deve manter a boca fechada, não entrando na aldeia.

Apliquemos este texto à nossa vida em três verbos.

1. Vejamos o verbo “perguntar”. Apresentar uma dúvida não garante que queiramos mesmo saber o que perguntámos. Os ultra-ortodoxos e os liberais questionam Jesus tendo-o previamente rejeitado. De que maneira é que os sinais que pedimos a Deus não podem ser, na verdade, uma fuga da sua presença?
2. Vejamos o verbo “comer”. A fome dos discípulos é ainda apenas física. Os discípulos ainda pensam que a vida deles depende fundamentalmente do que comem. Olham para Jesus como o homem que lhes dá o pão, mas não olham para Jesus como o próprio pão. A lentidão intelectual com que respondem a um Jesus severo, em perguntas que no imediato parecem não fazer sentido, não é grave por mostrar o que não estão a entender na cabeça — é grave por mostrar aquilo que o coração deles ainda não quer comer. Qual o tipo de apetite que temos por Cristo, o real pão da vida?
3. Vejamos o verbo “olhar”. Olhar para a realidade concentrando-nos no agora é entendê-la de maneira incompleta. Ficar pelo momentâneo é colocar fermento no provisório. O cego que vê os homens como árvores precisa da nitidez da eternidade. Crer é ver no longo prazo e isso é que é olhar com clareza.

Que o Senhor nos ajude.

---

19 de Fevereiro de 2012.

23

ARREDA, SATANÁS!



DIZ A PALAVRA EM MARCOS 8:27-33: “27 Então, Jesus e os seus discípulos partiram para as aldeias de Cesareia de Filipe; e, no caminho, perguntou-lhes: “Quem dizem os homens que sou eu?”28 E responderam: “João Baptista”; outros: “Elias”; mas outros: “Algum dos profetas.”29 Então, lhes perguntou: “Mas vós, quem dizeis que eu sou?” Respondendo, Pedro lhe disse: “Tu és o Cristo.”30 Advertiu-os Jesus de que a ninguém dissessem tal coisa a seu respeito.31 Então, começou ele a ensinar-lhes que era necessário que o Filho do Homem sofresse muitas coisas, fosse rejeitado pelos anciãos, pelos principais sacerdotes e pelos escribas, fosse morto e que, depois de três dias, ressuscitasse.32 E isto ele expunha claramente. Mas Pedro, chamando-o à parte, começou a reprová-lo.33 Jesus, porém, voltou-se e, fitando os seus discípulos, repreendeu a Pedro e disse: “Arreda, Satanás! Porque não cogitas das coisas de Deus, e sim das dos homens.””

De Betsaida, Jesus vai para Cesareia de Filipe, região montanhosa a norte, que provavelmente poderia oferecer-lhe mais sossego dos fariseus, saduceus e Herodes Antipas.

Esta ocasião representa o fim do ministério de Jesus na Galileia, onde realizou a maior parte do seu trabalho. Cristo voltará lá depois da ressurreição, mas não mais a Galileia veria milagres e ouviria

parábolas do Senhor. A dedicação do Mestre a estas cidades pouco crentes terminava com este retiro e por isso é normal que procurasse avaliar o resultado do trabalho que tinha feito. Há um clímax que nos é apresentado no final deste capítulo 8 do Evangelho de Marcos. A crucificação, calcula-se, estaria a uns breves seis meses.

É em jeito de exame aos discípulos que Jesus pergunta: “Qual é a opinião que as pessoas têm acerca de mim?” E se primeiro compete aos discípulos dizerem o que os outros dizem acerca de Jesus, logo de seguida o desafio sobra para eles mesmos. “E para vocês, quem é que eu sou, afinal?” As respostas dadas poderiam demonstrar até que ponto os seguidores de Cristo eram influenciados pelo ambiente geral, e até que ponto é que realmente tinham aprendido da exposição tão intensa ao ensino pessoal do Mestre. Como noutras ocasiões, os discípulos são colocados em perspectiva a partir dos outros. Daí que os termos e pronomes usados no texto original acentuem a relação diferenciada entre a opinião popular e a opinião do grupo dos discípulos. Quando o Senhor manda os que o seguem pensarem nos outros, manda-os pensar em si próprios também. Qualquer avaliação geral torna-se particular.

Conforme o ponto de partida, as opiniões acerca de quem Jesus é variam, como já tínhamos aprendido com o remorso de Herodes. Há quem, como ele, assevere Jesus ser João Baptista, outros Elias, outros ainda um dos profetas. “Mas vós”, pergunta o Mestre, “quem dizeis que eu sou?” E o discípulo Pedro toma a dianteira respondendo: “Tu és o Cristo.”

Cristo é *khristos*, grego para “o ungido”, aquele que Deus escolhe (como, por exemplo, tinha acontecido no Velho Testamento com David), a tradução do hebraico “messias”, por quem os judeus esperavam como consumação da promessa feita por Deus a Abraão. Ao que o Mestre responde severamente, praticamente em

jeito de ameaça: “A ninguém digam tal coisa.” Apesar de a resposta estar certa, é preciso saber responder bem à resposta certa.

Pode parecer estranho que Jesus quisesse conservar em segredo a mais importante declaração feita acerca dele até àquele ponto. Provavelmente, este silêncio que Cristo deseja está relacionado com um desejo de evitar um entendimento essencialmente político do seu reino e autoridade. Jesus quer que as pessoas o conheçam além do poder que inevitavelmente exercerá, como o Messias prometido. O certo é que nesta nova secção, que vai deste final do capítulo 8 ao fim do capítulo 10, encontramos a fase derradeira do ministério de Jesus, que terminará na entrada triunfal em Jerusalém, onde o que aqui é colocado em privado se tornará público. Por três vezes Jesus vai falar acerca da sua morte e, aparentemente, nessas três vezes pouco será compreendido (8:31, 9:31, 10:33-34). [Este livro de sermões termina no início de uma nova fase do ministério de Cristo, ficando o segundo volume para tratar dessa época que se seguirá.]

Marcos não conta o que Mateus detalha, no elogio que Jesus dá a Pedro. Aí (em Mateus 16:17-20) fica claro que o apóstolo obteve aquela revelação pelo Pai que está nos Céus, tornando-se a sua afirmação a pedra de edificação da Igreja (não entramos agora em pormenor nas implicações de diferentes interpretações deste texto, que geralmente distinguem protestantes de católicos romanos). Mas, por muito que Pedro tenha acertado na *mouche*, a conversa não vai ficar por aqui. Esta talvez seja uma das conversas mais importantes de toda a Bíblia, e é certamente uma das mais estranhas. Pode-se dizer acerca deste diálogo que rapidamente se passa do Céu para o Inferno. Podemos imaginar Pedro, achando-se o maior pelo bingo que acabou de acertar. Agora é sempre a subir, pensaria. O ensino que Jesus oferece a partir do versículo 31 apresenta o seu sofrimento e a sua morte, não como uma fatalidade, mas como uma necessidade. Essa necessidade aconteceria às mãos da rejeição dos anciãos, sacerdotes e

escribas, seus dedicados inimigos. Jesus coloca agora o assunto às claras, de um modo bem diferente de como até agora acontecia, em que aquilo que era dito parecia enigmático. Pedro, saindo do seu triunfo recente, não consegue lidar com o volte-face no modo de Jesus falar. Como é que é possível que, depois de se saber que Jesus era o Messias, se aceitasse uma conversa mórbida daquelas? Ainda por cima, vinda do próprio Messias. Pedro pensaria no coração: “Que conversa é esta, Mestre? A partir de agora, e tendo em conta que és mesmo aquele de quem estávamos à espera, não há pessimismo que nos agarre, não há inimigos que nos toquem!”

Então, e com o voluntarismo típico dos que não querem ter de lidar com problemas mais sérios, Pedro chama Jesus à parte para repreendê-lo. Incrível. Isso mesmo. Por um lado, devemos reconhecer que o ímpeto de Pedro é compreensível — depois de ter dito a coisa mais certa da sua vida, por que razão quereria ouvir notícias acerca da morte de Jesus? Mas, por outro, como é possível que ele ganhasse a gana de corrigir o próprio Mestre? E a intensidade que coloca na repreensão a Jesus não é uma qualquer — seria parecida com a que Jesus usava quando repreendia demónios. Em Mateus 16:22, a intenção de Pedro é explícita: “Tem compaixão de ti, Senhor. De modo algum te acontecerá.” O que Pedro não esperaria é que, em toda a sua prontíssima injeção de auto-estima no Mestre, estivesse a representar o papel do adversário. Com tão amigável propósito, Pedro estava feito inimigo naquela boa intenção. Haverá algo mais perigoso do que, diante de um grande desafio, ganharmos pena de nós próprios?

Reparemos no degrau inesperado no texto que dá origem a uma reviravolta radical. Ainda agora Jesus elogiava Pedro (facto que curiosamente não é tão detalhado no Evangelho de Marcos, resultado da fonte petrina — até que ponto é que Pedro não quis que Marcos o elogiasse por escrito?), e agora repreende-o com a mesma aspereza com que repreendeu Satanás na tentação do

deserto (Mateus 4:10). Aliás, Jesus usa mesmo para o seu discípulo o nome de Satanás. Mais especificamente na ordem: “Arreda, Satanás! Porque não cogitas das coisas de Deus, mas sim das dos homens.” E quando Jesus faz isto, quebra a privacidade higiénica que Pedro tinha usado, ralhando com Cristo em privado, para agora censurar Pedro em público. A pedagogia de Cristo é duríssima e expõe o discípulo aos olhos de todos. Poderia Jesus ser mais severo?

Há como que um ciclo que se completa aqui. Do louvor pela declaração iluminada de Pedro, vinda de Deus e tornando-o pedra de edificação, rapidamente passámos para a censura violenta que mostra a natureza verdadeiramente satânica da recusa do discípulo em aceitar a necessidade da morte do Mestre, que o torna em pedra de tropeço (Mateus 16:23). Em menos de nada, Pedro passou de pedra de edificação a pedra de tropeço. De voz de Deus, num ápice, Pedro passou a voz do Diabo — este é um ciclo estonteante e que desarma qualquer leitor da Bíblia. Num momento, temos um discípulo em inspirada revelação sobrenatural. Noutro, temos um discípulo em cobarde conselho diabólico. Para tentar compreender como se evolui tão rapidamente do apóstolo com o maior louvor a Jesus para aquele que lhe sugere a fuga ao seu propósito fundamental, apliquemos este texto à nossa vida em três passos.

1. Ver parte não é necessariamente ver o todo. As palavras de Pedro foram as mais acertadas até ao momento, no que diz respeito à compreensão de quem Jesus é. Jesus é o Messias. Resposta divinamente correta! Mas entender que Jesus é o Messias não é necessariamente aceitar que esse Messias precisa de morrer. De que maneira é que podemos admirar Jesus sem querermos aceitar que ele precise de morrer em sacrifício por nós? Há modos de identificarmos Jesus positivamente que são modos de não o aceitar integralmente. Há coisas fantásticas que podemos dizer

acerca de Jesus que não significam que aceitemos o mais fantástico que ele quer fazer por nós, que neste caso é morrer.

2. Não aceitar a necessidade de Jesus morrer por nós, em sacrifício pelos nossos pecados, é ficar pelo nível de respeito a Jesus que até o próprio Diabo aceitou na tentação do deserto: Cristo até pode dominar sobre todo o mundo, desde que esse domínio não seja o domínio sobre nós próprios. Acontece que a perfeita soberania de Deus só se concretiza através do sacrifício. O nosso pecado é de tal modo grave para Deus que alguém precisa de, ao morrer por nós, pagar pelo dano. E é alguém que não pode ser um alguém qualquer. Tendo em conta que Deus é eterno e perfeito, o problema dos nossos pecados para ele é também eterno. Só alguém perfeito pode resolver um prejuízo destes, causado por nós, homens. Só o próprio Deus feito homem tem poder para nos salvar, porque aceita, na sua perfeição, tomar o lugar da nossa incapacidade e responder por ela. De certo modo, podemos dizer que, ao chegar aqui, estamos a chegar ao fantástico além do fantástico — estamos a começar a matar a fome suscitada pelo apetite aberto ao longo do Evangelho de Marcos. Parece que a necessidade de Jesus morrer por nós, enquanto pecadores que somos, e nós aceitarmos essa morte, é o milagre dos milagres. E é um milagre tão exigente que até o mais destacado dos discípulos tem dificuldade em aceitá-lo. Consequentemente, a autocompaixão sugerida por Pedro é uma crueldade do tamanho de uma eternidade longe de Deus. Mesmo que não tenha consciência disso, tem o condão de querer suspender a salvação dos homens.
3. Pedro quer poupar Jesus da morte porque, ainda que não tenha consciência completa disso, quer poupar-se a si próprio. Escolhemos deuses mais civilizados porque

queremos convencer-nos de que não estamos assim tão mal. Repele-nos a ideia de sacrifício porque implica que nos consideremos dependentes de uma solução para nós que não é providenciada por nós mesmos. O cristianismo reabilita-nos desde que aceitemos que, deixados à nossa sorte, somos irreabilitáveis. Como nos ensina a palavra, seríamos arrasados por Jesus. Arreda, Satanás! A pior maldade não é a morte de Cristo por nós, é a nossa vontade de a evitarmos.

Que o Senhor nos ajude.

---

26 de Fevereiro de 2012.

24

AUTONEGAÇÃO E CRUZ



Diz a palavra em Marcos 8:34—9:1: “34 Então, convocando a multidão e juntamente os seus discípulos, disse-lhes: “Se alguém quer vir após mim, a si mesmo se negue, tome a sua cruz e siga-me.35 Quem quiser, pois, salvar a sua vida perdê-la-á; e quem perder a vida por causa de mim e do evangelho salvá-la-á.36 Que aproveita ao homem ganhar o mundo inteiro e perder a sua alma?37 Que daria um homem em troca de sua alma?38 Porque qualquer que, nesta geração adúltera e pecadora, se envergonhar de mim e das minhas palavras, também o Filho do Homem se envergonhará dele, quando vier na glória de seu Pai com os santos anjos.” [Capítulo 9:]1 Dizia-lhes ainda: “Em verdade vos afirmo que, dos que aqui se encontram, alguns há que, de maneira nenhuma, passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus.””

É surpreendente que mesmo em Cesareia de Filipe, terreno pagão a norte de Israel, Jesus conseguisse juntar uma multidão. E o Mestre aproveita a presença dela para dizer mais acerca das implicações da cruz na vida daqueles que acarinham a possibilidade de o seguir. Vale a pena reparar como está no texto: não é dito que, se alguém vem após Jesus, tem de negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo. O que é dito é que, se alguém quer vir após Jesus, tem de negar-se a si mesmo, tomar a sua cruz e segui-lo. Ou

seja, o Messias não está a certificar pessoas de que estão a segui-lo, mas a esclarecer que tão-somente o desejo de querer segui-lo tem implicações. O Senhor não está a carimbar passaportes de peregrinos, mas a avaliar a solidez da vontade de quem diz querer viajar com ele. Não é possível ser cristão sem ter testada a própria vontade de ser cristão. A vontade é muito importante e, por isso mesmo, é a primeira a merecer exame.

Em mais um exame ao coração dos que o ouvem, Jesus explica as condições que permitem acompanhá-lo (e "seguir" significava literalmente não caminhar nem atrás nem à frente, mas ao lado, indo na mesma estrada). O caminho passa pela autonegação e cruz. Negar-se a si mesmo quer dizer perder de vista os interesses pessoais. Como é que se ouviria uma mensagem destas? Não esqueçamos que a cruz é um assunto novo na comunicação entre Mestre e discípulos, tendo o Messias acabado de explicar a necessidade de morrer, esclarecimento imediatamente censurado pela boa vontade prematura e imprudente do apóstolo Pedro. Isso deve levar-nos a reconhecer a surpresa e possível incompreensão que deveria caracterizar o momento daquele ensino. Nunca foi fácil ser ensinado por Jesus, mas agora é quase insuportável.

Por que razão Jesus falava de uma disciplina pessoal negativa, como a pessoa negar-se a si própria? E por que razão Jesus falava de um objeto tão desagradável como a cruz na hora de explicar o significado de ser-lhe fiel? Hoje já estamos habituados a ouvir falar em "autonegação" e "cruz" como palavreado religioso, mas os discípulos não. Para compreendermos como os discípulos ouviriam aquela mensagem, devemos tentar voltar a recuperar alguma da sua estranheza original.

A inclusão dentro do ensino de Jesus de elementos como a autonegação e a cruz acarretavam uma ideia de sofrimento que em pouco condizia com aquilo que se esperava do Messias judeu. Esperava-se que o libertador profetizado soltasse o povo do sofrimento, não que o trouxesse como requisito para aqueles que o

aclamam. Que tipo de libertador é este, afinal? Ficarmos livres do sofrimento não é aquilo que esperamos que um salvador faça por nós? Então, que conversa é esta de trazer o sofrimento como requisito de reconhecer o salvador? Este é um dos aspectos realmente surpreendentes trazidos pelo ensino e vida de Jesus. Deus encarna em Jesus não para eliminar a dor do mundo, mas para sofrê-la no seu próprio corpo. Como é que, na coisa boa que é haver um salvador, podemos enquadrar uma mensagem de sofrimento?

A cruz era uma pena para criminosos. Ora, esta prática penal era aquela que o próprio Jesus iria experimentar daí a pouco tempo: o condenado à crucificação transportaria a trave da cruz até ao lugar da sua execução. O retrato oferecido é tão invulgar quanto aparentemente ilógico para povos habituados à prática de peregrinações. Subitamente, os peregrinos recebem um circuito religioso que é o castigo de um criminoso. Tomar a cruz e seguir Cristo? Jesus está aparentemente a misturar aulas de religião com referências aos aspectos mais violentos do sistema judicial. Jesus está a sugerir que o verdadeiro peregrino é aquele que parece um criminoso. Este é um discurso duríssimo.

A continuação do esclarecimento de Jesus parece ainda mais radical. Quem quiser salvar a sua vida perdê-la-á e quem quiser perder a sua vida, por amor a Jesus e à sua mensagem, salvá-la-á. Se é verdade que Jesus alveja o calculismo, por outro lado, isso não significa que esteja a elogiar suicidas. As pessoas que quererão apenas salvar a sua pele sairão frustradas; e aquelas que perderem a sua vida por causa do Evangelho, apesar da morte, serão bem-sucedidas. O paradoxo ganha nitidez afirmando que as aparências podem iludir. O que para uns é ganhar pode revelar-se uma imensa derrota.

O que desempata o valor que os homens dão à sua vida não é o desejo de sobrevivência, seja ele bem ou mal conseguido, mas a relação de todos com a própria vida de Jesus. O que Cristo ensina é

desarmante: a vida de cada pessoa não vale por si própria, mas pelo que afirma acerca da vida do Filho de Deus. Uma vez mais, a radicalidade de Jesus implica que ele se toma a si próprio como o padrão absoluto de distinção entre o que é bom e o que é mau. Jesus está a tomar-se a si mesmo como estando na posição de Deus. A maneira como vivemos esta vida em relação a Jesus tem consequências profundas.

Aos olhos humanos, um homem pode ganhar o mundo inteiro (o *kosmos*, no original grego, associado aos sistemas do mundo), seja através de poder, ambição concretizada, sucesso ou outros sinais tidos como vitórias. O que Jesus ensina é que, em simultâneo a essa aparente conquista, pode acontecer a perda da nossa alma. O nosso texto em português traduz aqui "alma", mas o original grego é "*psuché*", que já nos versículos anteriores foi usado e traduzido por "vida". Cristo está a falar da existência espiritual, não-física. A ideia é alertar para a possibilidade de o maior triunfo humano significar a maior derrota espiritual. Assim, é possível o homem adquirir tudo o que lhe é exterior e perder o que lhe é intrínseco. É uma contradição que pode ter a duração da eternidade. O Inferno é isto.

Nova ironia prossegue. Que daria um homem em troca da sua alma? Por maiores que sejam os recursos que um homem possa alcançar, eles são insuficientes para lhe comprarem a alma. E recordamos a lição do fermento dos fariseus e herodianos. Se temos no sustento físico a certeza da nossa subsistência, apenas fazemos crescer artificialmente o provisório. É o espiritual que dá vida ao físico, e não o contrário. Acreditar primeiramente no material é um engano que distorce a nossa visão da realidade. É esse equívoco que pode contribuir para "uma geração adúltera e pecadora, que triste e naturalmente se envergonha de Cristo e das suas palavras" porque não o reconhece como verdadeiro fundamento do mundo. As palavras de Jesus são menos uma ameaça e mais uma constatação. A vergonha futura de Cristo corresponde a uma vergonha presente dos que se envergonham

dele. “A glória do Pai e a companhia dos santos anjos” são as maiores e mais cósmicas testemunhas de uma perdição que os perdidos aceitam acerca de si próprios quando desprezam o Messias.

O versículo 1 do capítulo 9 possibilita pelo menos quatro interpretações em relação “aos que não passarão pela morte até que vejam ter chegado com poder o reino de Deus”. Uma é a que diz que o que está em causa é a transfiguração no monte, que está quase a acontecer, onde Jesus seria acompanhado por Pedro, Tiago e João. A segunda interpretação é a que diz que se tratava da ressurreição de Cristo, atestada por todos os discípulos exceto Judas. A terceira maneira de ler é relacionar esta afirmação com a destruição de Jerusalém no ano 70 pelo comandante romano Tito, contemporânea ainda do apóstolo João. A quarta hipótese é associar estas palavras à segunda vinda de Cristo, onde o sentido da visão física não seria literal, mas escatológico. Há várias maneiras de ler esta chegada do reino.

No fecho deste sermão, e tendo em conta que a intensidade continua a subir no Evangelho de Marcos, apliquemos esta temperatura crescente à nossa vida.

1. Seguir Cristo não é uma abstração. Implica uma atitude concreta, revelada neste texto bíblico, que exige autonegação e aceitação da cruz. Não se fala de ascetismo ou fuga da realidade, mas de um caminho que não pode ser trilhado por alguém que fuja de adversidades.
2. É improvável que o sofrimento do Mestre não inspire os seus discípulos. O papel do sofrimento de Cristo que culmina na sua morte é único. Nenhum cristão se salva por sofrer imitando o sofrimento de Jesus. Mas é difícil que autonegação e levar a cruz não impliquem sofrimento. Quem segue Jesus não deseja sofrer, mas, pelo menos, prepara-se para sofrer. O facto de Jesus, sendo homem e Deus, sofrer

implica que o sofrimento não domina sobre Deus, mas que Deus tem como tratar dele. Modernamente, há muitas pessoas que não acreditam em Deus por causa do problema do sofrimento — essa é apenas uma maneira recauchutada de continuar a ter o sofrimento como algo maior do que Deus e que, em último grau, o dissolve. Mas, se tivermos um Deus que sofre, como Jesus, temos um sofrimento que não é maior do que Deus (e a ressurreição, apesar de ainda não chegarmos a ela neste ponto do Evangelho de Marcos, terá muito a dizer sobre isto). Não ter Jesus como Deus contribui para darmos divindade ao sofrimento.

3. Cristo define-se a si próprio como a medida de tudo o que existe. O sucesso da existência de alguém depende de como se relaciona com Jesus. Por isso, quem morre por ele, ganha, e quem ganha sem ele, perde. Jesus é o câmbio da eternidade. Os cristãos são chamados a questionar os conceitos de vitória e de sucesso deste mundo. Jesus está a ensinar que ele é a alavanca de todas as coisas. O milagre dos milagres é os homens conhecerem-se a si mesmos a partir de Jesus Cristo: no que isto significa de negativo, carecendo de serem resgatados por ele; e no que significa de positivo, sendo já aqui transformados na sua essência.

Que o Senhor nos ajude.

---

4 de Março de 2012.

POSLÚDIO



A VIAGEM NO EVANGELHO DE MARCOS está pela metade. Se Deus permitir, o segundo volume evoluirá no caminho começado. Para terminar esta parte do trajeto, repito vinte ideias centrais que colecionamos até agora. Na prática, elas funcionam como máximas para uma reflexão que continue a aprofundar-se. Que assim seja.

1. Maus são todos, mas Deus pode chegar aos piores.
2. Quanto mais sei de Deus, menos me deixo vencer por aquilo que me é desconhecido.
3. Na tarefa de reconhecer o Messias, geralmente o Inferno antecipa-se à Terra.
4. Jesus quer ir além do impacto mais imediato das coisas fantásticas que faz.
5. Jesus, para dizer quem é, prefere identificar-se com os maus e não com os bons.
6. O trabalho de Jesus deve ser avaliado em termos de arrependimento: onde pessoas se arrependem, Jesus faz muito; onde pessoas não se arrependem, Jesus pouco fez.
7. Jesus nunca diz: “Quem não tem ouvidos para ouvir, tivesse.”
8. As parábolas são mensagens cujo meio já se adequa à atitude de quem ouve.

9. A ação divina pode ser mais assustadora do que a ação demoníaca.
10. Uma coisa é pedir soluções a Cristo; outra é tê-lo como a solução.
11. Quem não tem grande confiança em Jesus não lhe traz grandes problemas para ele resolver.
12. A palavra indica-nos que uma coisa é ter milagres na carne, outra é tê-los no coração. Nesse sentido, ser ensinado por Jesus é ter os seus milagres no coração. Ensinar é amar.
13. Ninguém é discípulo de Jesus por ser bom.
14. Jesus faz questão de mexer na vida de pessoas que não o compreendem completamente.
15. O trabalho de ser contra Jesus não é fácil, mas o de ser a favor dele é mais difícil ainda.
16. Odiar Cristo parece ser o ecumenismo dos ecumenismos.
17. Entender que Jesus é o Messias não é necessariamente aceitar que esse Messias precisa de morrer.
18. A pior maldade não é a morte de Cristo por nós, é a nossa vontade de a evitarmos.
19. Não é possível ser cristão sem ter testada a própria vontade de ser cristão.
20. O verdadeiro peregrino, à semelhança de Cristo, frequentemente parece um criminoso.

Conheça outras obras do autor



Depois de quinhentos anos da Reforma, Martinho Lutero ainda é uma figura impactante para a igreja cristã. Este livro é uma prova de sua relevância para nossa época, sobretudo para a igreja. O Reformador, com seus dentes afiados, dá três dentadas que são marcantes para onosso contexto atual:

- A primeira chama-se “Maldade”. Nela o Reformador diz que somos piores do que pensamos.

- A segunda chama-se “Meninada”. Nela o Reformador dá um exemplo de educação dos filhos.

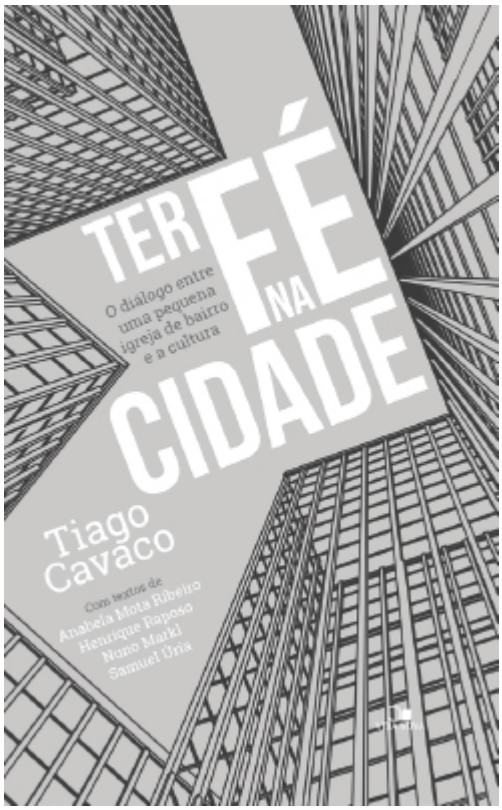
- A terceira chama-se “Música”. Nela o Reformador corrige-nos o ritmo.

É só quando Lutero nos ofende que aprendemos alguma coisa com ele. Este livro não é um tratamento objetivo da personagem histórica. É uma apologia de Lutero e só cumprirá seu propósito se incomodar o leitor.



Nos dias de hoje, talvez não seja exagero dizer que boa parte de nossa cultura seja tolerante com a preguiça. Antes ela era condenada por ser tida como comportamento condenável. Hoje é muitas vezes considerada um traço de caráter. Deixou de ser algo mau que se fazia para ser algo neutro, que não se pode controlar.

Em *Seis sermões contra a preguiça*, o autor expõe habilmente seis passagens bíblicas que confrontam a nossa cultura nessa área tão primordial e revelam a preguiça disfarçada em disposições e ações do dia a dia que normalmente não vemos como preguiça. A obra é um poderoso antídoto à letargia e ao ativismo do nosso tempo, é uma análise profunda que nos leva a repensar, diante de Deus, o trabalho, o ócio, o lazer, o uso do tempo, o tipo de vida que glorifica a Deus.



Neste livro inovador e provocativo, o autor responde a uma importante indagação: “A religião até pode ter servido para o meu antepassado que vivia no interior, mas como pode servir para a minha vida moderna na cidade?”.

Ao partilhar o diálogo que uma pequena igreja de bairro tem mantido com a cultura à sua volta, ele sugere uma resposta: o cristianismo é não apenas adequado para a vida moderna nos grandes centros urbanos em que habitamos, mas também urgente para essa vida. Quando temos fé em Cristo em contextos que podem ser desfavoráveis, podemos ter a verdadeira fé na cidade.

1 O mesmo que “sobrenomes”, no português do Brasil.

2 O mesmo que “não desiste”.


TIAGO CAVACO
SEIS SERMÕES
CONTRA A
PREGUIÇA
VIDA NOVA

Seis sermões contra a preguiça

Cavaco, Tiago
9788527507394
112 páginas

Compre agora e leia

Nos dias de hoje, talvez não seja exagero dizer que boa parte de nossa cultura seja tolerante com a preguiça. Antes ela era condenada por ser tida como comportamento condenável. Hoje é muitas vezes considerada um traço de caráter. Deixou de ser algo mau que se fazia para ser algo neutro, que não se pode controlar. Em Seis sermões contra a preguiça, o autor expõe habilmente seis passagens bíblicas que confrontam a nossa cultura nessa área tão primordial e revelam a preguiça disfarçada em disposições e ações do dia a dia que normalmente não vemos como preguiça. A obra é um poderoso antídoto à letargia e ao ativismo do nosso tempo, é uma análise profunda que nos leva a repensar, diante de Deus, o trabalho, o ócio, o lazer, o uso do tempo, o tipo de vida que glorifica a Deus.

Compre agora e leia


TIMOTHY KELLER
dEUSES FALSOS
AS PROMESSAS VAZIAS
DO DINHEIRO, SEXO E PODER,
E A ÚNICA ESPERANÇA
QUE REALMENTE IMPORTA
VIDA NOVA

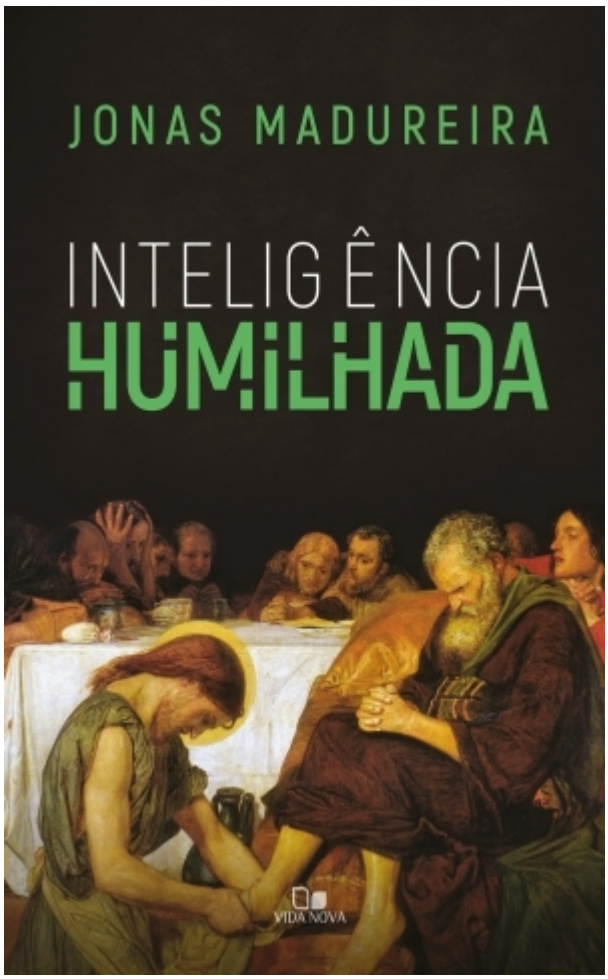
Deuses falsos

Keller, Timothy
9788527508759
192 páginas

Compre agora e leia

Sucesso, dinheiro, amor verdadeiro — a vida perfeita. Muitos de nós depositam a fé e a esperança nessas coisas, acreditando que sejam capazes de trazer a felicidade. No fundo, porém, sabemos que nada disso pode garantir satisfação plena. Por isso não é de surpreender que nos sintamos perdidos, solitários, desencantados e ressentidos. Só o Deus verdadeiro pode satisfazer totalmente nossos desejos, e este é o momento perfeito para encontrá-lo novamente... ou, quem sabe, pela primeira vez.Em Deuses falsos, Timothy Keller mostra que uma compreensão adequada da Bíblia revela a verdade acerca da sociedade e de nosso próprio coração. Nessa mensagem poderosa, enxergamos nossa tendência de buscar em outras coisas aquilo que só Deus pode nos dar. Também somos apresentados a um novo caminho: aquele que leva a uma esperança que não pode ser abalada pelas circunstâncias da vida

Compre agora e leia


JONAS MADUREIRA
INTELIGÊNCIA
HUMILHADA
VIDA NOVA

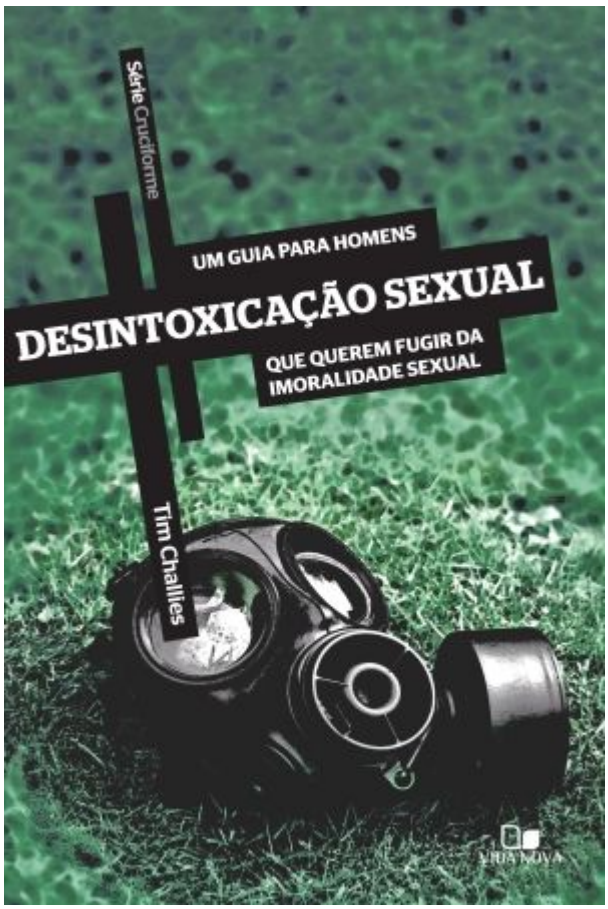
Inteligência humilhada

Madureira, Jonas
9788527507745
336 páginas

Compre agora e leia

Inteligência humilhada é fruto de uma cuidadosa reflexão sobre como se relacionam o conhecimento de Deus e os limites da razão humana. Além disso, é o resgate de uma tradição do pensamento cristão que sempre se recusou a reduzir o debate entre fé e razão nos termos do racionalismo ou do fideísmo. A finalidade do conceito de "inteligência humilhada" é despertar o interesse por uma razão que ora e uma fé que pensa. Seguindo o conselho de João de Salisbúria, Jonas Madureira subiu nos ombros de cinco gigantes da tradição cristã: Agostinho de Hipona, Anselmo da Cantuária, João Calvino, Blaise Pascal e Herman Dooyeweerd. Todos eles serviram de ponto de partida e fundamentação do conceito. Ao longo deste livro, essas cinco vozes, sobretudo a de Agostinho, são ouvidas nos mais diversos assuntos: teologia propriamente dita, revelação natural, problema do mal, gramática da antropologia bíblica, formação de um teólogo entre outros.

Compre agora e leia


Série Crucifórme
UM GUIA PARA HOMENS
DESINTOXICAÇÃO SEXUAL
QUE QUEREM FUGIR DA IMORALIDADE SEXUAL
Tim Challies
VIDA NOVA

Desintoxicação sexual

Challies, Tim
9788527505109
112 páginas

Compre agora e leia

Você não aguenta mais tanta pornografia? É hora de se desintoxicar. Este livro apresenta um retorno à saúde, um retorno à normalidade. Uma alta porcentagem de homens precisa se desintoxicar da pornografia, ou seja, recomeçar do zero do ponto de vista moral e psicológico. Seria o seu caso também? Se for, ainda que nem saiba disso, a pornografia corrompeu sua maneira de pensar, enfraqueceu sua consciência, distorceu seu senso de certo e errado e deformou seu entendimento e suas expectativas a respeito da sexualidade. Você precisa de um recomeço conduzido por Aquele que criou o sexo. "Numa época em que o sexo é venerado como um deus, um livro pequeno como este é capaz de dar uma grande contribuição, ajudando os homens a superar o vício do sexo." Pastor Mark Driscoll, Mars Hill Church

Compre agora e leia


VOCÊ É
AQUILO QUE AMA
O PODER ESPIRITUAL do HÁBITO
JAMES K. A. SMITH

Você é aquilo que ama

Smith, James
9788527507899
256 páginas

Compre agora e leia

Você é aquilo que ama. Mas pode ser que você não ame o que pensa que ama. Nosso coração é moldado fundamentalmente por tudo o que adoramos. Talvez sem perceber, somos ensinados a amar deuses rivais em lugar do verdadeiro Deus para o qual fomos criados. Embora tenhamos a intenção de moldar a cultura, nem sempre temos consciência de quanto a cultura nos molda. Em Você é aquilo que ama, James K. A. Smith nos ajuda a reconhecer o poder formador da cultura e as possibilidades transformadoras das práticas cristãs, redirecionando nosso coração para o que de fato merece nossa adoração. Smith explica que a adoração é a "estação da imaginação", capaz de incubar nossos amores e anseios de tal modo que os nossos engajamentos culturais tenham sempre Deus e o reino como referenciais. É por essa razão que a igreja e o culto em uma comunidade local de crentes devem ser o centro da formação e do discipulado cristãos. O autor engaja o leitor fazendo um uso criativo de filmes, obras de literatura e músicas e trata de temas como casamento, família, ministério de jovens, fé e trabalho. Além de tudo, também sugere práticas individuais e comunitárias para moldar a vida cristã. Livro premiado na categoria de melhor livro de 2016 por The Word Guild Canadian Writing Awards

Compre agora e leia